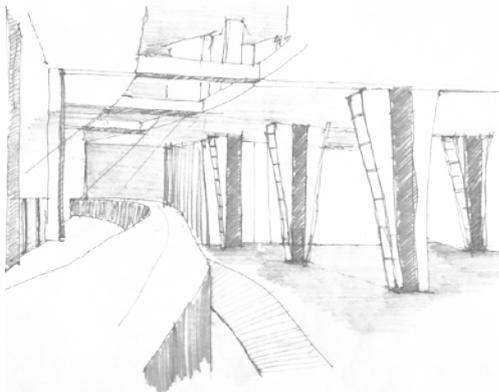


ARQUITETURA SENSORIAL E MEMÓRIA: Reabilitação de um Equipamento Hoteleiro e Spa em Porto de Mós, Vila Forte

Sofia Filipe Pereira de Almeida
(Licenciada em estudos arquitetónicos)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção de Grau de Mestre
em Arquitetura, especialização em Arquitetura de Interiores e
Reabilitação do Edificado



Orientação Científica:

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Professora Doutora Maria Manuela Ferreira Mendes

Júri:

Presidente - Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Vogal - Professor Doutor Nuno Filipe Santos De Castro Montenegro

ARQUITETURA SENSORIAL E MEMÓRIA:

Reabilitação de um Equipamento Hoteleiro e Spa em Porto de Mós, Vila Forte

Sofia Filipe Pereira de Almeida

(Licenciada em estudos arquitetónicos)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção de Grau de Mestre
em Arquitetura, especialização em Arquitetura de Interiores e
Reabilitação do Edificado

Equipa de Orientação Científica:

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Professora Doutora Maria Manuela Ferreira Mendes

Júri:

Presidente - Professor Doutor José Luís Mourato Crespo

Vogal - Professor Doutor Nuno Filipe Santos De Castro Montenegro

Lisboa, FA ULisboa, julho de 2019

AGRADECIMENTOS |

Às minhas orientadoras, Professora Bárbara Massapina Vaz e Professora Maria Manuela Mendes pela vasta disponibilidade em todos os momentos, pelo incentivo, pelas boas sugestões e orientação no desenvolvimento deste Projeto Final de Mestrado.

À Câmara Municipal de Porto de Mós, pela rápida resposta, pela disponibilidade e pela informação cedida, que foi fundamental para o avanço sobre esta investigação.

A todos os docentes que de alguma forma foram importantes no meu percurso académico, em especial ao Professor Nuno Montenegro e ao Professor João Pernão pela motivação, pela curiosidade e pelas ideias em todas as investigações de trabalho.

A todos os autores referenciados nesta investigação, por me inspirarem.

À minha primeira família, em particular, aos meus pais, à minha irmã e à minha tia Dina, por todo o apoio e compreensão que tiveram ao longo destes anos, que foram essencialmente os meus pilares durante este percurso.

Ao João, pela compreensão nas minhas ausências, por todo o apoio e motivação.

À minha segunda família, os meus amigos, pelo companheirismo, pela amizade e pelo profissionalismo colocado em todos os momentos deste percurso. Obrigada Natacha, Rocha, Cheila, André e Bruna.

A todos os que não referi, mas que de certa forma contribuíram para a conclusão desta etapa.

RESUMO |

O presente trabalho é uma reflexão aprofundada sobre a importância da reinvenção da identidade e memória em torno de um espaço arquitetónico através do sistema sensorial do homem.

Motivou-nos a procura de dar a conhecer, melhorar a qualidade de vida e a imagem de Vila Forte. Este interesse derivou da necessidade de refletir e dispor soluções para um edifício imponente que pontua esta vila e que se encontra em abandono, desvalorizando a zona envolvente. A revitalização do espaço urbano que circunda este edifício, transmutado em o Hotel na proposta de intervenção arquitetónica, tornou-se um marco importante para o desenvolvimento e integração do edifício neste lugar, conferindo assim novos uso e novas vivências ao lugar.

Neste processo de reabilitação, o sujeito revela-se uma componente estruturante, capaz de conceber uma ligação emocional com a arquitetura, por via da enfatização da forma e da matéria e do acionamento dos seus sentidos.

Assim sendo, a componente de investigação desencadeada foi de crucial importância para a tomada de decisões sobre as premissas da intervenção urbana e arquitetónica. A análise e experiência do lugar, a auscultação dos residentes e visitantes, e a mobilização de procedimentos complementares de análise que contribuíram de forma decisiva para a definição do programa e da intervenção, ao nível da escala urbana e ao nível da escala do edifício.

A intervenção proposta tem como objetivo recuperar alguns elementos simbólicos invocados a partir da análise da memória coletiva e da matriz identitária manifestada pela população do concelho e que se foram tornando difusos com o passar dos anos. Para tal, a proposta de intervenção procura não apenas beneficiar os residentes do concelho, portomosenses, bem como os visitantes, promovendo social, cultural e economicamente a vila de Porto de Mós.

(283 palavras)

TÍTULO:

Arquitetura Sensorial e Memória

SUBTÍTULO:

Reabilitação de um Equipamento Público em Porto de Mós, Vila Forte

ALUNA:

Sofia Filipe Pereira de Almeida

EQUIPA DE ORIENTAÇÃO:

Professora Doutora Bárbara Mas-sapina Vaz

Professora Doutora Maria Manuela Mendes

Mestrado em Interiores e Reabilitação do Edifício

Lisboa, junho 2019

PALAVRAS CHAVE:

REABILITAÇÃO | MEMÓRIA | SISTEMA SENSORIAL | IDENTIDADE | PORTO DE MÓS

ABSTRACT |

The present work is a detailed reflexion about the reinvention of the identity and memory around an architectural space through man's sensory system.

It motivated us to come to know and elevate Vila Forte's quality of life and overall image. This interest was derived from the need to reflect and provide solutions to an imposing building that punctuates this village and that has been abandoned, devaluing the surrounding area. The revitalization of the urban space that surrounds this building, transmuted into the Hotel in the proposal of architectural intervention, has become an important landmark for the development and integration of the building in this place, thus giving new uses and new experiences to the place.

In this process of rehabilitation, the subject reveals itself as a structuring component capable of conceiving an emotional connection with architecture, through the emphasis on form and matter and the activation of its senses. Thus, the research component was crucially important for decision-making on the premises of urban and architectural intervention. The analysis and experience of the place, the listening of residents and visitors, and the mobilization of complementary procedures of analysis contributed decisively to the definition of the program and the intervention, in terms of the urban scale and the scale of the building.

The proposed intervention aims to recover some symbolic elements invoked from the analysis of collective memory and identity matrix manifested by the population of the county and have become diffused over the years. To this end, the intervention proposal seeks not only to benefit residents of the county, Portomosenses, as well as visitors, promoting socially, culturally and economically the town of Porto de Mós.

(274 words)

TITLE:

Sensory Architecture and Memory

SUBTITLE:

Rehabilitation of a Public Equipament in Porto de Mós, Vila Forte

AUTHOR:

Sofia Filipe Pereira de Almeida

ADVISER TEAM:

Professora Doutora Bárbara Masapina Vaz

Professora Doutora Maria Manuela Mendes

Master's degree in Interiors and building Rehabilitation

Lisbon, junho 2019

KEY WORDS:

REHABILITATION | MEMORY | SENSORY SYSTEM | IDENTITY | PORTO DE MÓS

ÍNDICE GERAL |

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO	VII
ABSTRACT	IX
ÍNDICE DE FIGURAS	XII
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XVII
ÍNDICE DE QUADROS	XIX
LISTA DE ABREVIATURAS	XXI
01. INTRODUÇÃO 	3
01.1 JUSTIFICAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA	4
01.2 OBJETIVOS	4
01.3 QUESTÕES DE PARTIDA E HIPÓTESES	5
01.4 METODOLOGIA E ESTRUTURA ORGANIZATIVA	6
02. PERSPETIVAS TEÓRICAS 	11
02.1 REABILITAÇÃO, REQUALIFICAÇÃO E REVITALIZAÇÃO	12
02.2 SOBRE O CONCEITO DE LUGAR	18
02.3 A IMPORTÂNCIA DA IDENTIDADE CULTURAL	20
02.4 MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA	22
02.5 OS SENTIDOS E A EXPERIÊNCIA ESPACIAL DO SER HUMANO	24
02.6 SINTESE CONCLUSIVA	29
03. ANÁLISE DO LUGAR DE INTERVENÇÃO	33
03.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO	34
03.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DE PORTO DE MÓS	36
03.3 EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA E FUNCIONAL DO LUGAR DE INTERVENÇÃO	41
03.4 OPINIÕES E PERCEÇÕES DOS RESIDENTES, VISITANTES E TRABALHADORES	46
03.5 ANÁLISE SWOT	54
04. A PROPOSTA 	65
04.1 CASOS DE REFERÊNCIA	66
04.1.1 PAVILHÃO DO BRASIL STUDIO ARTHUR CASAS + ATELIER MARKO BRAJOVIC, 2015	67
04.1.2 HEMICICLO SOLAR MADRID RUIZ LARREA Y ASSOCIADOS, 2009	69
04.1.3 HOTEL II SERENO LAGO DI COMO PATRICIA URQUIOLA, 2016	71
04.1.4 SAVOY SACCHARUM RESORT & SPA, RH + ARQUITECTOS, 2015	73
04.2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	75
04.3 PROPOSTA URBANA	77
	XI

i. REESTRUTURAÇÃO DA ÁREA URBANA CRIANDO NOVAS FORMAS DE VIVENCIAR O ESPAÇO	77
ii. CRIAÇÃO DE ESTACIONAMENTO, ÁREAS VERDES E HORTAS COMUNITÁRIAS	78
iii. PROJEÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE UMA ESTRUTURA VERDE URBANA	79
iv. PERCURSO PEDONAL: LIGAÇÃO ENTRE O PARQUE URBANO RIO LENA COM O EDIFÍCIO DE INTERVENÇÃO	81
04.4 PROPOSTA ARQUITETÓNICA	82
05. CONSIDERAÇÕES FINAIS 	103
BIBLIOGRAFIA 	107
LIVROS	107
ARTIGOS DE REVISTAS E JORNAIS	108
TESES DE MESTRADO E DE DOUTORAMENTO	109
CARTAS	109
PÁGINAS WEB	110
ANEXOS 	113
Anexos I Modelo do Inquérito por Questionário	
Anexos II Quadros de Análise dos Inquéritos por Questionário	
Anexos III Análise dos Censos 2011 Porto de Mós	
Anexos IV Processo de Trabalho	
Anexos V Peças Desenhadas	

ÍNDICE DE FIGURAS |

Figura 01 - Porto de Mós vista sobre o Rio Lena	1
Figura 02 - Porto de Mós vista sobre a Ponte	9
Figura 03 - Esquema dos três conceitos que englobam a Regeneração Urbana	12
Figura 04 - Esquema dos aspetos a considerar nos processos de Reabilitação	14
Figura 05 - Esquema de Estratégias de Revitalização Urbana	17
Figura 06 - Esquema metodológico da construção do Modelo Conceptual Modular tendo por referência o modelo apresentado por Amílcar Pires na Tese de Doutoramento em Arquitectura	19
Figura 07 - Esquema gráfico sobre o conceito de Lugar segundo Norberg-Schulz (1979)	19
Figura 08 - Diagrama explicativo dos 5 sentidos	26
Figura 09 - Porto de Mós vista sobre o Castelo	31
Figura 10 - Enquadramento da área de estudo	33
Figura 11 - Vista aérea sobre Porto de Mós e concelhos adjacentes	34
Figura 12 - Mapa do Concelho de Porto de Mós	35
Figura 13 - Planta de Porto de Mós	36
Figura 14 - Coruchéu Interior do Castelo de Porto de Mós	37
Figura 15 - Castelo de Porto de Mós	37
Figura 16 - Entrada Principal Interior do Castelo de Porto de Mós	37
Figura 17 - Ilustração da Fachada Castelo de Porto de Mós	38
Figura 18 - Central Termoelétrica de Porto de Mós Fachada a Norte	39
Figura 19 - Central Termoelétrica de Porto de Mós Passagem Superior de Alimentação	39
Figura 20 - Interior da Central Termoelétrica de Porto de Mós	39
Figura 21 - Central Termoelétrica de Porto de Mós	40
Figura 22 - Estação de Porto de Mós	40
Figura 23 - Construção do troço Porto de Mós/Bezerra, ao km 28 Central Termoelétrica de Porto de Mós	40
Figura 24 - Planta de Porto de Mós Nacional 243	45
Figura 25 - Esquízo da Rede Viária na zona de Porto de Mós	45
Figura 26 - Fachada do edifício de intervenção	51
Figura 27 - Jardim Municipal de Porto de Mós	52
Figura 28 - Lago dos Patos	52
Figura 29 - Parque Verde Porto de Mós	52
Figura 30 - Diagrama da análise SWOT Strength Weaknesses Opportunities Threats	54
Figura 31 - Mapa de sinalização dos Pontos Fortes Strength	59
Figura 32 - Mapa de sinalização dos Pontos Fracos Weaknesses	59
Figura 33 - Mapa de sinalização dos Oportunidades Opportunities	59

Figura 34 - Mapa de sinalização das Ameaças Threats	60
Figura 35 - Planta de Porto de Mós Análise dos usos existentes	61
Figura 36 - Porto de Mós vista sobre o Edifício de Intervenção	63
Figura 37 - Pormenor da Estrutura tensionada Pavilhão do Brasil	67
Figura 38 - Piso térreo Pavilhão do Brasil	67
Figura 39 - Estrutura Tensionada Pavilhão do Brasil	67
Figura 40 - Ilustração do Edifício Pavilhão do Brasil	67
Figura 41 - Caixas com espécies vegetais Pavilhão do Brasil	68
Figura 42 - Piso térreo vista para a rampa	68
Figura 43 - Estrutura tencionada	68
Figura 44 - Interior do Piso Térreo Pavilhão do Brasil	68
Figura 45 - Fachada Sul Hemiciclo Solar	69
Figura 46 - Vista Panorâmica do Hemiciclo Solar	69
Figura 47 - Fachada Norte Hemiciclo Solar	69
Figura 48 - Ilustração do Edifício Hemiciclo Solar	69
Figura 49 - Pormenor da Fachada Norte Hemiciclo Solar	70
Figura 50 - Fachada Norte Hemiciclo Solar	70
Figura 51 - Ilustração do esquema de fachada Norte	70
Figura 52 - Fachada Norte	70
Figura 53 - Fachada Hotel Il Sereno Lago di Como	71
Figura 54 - Vista para o Lago di Como a partir da casa de barcos existente	71
Figura 55 - Escadaria central do Edifício	71
Figura 56 - Sala de Lazer	71
Figura 57 - Quarto tipo	72
Figura 58 - Piscina exterior que parece desaguar no Lago di Como	72
Figura 59 - Jardim vertical no exterior	72
Figura 60 - Fachada Principal Savoy Saccharum Resort & Spa	73
Figura 61 - Vista panorâmica sobre o Hotel Savoy Saccharum Resort & Spa	73
Figura 62 - Vista da piscina exterior para o horizonte	73
Figura 63 - Spa Savoy Saccharum Resort & Spa	74
Figura 64 - Quarto Tipo Savoy Saccharum Resort & Spa	74
Figura 65 - Pormenor Pilar Entrada Principal Savoy Saccharum Resort & Spa	74
Figura 66 - Sala de Lazer	74
Figura 67 - Esquema Volumétrico do Edifício de Intervenção	75
Figura 68 - Fotografia Aérea da Área de Intervenção Porto de Mós	76
Figura 69 - Planta da Área de Intervenção Plano Urbano	77
Figura 70 - Esquízo de estudo do Parque Verde	78
Figura 71 - Esquízo de estudo da Área Urbana Intervenção	78
Figura 72 - Planta de Cobertura Intervenção Urbana	79
Figura 73 - Perspetiva da Estrutura Urbana Intervenção Urbana	80

Figura 74 - Esquiço do Sistema Construtivo Estrutura Verde Urbana	80
Figura 75 - Esquiço da Área Urbana de Intervenção	81
Figura 76 - Esquiço do percurso pedonal	81
Figura 77 - Esquiço do estudo dos Volumes de Intervenção	82
Figura 78 - Esquiço do Corte Transversal Volume A e B	82
Figura 79 - Esquiço do Volume de Intervenção	82
Figura 80 - Esquiço Corte Transversal Transição do interior do Bloco A para o Jardim entre os dois volumes	83
Figura 81 - Planta da área de Intervenção Bloco A e B	84
Figura 82 - Axonometria Explodida Zonamentos	85
Figura 83 - Planta da Área de Intervenção Bloco A	86
Figura 84 - Planta Piso 2 Localização do Ginásio e das Salas de Yoga	86
Figura 85 - Planta Piso 0 Receção Bloco A	86
Figura 86 - Planta Piso 2 Localização da Receção do SPA	87
Figura 87 - Corte Transversal Piscina Termal Bloco A e Bloco B	87
Figura 88 - Planta Piso 0 Piscina Termal Bloco A	87
Figura 89 - Planta Piso 2 Localização das Salas de Tratamento	88
Figura 90 - Esquiço do estudo da distribuição dos espaços SPA	88
Figura 91 - Planta Piso 1 Salas de Tratamento Bloco A	88
Figura 92 - Planta Piso 2 Localização do Ginásio e das Salas de Yoga	88
Figura 93 - Esquiço Estudo da Estrutura SPA	89
Figura 94 - Planta Piso 1 Localização da Área Verde Interior Volume A	89
Figura 95 - Perspetiva interior da Zona Verde SPA	89
Figura 96 - Planta da Área de Intervenção Bloco B	90
Figura 97 - Planta Piso 0 Localização da Receção Volume B	90
Figura 98 - Planta Piso 0 Receção Bloco B	90
Figura 99 - Planta Piso 0 Localização das Salas de Lazer Volume B	91
Figura 100 - Planta Piso 0 Salas de Lazer Bloco B	91
Figura 101 - Planta Piso 1 Localização da Área Técnica Volume B	92
Figura 102 - Planta Piso 0 Área Técnica Bloco B	92
Figura 103 - Planta Piso 1 Localização dos Quartos A	92
Figura 104 - Esquiço do estudo dos quartos	93
Figura 105 - Planta e Corte Transversal do Quarto A Bloco B	93
Figura 106 - Planta Piso 1 Localização dos Quartos B	93
Figura 107 - Planta e Corte Transversal do Quarto B Bloco B	93
Figura 108 - Planta Piso 1 Localização dos Quartos C	94
Figura 109 - Planta e Corte Transversal do Quarto C Bloco B	94
Figura 110 - Esquiço Pormenor Construtivo Quartos	94
Figura 111 - Planta e Corte Transversal do Quarto D Bloco B	94
Figura 112 - Planta Piso 1 Localização dos Quartos D	95
Figura 113 - Planta Piso 3 Localização da Área Técnica do Restaurante	95
Figura 114 - Planta Piso 3 Área Técnica Restaurante Panorâmico	95

Figura 115 - Esquiço do Interior do Restaurante Panorâmico Piso 3	96
Figura 116 - Axonometria Explodida Diagrama de Circulação	97
Figura 117 - Esquiço Estudo da Fachada no Piso 0	98
Figura 118 - Pedra Calcária	98
Figura 119 - Betão	98
Figura 120 - Textura de Pavimentos em Madeira	99
Figura 121 - Carvão em Pedra	99
Figura 122 - Revestimento de uma parede em Carvão	99

ÍNDICE DE GRÁFICOS |

Gráfico 01 - População residente por grupo etário na área de investigação	41
Gráfico 02 - Tempo de inserção na Vila de Porto de Mós	47
Gráfico 03 - Tipo de Transporte que utiliza	48
Gráfico 04 - Principais Problemas da Vila	48
Gráfico 05 - Razões para visitar/frequentar a Vila	49
Gráfico 06 - Relação com a Vila	49
Gráfico 07 - Conhecimentos sobre a origem do nome "Porto de Mós"	50
Gráfico 08 - Conhecimentos sobre a importância e a história da Empresa Mineira do Lena	50
Gráfico 09 - Conhecimentos sobre os costumes, as tradições e as festas da Vila	51
Gráfico 10 - Usos que se poderiam construir no lugar de intervenção	52
Gráfico 11 - Frequência de espaços verdes que frequenta	53

ÍNDICE DE QUADROS |

Quadro 01 - Tipos de Alojamento em 1991 e 2001	42
Quadro 02 - Famílias, Núcleos Familiares, Alojamentos e Edifícios	43
Quadro 03 - Edifícios segundo o tipo de utilização	43
Quadro 04 - Edifícios segundo o número de pisos, 2011	44
Quadro 05 - Análise Interna da Vila de Porto de Mós	55
Quadro 06 - Análise Externa da Vila de Porto de Mós Parte 1	56
Quadro 07 - Análise Externa da Vila de Porto de Mós Parte 2	57
Quadro 08 - Matriz final da análise SWOT da Vila de Porto de Mós	58

LISTA DE ABREVIATURAS |

AMAE - Associação de Municípios da Alta Estremadura

AMLEI - Área Metropolitana de Leiria

CM PM - Câmara Municipal de Porto de Mós

DGPC - Direção Geral do Património Cultural

IC2 - Itinerário Complementar 2

INE - Instituto Nacional de Estatística

NUTS III - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

PDM - Plano Diretor Municipal

PFM - Projeto Final de Mestrado

PNSAC - Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros

RGEU - Regulamento geral das edificações urbanas

RJRU - Regime Jurídico da Reabilitação Urbana

SWOT - Strength, Weakness, Opportunity, Threat

TFM – Trabalho Final de Mestrado

*Eis no outro dia parte a leda gente
Para Porto de Mós aonde já fora
Vencida de Dom Fuas sàbiamente
A gente que Mafoma falso adora;*

Rodrigues Lobo, O CONDESTABRE, Canto XIII,



01. INTRODUÇÃO

Figura 01 - Porto de Mós vista sobre o Rio Lena
Fonte: Elaboração própria, 2019.

01. INTRODUÇÃO |

O presente Trabalho Final de Mestrado na área de especialização de Arquitetura de Interiores e Reabilitação do Edificado incide sobre a Vila de Porto de Mós, concelho que pertence à região de Leiria, tendo como temática central a análise das memórias e dos elementos simbólicos que compõem o sentido de identidade face a este local.

Pretende-se revitalizar as memórias em torno do Rio Lena e do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (PNSAC), enquanto património nacional, propondo-se para o lugar um equipamento que recupere e reatualize pequenos detalhes baseados nas memórias e identidade face a este lugar.

O local de estudo e de intervenção centra-se num edifício abandonado localizado no centro da Vila de Porto de Mós, procurando-se proceder à sua conversão para outros usos, alojando novas funções e experiências que permitam trazer uma maior vitalidade social, cultural e económica à Vila.

Propõe-se reabilitar este edifício, enquanto equipamento capaz de dar resposta às necessidades e estilos de vida da contemporaneidade, sem nunca se perder a memória, a identidade e o simbolismo associado à leitura e experiência deste lugar.

01.1 JUSTIFICAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

Este Projeto Final de Mestrado (PFM) surge do interesse pela reabilitação como estratégia para a requalificação urbana de uma zona que ostenta um conjunto de oportunidades e potencialidades. Concretamente, trata-se da reabilitação de um edifício semiconstruído, abandonado e esquecido com o passar dos tempos. Torna-se impreterível interligar o edifício devoluto e a zona urbana de implantação ao centro histórico da vila, de modo a possibilitar uma maior relação entre residentes e visitantes com o lugar em análise.

O trabalho tem como seu ponto focal a zona de entrada para esta pequena Vila que é bordejada pelo Rio Lena. Esta zona é caracterizada pela sua centralidade no concelho de Porto de Mós, contudo, também apresenta vários aspetos que vulnerabilizam o potencial deste lugar, como a falta de locais que alberguem turistas, problemas na rede viária, nomeadamente na interligação entre as várias freguesias; a existência de marcas identitárias fortes face a este local. Parte desta área encontra-se esquecida, existem vazios urbanos que ao serem inseridos no enquadramento da Vila poderão a nosso ver potenciar novas atividades e vivências em torno deste espaço.

A investigação sobre o passado e as memórias em torno deste local foi o ponto de partida para a implementação de uma estratégia de requalificação, em consonância com as necessidades e carências atuais, preservando-se um quadro de continuidade na evolução futura desta zona de intervenção.

A proposta de intervenção urbana e do edificado a implementar pretendem fundar-se num contexto de conhecimento estratégico, de modo a que esta zona da Vila seja um lugar polarizador não só para a população visitante, mas sobretudo para a população residente. Pretende-se que este passe por um lado, a ser então um lugar de fruição, permanência e contemplação conectado com o resto da Vila. E por outro, que contribua para a redinamização social, cultural e económica do lugar.

01.2 OBJETIVOS

Na concretização deste Projeto Final de Mestrado pretendeu-se atingir objetivos diversos, mas indissociáveis entre si, uns mais centrados na componente de investigação e outros de índole mais prática e projetual.

Na componente de investigação o objetivo geral passou por conhecer e analisar o lugar, para tal mobilizaram-se quer estratégias de investigação de carácter sociológico, quer arquitetónico de forma a criar um equipamento que seja marcante e referencial na vila e que possa contribuir para reforçar a identidade da Vila Forte.

A este nível, também se delinearão, alguns objetivos específicos, a saber:

- Investigar, analisar e compreender a identidade da população residente na Vila de Porto de Mós;
- Perceber a importância que a memória coletiva, o sistema sensorial e a experiência do Homem no espaço assumem para a definição dos

espaços interiores;

- Definir uma estratégia de intervenção atendendo às características e necessidades dos habitantes e do lugar;
- Compreender como é que é possível conceber e interligar um novo equipamento com todas as outras estruturas culturais existentes no lugar, permitindo trazer vitalidade e reforçar a sua identidade.

A proposta de intervenção ao nível urbano passou por se intervir numa área circundante à área do edifício devoluto, que atualmente apresenta uma despreocupação na conexão com a restante área da Vila, promovendo assim uma melhor interação e conectividade desta zona com o centro histórico. A proposta urbana sugere a criação de uma estrutura verde, criando assim mais sombreamento, que faça a ligação e a integração deste lugar devoluto com as restantes áreas da vila. Esta estrutura fará também a ligação do Hotel à Vila, visto que ambas as propostas foram projetadas com o fito de trazer um sentido de unidade e coesão a um todo.

No plano projetual, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- Estabelecer transições entre o parque urbano da envolvente e o equipamento planeado;
- Qualificar o espaço urbano, Parque Verde da Vila Forte, fortalecendo assim a ligação do edifício de intervenção com toda a sua envolvente;
- Reabilitar um edifício devoluto desenvolvendo um programa arquitetónico para este edifício tendo como base os conceitos de identidade, de sistema sensorial e experiência do lugar;
- Perceber como aplicar alguns dos materiais no equipamento, de modo a suscitar experiências sensoriais e representações face ao espaço arquitetónico.

01.3 QUESTÕES DE PARTIDA E HIPÓTESES

Este trabalho procurou responder a três questões que constituem o fio condutor da parte teórica e prática deste TFM.

Q1. De que modo é que a implementação de um equipamento poderá reforçar a identidade local e contribuir para dinamizar a Vila de Porto de Mós?

Q2. Qual o programa mais pertinente para um equipamento no contexto da Vila Forte, que consiga expressar a memória coletiva e a identidade local?

Q2.1. Como criar um equipamento tendo em consideração o sistema sensorial, a memória coletiva e o mundo perceptivo do Homem?

Como possível resposta a estas questões, surgiram as seguintes hipóteses:

H1. A implementação de um Equipamento hoteleiro poderá interligar

as "estruturas locais" de forma a reforçar o sentido de coesão social local e o sentido de identidade.

H2. A reabilitação de um edifício devoluto por via do desenvolvimento de um programa arquitetónico para este edifício, tendo por base um sistema sensorial, experiência do lugar e mundo percetivo poderá reativar a memória e a identidade coletiva.

H3. Na conceção do equipamento serão aplicados os conceitos trabalhados na parte teórica. Será essencial o entendimento da importância dos sentidos na perceção e vivência do espaço por parte do ser humano. Todo o equipamento será projetado tendo por base esta premissa, com o intuito de se criar um edifício percetivo. A interligação das materialidades e do mundo percetivo será fundamental para este edificado.

01.4 METODOLOGIA E ESTRUTURA ORGANIZATIVA

No Projeto Final de Mestrado optou-se por uma metodologia de estudo de caso, uma vez que se mobilizou uma diversidade de técnicas de recolha e análise de informação (análise documental, análise cartográfica, observação direta e inquéritos por questionário) para um melhor entendimento em intensidade e profundidade do caso em estudo. Esta recolha e análise de dados contribuiu para a criação de um programa de projeto tanto urbano como arquitetónico e que aparece desenvolvido na parte prática desta investigação.

Pretendeu-se aplicar todas as aprendizagens feitas ao longo do nosso percurso académico, abrangendo as várias escalas de análise e de intervenção, desde a escala territorial à escala da proposta do edificado, que contempla as vivências do espaço e o detalhe construtivo.

Esta investigação foi organizada em três etapas diferentes, mas que estão interrelacionadas entre si. A primeira fase incidiu no levantamento de informação diversificada através de recolha e análise bibliográfica (livros, artigos, teses e outros documentos históricos) que auxiliaram na procura de respostas às intenções da proposta de projeto; nesta mesma fase procedeu-se à identificação e análise de projetos de referência. Os métodos utilizados nesta fase consistiram na recolha e análise crítica de textos, projetos e outra documentação de carácter histórico que se nos afigurou como mais relevante.

Numa segunda fase, e em ordem à elaboração do enquadramento e contextualização da área de estudo, as técnicas utilizadas foram a observação direta do local e das práticas da população afeta ao lugar de estudo, bem como, a recolha e análise de dados estatísticos, particularmente os Censos de 2011 (INE) que permitiram a caracterização da população e da área de intervenção; um outro procedimento, passou pela aplicação de inquéritos por questionário a residentes, a trabalhadores e a residentes – trabalhadores, com o intuito de compreender o seu sentido de pertença, as necessidades e as dificuldades que experienciam no lugar de intervenção. Nesta fase, recolheu-se ainda informação alusiva às estratégias e planos urbanos do Município de Porto de Mós.

A terceira fase incidiu no desenvolvimento da componente projetual, tendo em conta a análise e diagnóstico do lugar que foram feitas nas fases anteriores. O procedimento empregue implicou o desenvolvimento do processo de intervenção através de uma proposta urbana, concretamente, de reabilitação como estratégia de requalificação urbana, e uma proposta projetual. Foi um processo que englobou várias escalas, desde a escala 1:1000, 1:500, 1:200, 1:100, 1:50 à escala 1:20, podendo assim compreender a escala da cidade até à escala do homem. Todas as peças foram desenhadas à mão sempre com o apoio técnico do autocad, de forma a tirar maior partido das áreas trabalhadas. Para além disso a execução de modelos 3D e maquetes à escala permitiu uma melhor visualização dos espaços tanto ao nível da escala urbana, a vila, como ao nível da escala humana, os quartos.

A estrutura do trabalho reflete as três fases metodológicas previamente supracitadas. Assim, o este documento organiza-se em 3 capítulos, para além da introdução e das considerações finais.

Na Introdução enunciam-se as bases do trabalho levado a efeito, tendo-se apresentado o tema, a área de intervenção, os objetivos e as questões de trabalho, a metodologia e a organização do documento final.

O segundo capítulo corresponde à primeira etapa metodológica, tendo-se feito o enquadramento teórico e conceptual da investigação, tendo-se dado especial atenção a temáticas como a memória, a identidade, a reabilitação para os sentidos e a experiência espacial do ser humano. Em particular, realça-se a importância dos sentidos e da experiência espacial para um melhor entendimento das vivências do ser humano no espaço.

No terceiro capítulo dedicado à análise do lugar de Intervenção, fez-se uma descrição da origem histórica da Vila, uma contextualização e enquadramento territorial e abordou-se a evolução morfológica e funcional do município de Porto de Mós. Também se dá conta da análise dos planos e das estratégias em torno da área em estudo. Por fim, procede-se à análise dos resultados dos inquéritos por questionário que foram realizados na área de intervenção para compreender o sentido de pertença ao lugar, assim como, as carências e expectativas dos residentes, trabalhadores e visitantes.

No quarto capítulo, apresenta-se a Proposta de Projeto. Esta fase do trabalho inscreve-se na terceira fase da metodologia, primeiramente começamos por analisar e apresentar quatro casos de referência que deram auxílio à definição das diretrizes da intervenção, seguidamente a proposta urbana onde se estabelecem os objetivos e modos de atuação, e por fim é descrita a proposta projetual, atendendo às várias escalas e fases de representação e para um melhor entendimento das ambiências espacial e do detalhe projetual.

Por último desenvolvemos e apresentamos as considerações finais onde refletimos sobre as conclusões da investigação desenvolvida e sobre a proposta projetual delineada para o lugar. Nos anexos encontram-se elementos que apesar de complementares foram relevantes para a realização do trabalho.



02. PERSPETIVAS TEÓRICAS

Figura 02 - Porto de Mós vista sobre a Ponte
Fonte: Elaboração própria, 2019.

02. PERSPETIVAS TEÓRICAS |

Com o intuito de uma melhor compreensão dos conceitos que estruturam e fundamentam esta investigação e intervenção projetual, este capítulo procura assim elucidar o que é a reabilitação, assim como, a revitalização e a requalificação, deixando antever qual a intervenção adotada neste PFM. Para um melhor entendimento da estratégia de intervenção, discutem-se alguns conceitos centrais como o de lugar em articulação com a memória e a identidade, aspetos fundamentais para a projeção espacial. Não faria sentido abordar estes conceitos sem introduzir outras dimensões como os sentidos e a experiência espacial. Esta análise permitiu-nos perceber como é que se pode reabilitar um espaço por via da mobilização dos nossos sentidos, sejam eles visuais ou olfativos. Esta discussão teórica possibilitou a idealização de uma reabilitação em que todos os espaços invocam a identidade local e a memória coletiva face ao lugar em análise, configurando-se o sistema sensorial do homem como um instrumento para a experiência espacial.

02.1 REABILITAÇÃO, REQUALIFICAÇÃO E REVITALIZAÇÃO

É importante salientar que existem várias formas de nomear uma estratégia de intervenção tanto ao nível urbano como ao nível da escala do edifício, no entanto, parece haver algumas dificuldades em esclarecer cabalmente o significado de alguns conceitos, parecendo-nos oportuno proceder a uma discussão concetual e clarificadora.

As denominações devem apresentar noções claras e devem ser aplicadas de forma explícita e apropriada à intervenção a que se destina. O início do uso de terminologias empregando o prefixo “re” principia na década de 50¹, ou seja, posteriormente à segunda Guerra Mundial. Neste âmbito e dado o objeto de estudo, passaremos à problematização de três conceitos que nos parecem ser os mais pertinentes: revitalização, requalificação e reabilitação.



Figura 03 - Esquema dos três conceitos que englobam a Regeneração Urbana

Fonte: Elaboração própria, 2018.

REABILITAÇÃO

A reabilitação é uma noção relativamente recente. Este tipo de intervenção só começou a ser implementado com a necessidade de reestruturação de cidades no final da Segunda Guerra Mundial.

A '*Carta Internacional do Restauro*', mais precisamente a '*Carta de Veneza*' (1964), determinou os princípios básicos da preservação e restauro dos antigos edifícios. Neste documento está expresso que cada país seria responsável pela classificação do que seria património arquitetónico tendo como base a sua cultura e a memória.

Na perspetiva de Aguiar, Cabrita e Appleton "*O seu objetivo fundamental*

¹ PASQUOTTO, Geise Brizotti. (2010). Renovação, Revitalização e Reabilitação: Reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas. Revista Complexus - Instituto de Engenharia Arquitetura e Design - INSEAD. Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio CEUNSP- Salto-SP. p.143-149.

consiste em resolver as deficiências físicas e as anomalias construtivas, ambientais e funcionais, acumuladas ao longo dos anos, procurando ao mesmo tempo uma modernização e uma beneficiação geral do imóvel sobre o qual incide – actualizando as suas instalações, equipamentos e organização dos espaços existentes –, melhorando o seu desempenho funcional e tornando esses edifícios aptos para a sua completa e actualizada reutilização”².

Mesmo em termos de desenvolvimento económico a reabilitação tem virtualidades, na medida em que promove as condições de vida e reduz os consumos de energia. A reabilitação promove a preservação do edificado restringindo assim as demolições desnecessárias, o que reduz o dispêndio de energia e os produtos de construção.

Este conceito é uma mais-valia nos dias de hoje, acredita-se que é uma oportunidade no melhoramento de edifícios devolutos oferecendo-lhes assim um novo uso e uma nova vivência. Estas dinâmicas que a reabilitação gera acabam por contribuir para uma revitalização das cidades.

A Carta de Lisboa (1995) entende que a reabilitação envolve construções que visam a reintegração corpórea de uma estrutura. Ou seja, trata-se de *“Obras que têm por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melhore o seu desempenho até próximo dos actuais níveis de exigência.”³*

O Regime Jurídico da Reabilitação Urbana (RJRU)⁴ define a reabilitação como sendo uma intervenção aplicada às características de desempenho e segurança, estrutural e construtiva a um ou mais edifícios, abrangendo também as construções confinantes integradas no seu logradouro, atribuindo assim novas competências funcionais.

A reabilitação consiste no retorno às características técnicas e funcionais presentes nos edifícios, incorporando as premissas funcionais, de modo a promover melhores condições de conforto e de habitabilidade aos utilizadores, por via da reutilização de matérias e de componentes preexistentes, proporcionando práticas sustentáveis nestas intervenções.

Estes procedimentos pretendem também garantir a durabilidade do património urbano e arquitetónico, para as gerações futuras. Apesar de alguns edifícios não serem considerados património, estes não deixam de ser fundamentais na narrativa sobre a história das cidades e o desenvolvimento que estas foram sofrendo ao longo dos tempos, preservando assim uma memória coletiva dos valores e vivências que se refletem nestes edifícios

2 AGUIAR, J.; CABRITA, A. R. & APPLETON, J. (1993). Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais; Volume I. Lisboa: LNEC, p. 22.

3 Carta de Lisboa (1995), p. 2. Disponível em: <https://www.culturanoorte.pt/fotos/editor2/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1%C2%BA_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf> Consultado a 16 de setembro de 2018.

4 PORTUGAL. Decreto-Lei n.º 307/2009, de 23 de outubro de 2009. Regime Jurídico da Reabilitação Urbana, Lisboa. Disponível em: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1197&tabela=leis.

comuns.



Figura 04 - Esquema dos aspetos a considerar nos processos de Reabilitação

Fonte: Elaboração própria, 2018.

As intervenções de reabilitação devem incentivar o maior reaproveitamento possível dos componentes estruturais e materiais existentes, mantendo assim, o que já existe. Estas intervenções contemplam três princípios orientadores: a autenticidade, garantir que na intervenção exista uma distinção visível do que é novo e do que é antigo evitando a camuflagem e a cópia; a compatibilidade, onde a preferência por materiais tradicionais é notória de forma a que exista uma compatibilidade entre os materiais preexistentes e os novos podendo assim existir uma fácil reprodução numa intervenção futura sem comprometer a durabilidade e a reversibilidade; e a reversibilidade, que refere a importância de não afetar a possibilidade de possíveis intervenções facilitando o processo de regressão para as intervenções iniciais caso se observem falta de propriedades fundamentais.⁵

Nos processos de reabilitação importa atender aos seguintes aspetos⁶ :

- às qualidades tipológicas e morfológicas que caracterizam a arquitetura onde a edificação está implantada;
- às condições de higiene e conforto exigidas na atualidade, não menosprezando as condições de segurança tanto estruturais como construtivas;
- às normas descritivas no Regulamento geral das Edificações Urbanas (RGEU);
- à maior utilização possível dos componentes e partes da construção obsoleta em vez da substituição por materiais e técnicas recentes. É de

5 AGUIAR, J.; CABRITA, A. R. & APPLETON, J. (1993). Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais; Volume I. Lisboa: LNEC, p. 272.

6 Idem, p. 270-272.

relembrar que as práticas antigas têm uma longevidade comprovada em várias épocas, diferentemente das contemporâneas, que ainda estão pouco aperfeiçoadas;

- aos recursos utilizados e que devem ser compatíveis com as técnicas e materiais preexistentes, de modo a respeitar as propriedades físico-químicas e mecânicas do edificado, assegurando assim o fácil reconhecimento do que é preexistência e contemporâneo;

- à reversibilidade, não implicando a eventualidade de intervenções possíveis, dando a possibilidade de retornar às construções iniciais.

A reabilitação de edifícios na atualidade conduz à diminuição do recurso a matérias-primas aplicadas constantemente nas novas construções, devido à conservação de grande parte dos elementos construtivos, reduzindo ainda a porção de demolições e de possíveis reedificações.

Reconhecemos que ao reabilitarmos estamos a diminuir as quantidades de energia tanto, na aquisição e alteração das matérias-primas em novos produtos, como também nas quantidades de materiais a remover e demolir, consequência das demolições.⁷ Estas intervenções são favoráveis ao ambiente e promovem a sustentabilidade da construção.

A reabilitação de um determinado meio ambiente antigo e novo tem como objetivo responder à deterioração do plano construído, que se revela em fragilidades funcionais, ambientais e organizacionais da vivência espacial. Para uma vivência espacial aprazível é fundamental a interligação entre vários elementos tais como o edifício, a rua, o jardim, os serviços, os equipamentos e os indivíduos. Neste sentido, a ligação destes componentes remete-nos para uma ideia de reabilitação integrada, onde o método de intervenção nos permite refletir, observar e intervir sobre a ligação entre o espaço material e os factos sociais, económicos e culturais de uma determinada área urbana.⁸

"É assim central conceber a reabilitação integrada do habitat através de uma perspetiva urbana que promova a integração e o desenvolvimento socio-urbanístico, mediante a implementação de estratégias, ações e táticas de potenciação dos valores sociais, culturais, económicos, ambientais e funcionais, bem como de medidas que visem a melhoria do tecido urbano edificado ao dotá-lo e/ou requalificá-lo de condições de habitabilidade, equipamentos comunitários, infra-estruturas, acessibilidades, instalações, espaços livres e de uso público. É igualmente importante desenvolver medidas que permitam resolver ou, pelo menos, minimizar as situações de deficiência conjuntural (sobretudo quando reproduzidas ao longo do tempo), de exclusão, de desvantagens socio-espaciais e económicas, de marginalidade e de segurança." ⁹

7 AGUIAR, J.; CABRITA, A. R. & APPLETON, J. (1993). Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais; Volume I. Lisboa: LNEC, p. 261.

8 Idem, p.112-113.

9 AGUIAR, J.; CABRITA, A. R. & APPLETON, J. (1993). Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais; Volume I. Lisboa: LNEC, p.111.

Pretendendo a criação de ambientes que ofereçam uma melhor qualidade de vida urbana, a reabilitação integrada implica a recuperação de cidades sustentáveis. Há uma necessidade de obter uma nova percepção multidisciplinar a ser materializada na conceção de projetos e planos de intervenção. A reabilitação integrada não só revela extrema importância para uma requalificação funcional da cidade promovendo condições de reorganização do edificado, espaços de lazer comuns, dos equipamentos, e dos modos de organização e gestão oferecendo a apropriação funcional das intervenções como revela ser um meio para *“restituir a cidade à estima pública”*.¹⁰

Em síntese, para Soutinho *“a reabilitação significa a restituição da estima pública. Sendo seu objectivo criar condições para que as pessoas não só possam viver e sobreviver em condições consideradas adequadas, mas, também, criar condições de maneira a que estes núcleos ou essas cidades constituíam núcleos estimados pela sociedade e a coletividade.”*¹¹

REQUALIFICAÇÃO

A requalificação urbana é um recurso para o desenvolvimento e melhoria das condições de vida dos habitantes, permitindo a construção e reintegração de equipamentos e infraestruturas e o reconhecimento de áreas públicas com capacidades de dinamização social e económica. A requalificação prima pela (re)introdução das qualidades urbanas, das acessibilidades e da centralidade a um determinado território provocando uma renovação do valor da área, ao nível económico, cultural, paisagístico e social.¹²

“... recuperar o sentido da localização residencial das populações, através de múltiplas acções e medidas, que vão da infra-estruturação à valorização da imagem interna e externa, passando pela provisão dos adequados serviços e pela equidade no acesso ao emprego. Todos os caminhos, da nova rua ou da nova aldeia deverão levar à Metrópole, sem traumas de regresso(s). A estratégia deve levar a acções que permitam descobrir e qualificar a alma dos lugares, pela nossa memória, pela vivência, pelo património – o que se herdou e importa valorizar, como também o que se deve construir no espírito do tempo” (CEDRU, 1990)¹³

Reúne um carácter estimulador, dinamizador e planeado, e está nomeadamente ligada à definição de novos modelos organizacionais e do uso dos territórios para um desempenho funcional e económico mais adequado.

10 PEREIRA, Luz Valente (2012). Reabilitação Urbana - Volume I - Questões Gerais e Metodologia de Planeamento, p.67.

11 Arq. Alcino Soutinho (1998) in 2º Encontro dos Programas Urban e Reabilitação Urbana, p.48.

12 MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João (2005). A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional das acções a concretizar no QREN. p.2

13 CEDRU (1990), Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano, VALIS – Valorização de Lisboa.

REVITALIZAÇÃO

No final do século XX, perante o envelhecimento demográfico nas zonas de construção densa no pós-guerra e como forma de combater a decadência urbana e o processo de degradação das áreas centrais segregadas surgiu as estratégias de revitalização urbana.¹⁴

O método de revitalização estabelece-se no entendimento de uma intervenção sustentável, permitindo uma articulação das oportunidades e das vantagens criando um tecido urbano gradualmente mais coeso, mas também globalizado sem perder o seu significado local.



Figura 05 - Esquema de Estratégias de Revitalização Urbana

Fonte: <https://slideplayer.com.br/slide/1241338/>

Na sua generalidade, a abordagem da revitalização equipara-se com o aumento de conceitos opostos, tais como a renovação, a reabilitação e a requalificação no qual podemos definir três ideias diferentes: i) considerar a revitalização social na qualidade de ideia apresentada noutros conceitos, especialmente na planificação urbano; ii) ter em conta a revitalização como uma conceito-mãe que abrange outras ideias; iii) proteger as características identificadas das problemáticas sem que isso comprometa a rejeição de possíveis ligações fundamentais entre acontecimentos readquiridos.¹⁵

Num debate em relação a uma intervenção urbana adaptada e planeada, podem identificar-se quatro desafios indispensáveis para a revitalização urbana: i) o aumento da eficácia da ideologia urbana, possibilitando a conexão social e a inclusão e participação estratégica entre cidades na intervenção de zonas rurais e urbanas; ii) dinamização social, oferecendo o bem-estar, a qualidade de vida dos habitantes e o melhoramento de empresas e do modelo económico; iii) desenvolver uma intervenção urbana prudente, considerando os aspetos ambientais, económicos, sociais e culturais; iv) cooperar na simplificação, atualização e envolvimento de

14 MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João (2005). A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN. p.2

15 Idem, p.14.

implementação de áreas urbanas estratégicas de forma a valorizar as zonas onde futuramente serão inseridas.¹⁶

A revitalização impõe uma intervenção no melhoramento da qualidade do ambiente urbano, das circunstâncias socioeconómicas e do panorama de vida de uma determinada área através de um processo de planeamento estratégico, que possibilite identificar, conservar e inserir princípios integrativos e estratégicos de forma gradual e racional proporcionando ligações entre territórios, atividade e indivíduos.

Este conceito complexo abrange três objetivos: i) a capacidade de impulsionar e preservar a diversidade e a inclusão de setores associados ao desenvolvimento económico, social e da envolvente urbana, de forma a ampliar a qualidade de vida dos habitantes; ii) a implementação de projetos com um crescimento estratégico, promovendo a cooperação entre as várias áreas; iii) a incorporação no processo de planeamento das problemáticas e as oportunidades do território.¹⁷

Uma 'área revitalizada' assume três características fundamentais, as Atividades, onde a predisposição para estabelecer atividades que espontaneamente requerem a presença de indivíduos levam ao dinamismo económico, social e cultural; as transações, as trocas económicas, culturais e sociais, e a diversidade, económica, social e cultural. Numa perspetiva de método estratégico, a revitalização procura desenvolver e estruturar diferentes territórios com hierarquias distintas.¹⁸

02.2 SOBRE O CONCEITO DE LUGAR

"In general, nature forms an extended comprehensive totality, a «place», which according to local circumstances has particular identity. This identity or «spirit», may be described by means of kind concrete, «qualitative» terms..."¹⁹

O lugar tem características únicas e particulares, cheiros, cores, um espírito único (Norbert-Schulz, 1979). A definição de lugar compreende a sua própria identidade. Neste sentido sabemos que existem diferentes referências identitárias que são atribuídas a cada lugar; assumem-se como singularidades geradoras de sentimentos de pertença do lugar.

Podemos afirmar que o lugar dá sentido à determinação da existência humana. Este é uma condição base para a nossa vivência. Para podermos existir enquanto indivíduos é fundamental que um lugar exista primeiramente. É necessário compreender que o lugar só existe porque ele é detentor de uma identidade, de uma alma própria, isto é, do seu Genius Loci. Este é "a Roman concept. According to ancient Roman belief every «independent» being has a genius, its guardian spirit. This spirit gives live to people and places,

¹⁶ Idem, p.15.

¹⁷ MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João (2005). A Revitalização Urbana. Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. Políticas Públicas de Revitalização: reflexão para formulação estratégica e operacional das atuações a concretizar no QREN. p.15.

¹⁸ Idem, p.16.

¹⁹ NORBERG-SCHULZ, C., (1979), Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture. Milano: Electra Editrice, p. 417.

accompanies them from birth to death, and determines their character or essence." ²⁰

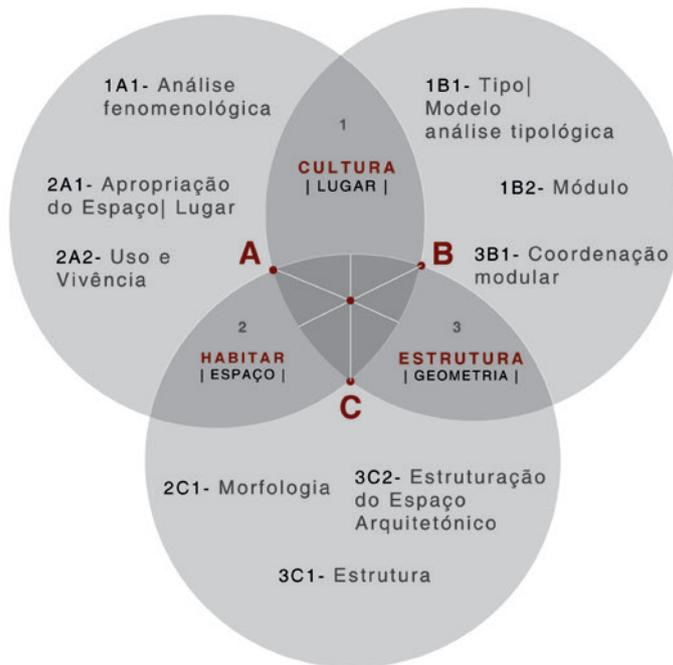


Figura 06 - Esquema metodológico da construção do Modelo Conceptual Modular tendo por referência o modelo apresentado por Amílcar Pires na Tese de Doutoramento em Arquitectura

Fonte: file:///C:/Users/Sofia%20Almeida/Downloads/2%C2%AAparte%20da%20tese%20_%20%20FINAL.pdf

Segundo Norberg-Schulz (1979) a arquitetura tem de compreender a predisposição do lugar, só assim é que tomamos parte de uma plenitude que convém entender. A arquitetura é a realização do termo Genius Loci, revela a experiência vivenciada pelo Homem, a relação que o homem tem com o lugar.

"[...] se tomarmos o conceito de Genius Loci, não exclusivamente como um conteúdo da arquitectura, mas como o modo da sua expressão – enquanto carácter da arquitectura, enquanto presença quasi-humana [...]"²¹

Norberg-Schulz (1979) adota um olhar inter-relacional ao desenvolver a sua tese correlacionando as teorias do espaço com a perspetiva fenomenológica.

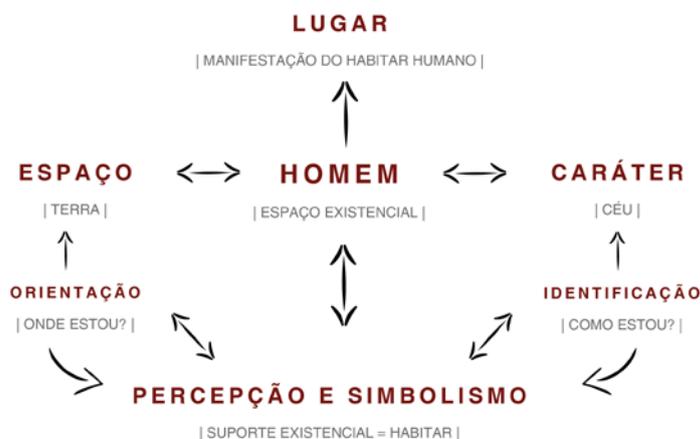


Figura 07 - Esquema gráfico sobre o conceito de Lugar segundo Norberg-Schulz (1979)

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>

²⁰ Idem, p. 18.

²¹ ABREU, Pedro Marques de (2007) – Palácios da Memória II - A revelação da Arquitectura. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, p.167.

Nesta pesquisa pretende-se aferir os significados culturais e os valores simbólicos que nos levam à identificação de e com o lugar. É nesta fase que entra a descrição de arquitetura, onde a qualidade dos espaços habitados e a aplicação da fenomenologia devem prevalecer. O homem tem necessidade, de experienciar e se conectar com os lugares e com os contextos espaciais, tornando-os significativas. O homem habita quando se identifica com o lugar, quando se orienta dentro do ambiente onde está inserido. Podemos dizer que aqui há um sentido existencial, como refere Norberg-Schulz (1979), que é a intenção da arquitetura. A tarefa do arquiteto é criar formas significativas que ajudam o homem a habitar. Estas acabam por oferecer um espaço para que a vida aconteça, sem serem definidoras de significados existenciais, acabando por ser expressas em sentimentos, percepções e cognições. Os espaços são habitados por reflexos, impulsos, desejos e demonstrações que interligam o nosso corpo com o lugar; é através desta inter-relação que se constrói a identidade, tanto do lugar como do ser humano. Há uma necessidade de o homem ir à descoberta de si mesmo e com o que o rodeia, o que faz com que seja essencial a procura dos motivos e razões para as reações do homem perante o lugar.

Os lugares antropológicos formam uma forte relação entre o espaço e o social, onde são evidentes as três dimensões que os definem: são identitários, históricos e relacionais (Augé, 2012).²² Marc Augé (2012)²³ para uma melhor compreensão do lugar necessitou de analisar as principais alterações que se verificaram nas sociedades, evocando um novo conceito, o da sobremodernidade, que é determinado por três excessos: excesso de tempo, de espaço, e de individualização. A sociedade de consumo materializa-se no espaço gerando os não-lugares. Estes são espaços físicos, mas também espaços onde a sociedade se relaciona por mais pequeno que seja esse período de tempo. Na sobremodernidade, o espaço acaba por ser o fim e não o meio para o atingir. Augé (2012) diz que *“verifica uma evasão do espaço através do texto”*²⁴, onde o que predomina é a comunicação e o texto, construindo assim um mundo cada vez mais mecânico. Augé refere que *“O espaço da sobremodernidade, esse, é trabalhando pelas seguintes contradições: só conhece indivíduos (clientes, passageiros, utentes, ouvintes), mas estes não são identificados, socializados e localizados (nome, profissão, local de nascimento, local de residência) senão à entrada e à saída.”*²⁵

02.3 A IMPORTÂNCIA DA IDENTIDADE CULTURAL

Para um melhor entendimento do lugar será indispensável o estudo da identidade do lugar, como refere Abreu *“Reconhecer essa identidade e valor é, portanto, prioritário em qualquer acção sobre pré-existências.”*²⁶

22 AUGÉ, M., (2012), Não Lugares. Lisboa: Letra Livre, p.95.

23 Idem, p. 195.

24 Idem, p. 197.

25 Idem, p. 198.

26 ABREU, Pedro Marques de (2007) – Palácios da Memória II - A revelação da Arquitectura. Tese de Doutoramento em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa, p. 42.

Stuart Hall (2006)²⁷ refere três concepções diferentes de identidade, primeiramente o '*sujeito do iluminismo*', onde o Homem se encontrava centrado, unificado, transportando assim uma identidade fixa que o acompanhava desde o nascimento até a sua morte. O '*sujeito sociológico*' que pertence ao mundo moderno, na qual a concepção da identidade passa pela relação com o outro através da cultura, elo de ligação entre o seu interior e exterior. Mais tarde surgiu o '*sujeito pós-moderno*' onde a identidade já é considerada móvel, sendo construída no seguimento das vivências do sujeito. Ou seja, este sujeito assume identidades diferentes em circunstâncias diferentes. Relembre-se que "*Um outro aspecto desta questão da identidade está relacionado ao carácter da mudança na modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecido como "globalização" e seu impacto sobre a identidade cultural.*"²⁸

Como refere Hall (2006)²⁹, a identidade foi alvo de um processo de mudança na modernidade, o que levou a sucessivas alterações a este conceito.

Na pós-modernidade existe um outro fenómeno que tem um impacto importante na identidade cultural dos sujeitos e que é conhecido como globalização. Este fenómeno acaba por fortalecer a ideia de deslocação das identidades culturais, o que tem modificado a percepção do tempo e do espaço. Com a globalização, o cruzamento de fluxos culturais acaba por combinar e intersectar culturas, ou seja, com a troca de culturas, através do contacto direto, sendo impossível manter a identidade cultural intacta. Esta troca acaba por enfraquecer as identidades nacionais. Hall (2006)³⁰ refere também que há um '*hibridismo*', uma fusão de diferentes tradições culturais, assim e à "*[... medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural]*".³¹

Por seu turno, Ciampa (1987)³² interpreta identidade como metamorfose, ou seja, trata-se de algo que está em permanente transformação, sendo o produto provisório da ligação entre a história do sujeito, o seu contexto histórico e social e os seus planos. A identidade tem um carácter dinâmico e processual.

Para António Firmino da Costa (2002)³³ as identidades culturais são sempre

27 HALL, S., (2006), A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DPA Editora, p.2-3.

28 HALL, S., (2006), A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DPA Editora, p.4.

29 idem, p. 10.

30 idem, p. 25.

31 HALL, S., (2006), A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DPA Editora, p. 74

32 FARIA, de Ederson; Souza, Vera Lúcia Trevisan de, (2011). Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. Psicologia Escolar e Educacional, Vol. 15 nº1. Maringá. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004, consultado a 16 de maio de 2019;

33 Costa, António Firmino da. (2002) Identidades culturais urbanas em época de Globalização. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, núm. 48, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Brasil, p. 26-27. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/107/10704803.pdf>, consultado a 5 de maio de 2019;

socialmente construídas, são múltiplas e mutáveis, são construções sociais relacionais e simbólicas. Ou seja, são relacionais, "porque sempre produzidas em relação social e porque sempre relativas a outras; simbólicas, porque envolvem sempre categorizações culturais e porque significam sempre o destaque simbólico seletivo de algum ou alguns atributos sociais. As "identidades culturais" implicam um tipo específico de redobramento simbólico das "propriedades sociais"³⁴, requerem a seleção e saliência de alguma ou algumas delas, simbólica e relacionalmente realizada. Identidade cultural é sempre, nesse sentido, reflexividade e reconhecimento".³⁵ O autor enuncia 3 tipos de identidades: as "identidades experimentadas", "identidades designadas" e "identidades tematizadas". As primeiras são as ou vividas, têm a ver com as representações cognitivas e os sentimentos de pertença, reportados a coletivos de qualquer espécie"; as identidades designadas, ou atribuídas, "reportam-se a construções discursivas ou icônicas de entidades coletivas, com as quais aqueles que as produzem não têm relação subjetiva de pertença." As terceiras estão associadas às "políticas de identidade, são estratégias deliberadas e reflexivas de colocação pública de uma situação social qualquer sob a égide explícita da problemática identitária, em geral com vistas à constituição ou à potenciação de dinâmicas de ação social".³⁶

02.4 MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

*"Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastantes pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum."*³⁷

A memória é uma propriedade psíquica através da qual se consegue reter e (re)lembrar o passado. O termo também nos permite referenciar aqui outros que lhe são convexos, como a lembrança e a recordação, face a algo que já tenha ocorrido, e face ao esclarecimento de factos ou motivos que dizem respeito a um determinado conteúdo.

Com o desenvolvimento deste conceito pretende-se perceber as implicações perceptivas que a mesma tem sobre a arquitetura.

O contexto social de um sujeito é a base para a reconstrução da memória, isto é, as lembranças de um sujeito só poderão ser compreendidas nestas circunstâncias. Segundo Halbwachs ([1968] 1990)³⁸ as recordações de um sujeito necessitam de uma comunidade afetiva, são construídas pelo

34 Costa, António Firmino da. (2002) Identidades culturais urbanas em época de Globalização. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, núm. 48, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Brasil, p. 26-27. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/107/10704803.pdf>, consultado a 5 de maio de 2019;

35 Idem, p.26-27.

36 Idem, p.26-27.

37 HALBWACHS, M., (1990). A memória colectiva. São Paulo: Vertice/Revista dos Tribunais, p. 34.

38 Idem, p. 32.

convívio social do sujeito com os outros. É através desta interação social, de indivíduos que pertençam ao mesmo grupo, que a nossa percepção sobre os acontecimentos se funda.

Halbwachs ([1968] 1990) refere que a nossa memória é por assim dizer ativada pela relação com os outros, o autor denomina esta conceção como 'memória coletiva', *"Mas as nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos connosco certa quantidade de pessoas que não se confundem."*³⁹

Para este autor, a memória do sujeito é dotada de uma 'intuição sensível', auxilia a comunicação do indivíduo na organização das lembranças. A memória individual está incluída no conjunto das memórias coletivas, sendo considerada apenas uma porção dos fatos experienciados pelo grupo onde o sujeito se encontra inserido. Quando o sujeito constrói recordações sustentadas em experiências individuais tem a necessidade de recorrer a ferramentas que lhe são fornecidas pelo meio social.

Pollak (1992) esclarece que *"A priori, a memória parece ser um fenómeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenómeno coletivo e social, ou seja, como um fenómeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes."*⁴⁰

Recitar a *"'memória da cidade' hoje seria um engano porque são as pessoas que moram ou moraram nela é que vão lembrar dela, e não a cidade própria em si"*.⁴¹

A memória e a história de uma cidade não se compõem apenas nesse espaço, elas carecem também daquele espaço consistente, onde se estende a vida quotidiana.⁴²

Elucida-se que esses componentes ainda se encontram nos dias de hoje como auxílio à criação da memória de um lugar interpretado pelo observador. Em geral, a investigação de um determinado lugar é realizada através da observação empírica, do relato dos sujeitos, dos mapas mentais, das suas opiniões e práticas captadas pela observação e por via dos discursos, baseando-se na imagem como forma de interpretação da percepção do lugar.

39 HALBWACHS, M., (1990). A memória colectiva. São Paulo: Vertice/Revista dos Tribunais, p. 41.

40 POLLAK, Michael, (1992). Memória e identidade Social. Estudos Históricos; vol. 5. nº 10, pp. 200-212, p. 201.

41 ABREU, Maurício de Almeida, (1998). Sobre a memória das cidades. Revista da Faculdade de Letras, Geografia 1ª série; v. 14, p. 91-95.

42 Idem, p. 92.

02.5 OS SENTIDOS E A EXPERIÊNCIA ESPACIAL DO SER HUMANO

*“A arquitetura é, em última análise, uma extensão da natureza na esfera antropogénica, fornecendo as bases para a percepção e o horizonte da experimentação e compreensão do mundo.”*⁴³

O Homem e a arquitetura são entidades interiores, ambos são conceitos físicos que dependem e necessitam um do outro. O homem será então o ponto de partida para arquitetura tornando-se um elemento essencial para a sua conceção. Entende-se assim o corpo humano é perspectivado como matéria para a criação arquitetónica e consequentemente perceptiva, esta é a génese de toda a arquitetura.

A percepção do homem está diretamente relacionada com o contexto sociocultural onde o sujeito se insere. Neste sentido a percepção que o homem tem sobre o mundo está enformada pela língua que fala, o que nos leva ao entendimento de que a percepção do espaço é influenciada pelos mundos sensoriais dos diferentes sistemas culturais (Hall, 1986)⁴⁴.

*“Damos forma às nossas construções, as quais, por sua vez, nos dão forma a nós.”*⁴⁵

A arquitetura é inerente à vida quotidiana do ser humano, entende-se como um panorama que a enquadra no espaço.

Como refere Zevi (2002), o espaço é o 'protagonista da arquitectura'⁴⁶. Assim sendo, há uma necessidade de voltar à base de que estamos acostumados, a relação figura-fundo, é através da arquitetura que organizamos os espaços sejam eles interiores ou exteriores.

Por seu turno, Pallasmaa (2011) afirma que *“Em experiências memoráveis da arquitectura, espaço matéria e tempo fundem-se numa única dimensão, na substância básica do ser, que penetra a nossa consciência. Identificamo-nos com este espaço, este lugar, este momento, e estas dimensões tornam-se ingredientes da nossa própria existência. A arquitetura é a arte da reconciliação entre nós próprios e o Mundo, e esta mediação tem lugar através dos sentidos.”*⁴⁷

A arquitetura não só influencia a vida que fazemos no interior de cada espaço, como também desencadeia em nós emoções, oriundas das suas propriedades físicas e imateriais. Com efeito, *“Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o ambiente; o mundo e a individualidade humana se redefinem um ao outro constantemente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma experiência existencial contínua; não há corpo separado de seu domicílio no espaço, não há espaço desvinculado*

43 PALLASMA, J., (2011). Os olhos da pele, a arquitectura e os sentidos. Bookman: Porto Alegre, p.39.

44 HALL, E. T., (1986). A Dimensão Oculta; 1ª ed. Lisboa: Relógio d'Água Editores, Lda, p.125.

45 Idem, p. 125.

46 ZEVI, Bruno, (2002). Saber ver a arquitectura; 5ª Edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

47 PALLASMAA, J., (2011). Os olhos da pele, a arquitectura e os sentidos. Bookman: Porto Alegre, p.76 – 77.

da imagem inconsciente de nossa identidade pessoal perceptiva"⁴⁸.

O corpo do homem procede à união de sentidos e a arquitetura estimula as sensações. É na interligação destes dois conceitos que se dá o entendimento da experiência multissensorial. Existem cinco sistemas sensoriais do qual somos providos, o sistema visual, o auditivo, o paladar, o olfato, e o sistema tátil. Assim sendo e *"Para compreendermos o homem, precisamos de ter uma noção acerca dos seus sistemas de recepção e do modo como a cultura transforma a informação que estes últimos fornecem."*⁴⁹

Segundo Edward Hall (1986)⁵⁰ podemos classificar os sistemas sensoriais em duas categorias, os *'receptores de distância'*⁵¹, que estão relacionados com o estudo dos objetos distantes, ou seja, os olhos, os ouvidos e o nariz, e os *'receptores de imediatos'*, utilizados para observar o que está junto ao sujeito, ou seja, referente ao tato e às sensações na pele.

Pallasmaa (2011) afirma o carácter multissensorial da experiência espacial. Assim, *"Toda experiência com o ambiente é multissensorial; as características de espaço, matéria e escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. A arquitetura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço de identidade pessoal. Em vez da mera visão, ou dos cinco sentidos clássicos, a arquitetura envolve diversas esferas da experiência sensorial que interagem e fudem entre si."*⁵²

O tato é o sentido que transforma a visão em algo real, permite-nos aceder à informação tridimensional de volumes materiais dando-nos conhecimentos sobre a textura, a carga, a consistência e a temperatura. A pele é conhecida como o maior órgão do corpo humano, tem a capacidade de sentir na sua integridade e em todos os seus pontos. As experiências táteis são na sua maioria secundárias, pois estabelecemos contacto visual antes do contacto material.

A dimensão monumental que a arquitetura conquista supera o controlo humano do espaço, contribuindo assim para a descredibilização táctil. Este resultado prova o favoritismo visual apresentando o lado intocável das construções de grande escala, o que torna difícil a compreensão da materialidade, da distância e profundidade pela privação da experiência do tato.

A capacidade auditiva proporciona um vínculo mútuo entre o ser humano e a obra ao promover um diálogo entre o utilizador e o espaço construído. A audição apresenta uma nova dimensão no espaço, concedida pelo aparelho auditivo.

48 PALLASMAA, J., (2011). Os olhos da pele, a arquitectura e os sentidos. Bookman: Porto Alegre, p.38.

49 HALL, E. T., (1986). A Dimensão Oculta. 1ª ed. Lisboa: Relógio d'Água Editores, Lda, p.56.

50 Idem, p.61

51 Idem, p.61.

52 PALLASMAA, J., (2011). Os olhos da pele, a arquitectura e os sentidos. Bookman: Porto Alegre, p.39.

A audição proporciona-nos um ambiente tridimensional. O mundo acústico é inesperado e surpreendente ao mesmo tempo. A faculdade que o sistema auditivo tem para compreender a direção do som fundamenta-se em três motivos: a primeira corresponde à diferença entre o volume, em segundo com a distância das várias fontes sonoras e por último com o tempo de recessão do som ao nosso sistema que determina a sua direção.

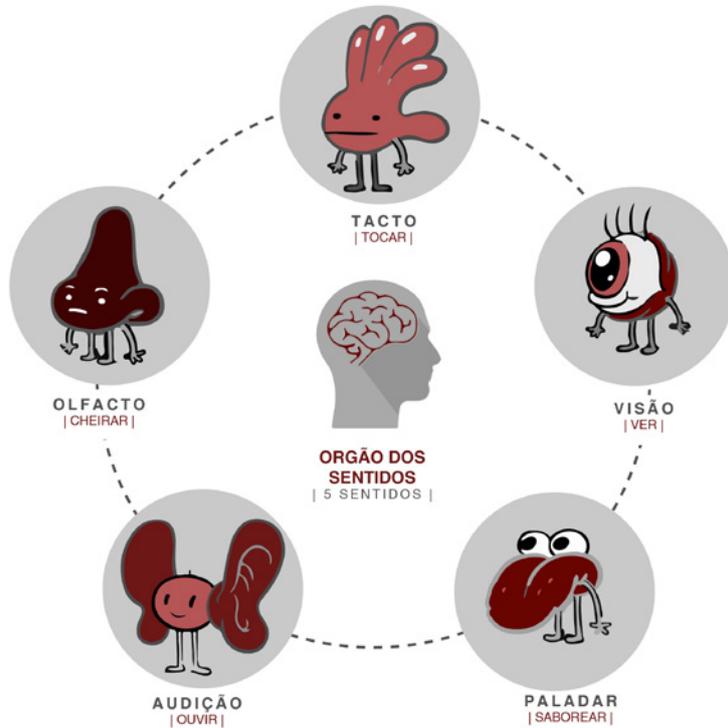


Figura 08 - Diagrama explicativo dos 5 sentidos

Fonte: Elaboração própria, 2019.

John Cage (1961) foi um compositor que investigou e se debruçou sobre a questão do som no espaço. As suas experiências numa câmara anecoica, sala que onde todos os espaços absorvem os sons que neles incidem, é fundamentalmente utilizada para medir áreas de som direto das fontes sonoras. *“Onde quer que estejamos, o que ouvimos é maioritariamente ruído. Quando o ignoramos, ele perturba-nos. Quando o ouvimos, achamos fascinante.”*⁵³

O ruído pode ser encarado como um som abstrato submetido à observação humana. É considerado como algo dissonante e, por isso, tem um sentido negativo. Mas é algo ínsito, mesmo quando consideramos estar em silêncio pleno subsistem os sons do corpo humano.

Schafer (1977) defende no seu livro *O ouvido Pensante*⁵⁴ que precisamos de aprender a ouvir a paisagem sonora como se de uma composição musical se tratasse. Deste modo compreendemos o significado da audição assimilando diferentes sons, mesmo os que nos passam despercebidos, dando como exemplo, o som constante de uma música ambiente.

O olfato é o sentido que se encontra no nariz, mais especificamente nas paredes das fossas nasais. Os corpúsculos dos cheiros que estão dissolvidas

⁵³ CAGE, John (1961). *Silence*, Middletown, Connecticut: UPNE, p. 3.

⁵⁴ SCHAFFER, Murray (1977). *O ouvido Pensante*. São Paulo, Brasil: UNESP.

no ar invadem as fossas nasais onde se desfazem na mucosidade alcançando as células olfativas. Estas encaminham a informação para o nosso sistema nervoso onde o odor é interpretado. O olfato, assim como a visão, têm a faculdade de adaptação. Quando nos deparamos com um odor forte, sentimos esse odor, mas este torna-se insignificante com o passar do tempo. Este sistema acaba por se diferenciar da visão, enquanto esta tem a capacidade de perceber um conjunto de cores ao mesmo tempo, o olfato apenas consegue distinguir um odor de cada vez. O olfato analisa de um modo mais pessoal as características que cada obra pode ter com o auxílio da memória e da proximidade com o edifício. Com o auxílio da memória conseguimos associar os odores sentidos unicamente ao momento em que foram percebidos assim que sentidos num segundo momento.

O paladar é o que nos possibilita o reconhecimento do gosto das substâncias através de recetores espalhados pela superfície exposta da língua e, por isso, a análise da sua ligação com a arquitetura, é mais intrínseca. Os recetores sensoriais do paladar são as papilas gustativas presentes principalmente na língua. O paladar está exatamente relacionado ao olfato pelo facto dos fragmentos que cheiramos entrarem pelo nariz e passarem pela nossa boca despertando o paladar. Desta forma, ao cheirmos, por exemplo, a madeira usada num edifício arquitetónico, é quase como se experimentássemos o seu sabor, possibilitando assim criar um vínculo sensorial mais rico com a arquitetura. Há diversas características arquitetónicas que, como Pallasmaa (2011)⁵⁵ menciona, nos provocam a curiosidade da experiência pela obra não só pelo tato, mas também por outras formas.

Como já foi mencionado anteriormente, a visão é um dos sentidos imprescindíveis na arquitetura. Dá-nos a oportunidade de experienciar sensações de cor e luz através do sistema ocular, órgão que em união com outros órgãos produzem o aparelho visual. O olho distingue a luminosidade e converte-a num tipo de energia perceptível ao nosso cérebro, oferecendo-nos assim percepção do que nos rodeia.

Atualmente, a imagem tem um papel fundamental e isso revela-se também na arquitetura. A reprodução fotográfica representa o olhar no lugar. A imagem tridimensional, imagem ocular no lugar, é substituída pela bidimensionalidade, fotografia. Nesta perspetiva o corpo humano deixa de experienciar a realidade observando através de um vão irreal sem abertura possível.

Desta forma, através dos sentidos conseguimos captar as informações sensoriais que nos rodeiam. Depois de recebermos um impulso, o corpo humano absorve-o e interpreta-o. Este procedimento é designado por percepção que difere de pessoa para pessoa.

A palavra percepção é originária do latim *percipio* que deriva de *capio* cujo significado é compreender, perceber, pegar, segurar, etc. É no processo de ligação de um campo exterior para um campo mais íntimo que a percepção

55 PALLASMAA, J., (2011). Os olhos da pele, a arquitectura e os sentidos. Bookman: Porto Alegre, p.56.

assume uma forma. Von Ehrenfels (1890)⁵⁶, demonstrou uma relevância extrema na teoria da percepção do mundo. Desta investigação resultaram quatro conceitos: a *estruturação perceptiva*⁵⁷, a *isolamento da figura-fundo*⁵⁸, a *pregnância ou boa forma*⁵⁹ e a *continuidade perceptiva*.⁶⁰ Para compreender o significado da percepção não nos podemos cingir apenas ao entendimento da sua génese, mas ir um pouco mais longe entrando nos campos da filosofia e antropologia.

56 Filósofo austríaco, a sua investigação contribuiu para o aparecimento da psicologia da Gestalt, doutrina que defende que, para se entender as partes, é necessário, antes, compreender o todo.

57 A tendência natural do ser humano em sistematizar ou estruturar componentes que são semelhantes.

58 O ser humano percebe figuras definidas inseridas em fundos imprecisos. Não podemos ver os objetos sem os separar do seu fundo.

59 Facilidade que o ser humano tem em perceber formas simples, regulares, simétricas e equilibradas.

60 Normas perceptivas que a criança deve obter para dar sentido ao mundo material.

02.6 SÍNTESE CONCLUSIVA

Considerando os conceitos abordados neste contexto teórico, é possível reconhecer que o arquiteto na atualidade deve investigar e entender que as formas e as materialidades têm particularidades qualitativas que ultrapassam a dimensão visual. Qualquer ambiente tem qualidades visuais, tácteis, olfativas e acústicas quer sejam projetadas ou não, obtendo características agradáveis ou desagradáveis. Há necessidade de entender que as geometrias têm consequências acústicas, a luz tem efeitos palpáveis, e que a seleção dos materiais abrange características olfativas, isto é, compreender a arquitetura para além da dimensão visual.

A nosso ver, é fundamental preservar o espaço, torná-lo num lugar antropológico, onde a identidade, a história e as relações sociais o definem. Apesar de vivermos numa sociedade de consumo e de exageros existe ainda uma necessidade de tornar os lugares em espaços vividos e não apenas em espaço de passagem para atingir os nossos objetivos. Para tal, é necessário reativar a identidade e as memórias.

A identidade refere-se à estruturação identitária de cada indivíduo no seu enquadramento cultural. A nossa identidade cultural está fundamentalmente relacionada com a nossa existência e a forma como olhamos para o mundo. A identidade começa por ser modelada e transformada desde que nascemos e vai-se completando até morrermos. Este processo é constante, o que revela que a identidade do homem está sujeita a transformações ao longo da sua vida. Nesta sequência, a identidade cultural corresponde às interseções entre o nosso campo interior, campo pessoal, e o nosso campo exterior, campo público. No desenvolvimento entre os dois mundos existe um sistema de troca e partilha, onde projetamos as nossas vontades e desejos sobre o campo exterior, e interiorizamos os princípios e as regras transmitidas pelo campo exterior. É nesta permuta que (re)construímos as nossas identidades. As elucidações referidas determinam que a memória individual é fundamental para a conceção da memória coletiva, visto que as lembranças são formadas no núcleo central de um grupo onde a forma de se comunicarem é através da linguagem. As nossas lembranças são indispensáveis para a nossa saúde intelectual, visto que, na generalidade, nos fazem sentir realizados. A confirmação disso, é a felicidade que podemos experienciar com os indivíduos de idade superior à nossa, onde podemos sentir que ao ir ao seu encontro lhes conseguimos oferecer momentos para recordar e partilhar as suas vivências e memórias. Aqui existe um momento de partilha que permanece nas nossas memórias.



03. ANÁLISE DO LUGAR DE INTERVENÇÃO

Figura 09 - Porto de Mós vista sobre o Castelo
Fonte: Elaboração própria, 2019.

03. ANÁLISE DO LUGAR DE INTERVENÇÃO

Neste capítulo será feito um enquadramento do território da área em estudo e da sua envolvente, começando por se apresentar uma evolução e contextualização histórica, geográfica e social da Vila, dos planos existentes e dos resultados da análise SWOT que efetuamos. Será aqui também apresentado neste capítulo os resultados do inquérito por questionário aplicado aos moradores e utilizadores do lugar de intervenção. Esta análise fundamenta as estratégias de trabalho de carácter mais conceptual e que constituem o fio condutor da proposta projetual e urbana.



Figura 10 - Enquadramento da área de estudo

Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós, 2011.

03.1 ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

O município de Porto de Mós está inserido na sub-região Pinhal Litoral – NUT III, da Região Centro e do Parque Natural das Serras de Aire e Cadeeiros (PNSAC). Este concelho pertence ainda à AMAE (Associação de Municípios da Alta Estremadura) e à AMLEI (Área Metropolitana de Leiria).

Este território, circunscrito e enquadrado num contexto de Serra, está localizado entre as duas principais metrópoles do país, Lisboa e Porto, sendo atravessado por um dos principais eixos viários do país, o IC2, o que torna estratégica a sua localização. Para além da posição intermédia que apresenta relativamente às duas principais cidades do país, é também de evidenciar a sua proximidade face à capital de distrito, Leiria.

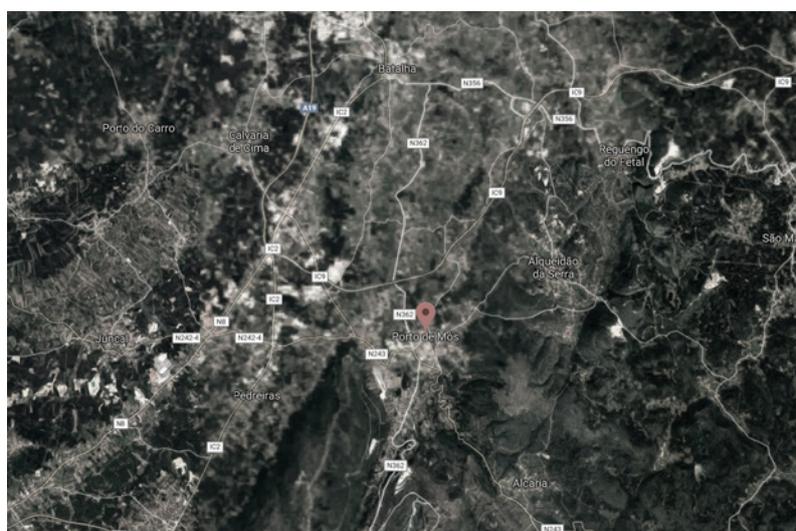


Figura 11- Vista aérea sobre Porto de Mós e concelhos adjacentes
Fonte: Google Earth, 2019.

O município de Porto de Mós é também um espaço que suscita algumas controvérsias públicas, em torno de aspetos como a mobilidade, a inclusão de minorias, a revitalização do centro histórico, a reintegração dos espaços industriais desativados, e a proteção e valorização do património natural.

Em particular, a Vila de Porto de Mós, sendo um centro histórico, distingue-se por ser um local de forte centralidade promove o desenvolvimento e conhecimento do seu património natural e cultural por via do Parque Natural das Serras de Aire e Cadeeiros (PNSAC).

O município de Porto de Mós tem uma superfície de 265 km² (cerca de 15% do total da superfície da NUT III – Pinhal Litoral) e 24 271 habitantes, este concelho está inserido numa sub-região densamente povoada, registando-se, nesta sub-região, em termos de densidade populacional, 91,6 hab./ km².⁶¹

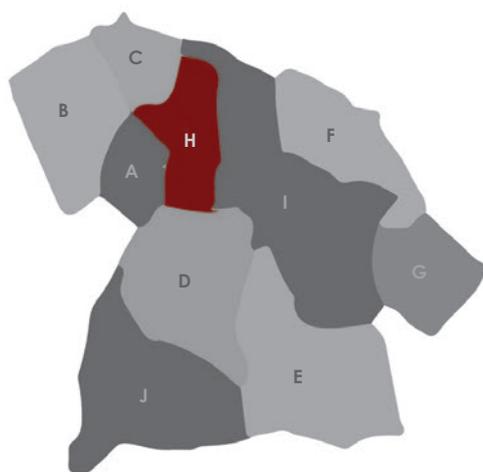
Relativamente à estrutura etária, apesar de Porto de Mós ter ainda uma elevada proporção de jovens, o concelho não está imune ao processo de envelhecimento da população que abrange de um modo geral todo o país; esta sub-região, conta com 98,4 %, de população envelhecida, valor mais elevado que na totalidade dos concelhos desta sub-região onde a

⁶¹ Instituto Nacional de Estatística (INE) – Portugal Censos 2001.

percentagem é de 97,1%.⁶²

A área de enquadramento da proposta localiza-se no município de Porto de Mós particularmente na freguesia de São Pedro e São João Baptista (após a reestruturação administrativa das freguesias, em 2013) que tem cerca de 28,19 km², sendo povoado por 6 023 habitantes. Esta freguesia conta com uma densidade populacional de 185,8 hab/km².⁶³

Sendo que esta proposta tem incidência no centro da Vila, a área de projeto é de 28,464 m² o que corresponde a 10% da área de influência, o que será analisado com mais pormenor no ponto 03.3.



CONCELHO DE PORTO DE MÓS

261.81 km² ÁREA
24.342 HABITANTES

| 10 FREGUESIAS

- A | PEDREIRAS
- B | JUNCAL
- C | CALVARIA DE CIMA
- D | SERRO VENTOSO
- E | SÃO BENTO
- F | ALQUEIDÃO DA SERRA
- G | MIRA DE AIRE
- H | **PORTO DE MÓS - SÃO PEDRO E SÃO JOÃO BAPTISTA**
- I | UNIÃO DE FREGUESIAS DE ALVADOS E ALCARIA
- J | UNIÃO DE FREGUESIAS DE ARRIMAL E MENDIGA

Figura 12- Mapa do Concelho de Porto de Mós com indicação das freguesias

Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós, 2018.



⁶² Instituto Nacional de Estatística (INE) – Portugal Censos 2001.

⁶³ Densidade Populacional do concelho de Porto de Mós, Recenseamentos Gerais da População, INE – Portugal Censos 2001.

03.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DE PORTO DE MÓS

Porto de Mós é um concelho conhecido pela sua história e pelo seu património. *Portus de Molis*, *Portus Molarum* ou *Portumolarum*⁶⁴ nasceu há mais de 2 000 anos no tempo em que o rio Lena ainda era navegável, daqui embarcavam jangadas romanas com as pedras de mós que eram cortadas na Pedreira do Figueiredo e mais tarde, fez-se o transporte do ferro das minas do Alqueidão da Serra. Esta pequena Vila ergue-se desde o Jurássico em que o mar velava estas terras.⁶⁵ Os esqueletos de dinossauros e a tartaruga petrificada são algumas das riquezas que este concelho guarda há mais de 150 milhões de anos. Os vestígios arqueológicos encontrados confirmam a presença humana na Vila de Porto de Mós, tendo-se descoberto vários indícios de ocupação Paleolítica (pedra lascada), Neolítica (pedras polidas), Calcolítico (cerâmicas e objetos de cobre), presença do Império Romano (pesos de tear, pedras de espremer o mel, moedas e lanças de ferro) e presença da influência islâmica.⁶⁶

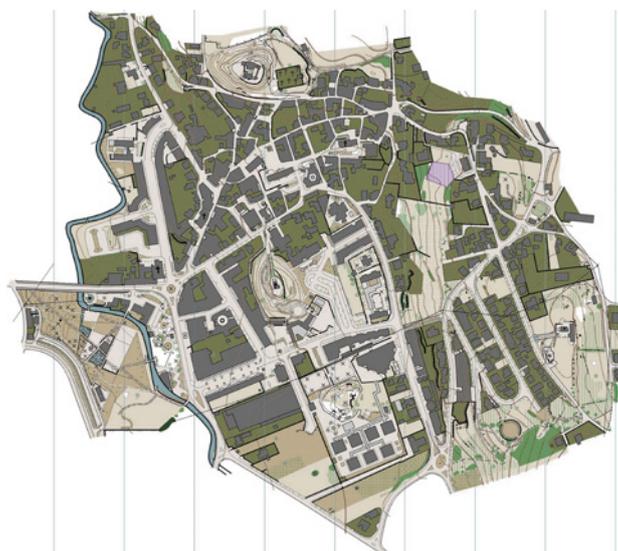


Figura 13 - Planta de Porto de Mós

Fonte: http://eventos.coc.pt/19gpra4lcrpmcr/wp-content/uploads/sites/10/2017/05/Porto_de_M%C3%B3s_sitejppg.

Descobre-se desde o Alto dos Moinhos Velhos, o cenário agrícola do Vale do Lena e da vila de Porto de Mós enlaçada à colina de calcário dolomítico do castelo, a calçada romana do Alqueidão da Serra, as colinas de calcário, de moinhos e de povoações de pedra da Serra de Aire e Candeeiros, de Santo António.⁶⁷

Este município para além de um vasto património natural conta ainda com um assinalável património arquitetónico, sendo de destacar o Castelo de Porto de Mós. Esta obra arquitetónica foi erguida sob as ruínas de um posto

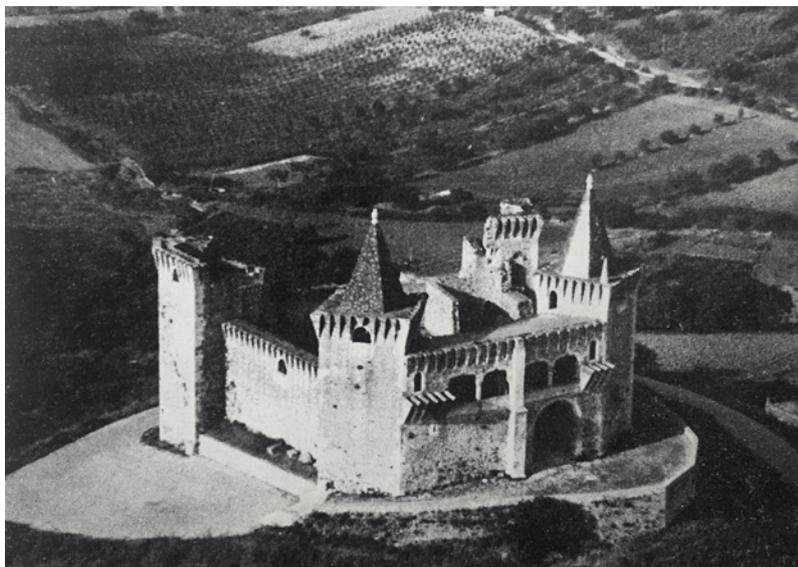
64 RAMOS, Luciano Justo. (1971), Castelo de Porto de Mós. Estudo Histórico. Edição Monografias da Comissão Regional de Turismo de Leiria, p.16. (Formas mais antigas deste topónimo.)

65 FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. II. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, p.45.

66 Idem, p.140-144.

67 GUILHERME, Jorge Miguel. (2011), Ecopercurso: Rota do Carvão na Serra dos Candeeiros. Mesozoico. Disponível em: <https://mesozoico.wordpress.com/2011/05/29/ecopercurso-rota-do-carvao-na-serra-dos-candeeiros/>, consultado a 16 de fevereiro de 2019

de vigia romano. A ocupação do lugar remonta à pré-história⁶⁸ segundo os fragmentos cerâmicos resgatados através de uma pesquisa arqueológica do período de ocupação romana.⁶⁹



Com esta investigação foram encontradas moedas que continham epígrafes latinas em duas cantarias. As estratégias de defesa foram reforçadas nos séculos seguintes pelos visigodos e muçulmanos. Porto de Mós manifestou uma grande importância durante o período da conquista cristã. Também se tornou um ponto estratégico de defesa das Cidades de Leiria e de Coimbra, esta vila foi conquistada em 1148. Nesta altura D. Fuas Roupinho era o alcaide da obra arquitetónica, Castelo de Porto de Mós. Pouco tempo depois os mouros reconquistaram o castelo tendo D. Fuas sido obrigado a fugir, contudo, mais tarde ainda o conseguiu recuperar. No reinado de D. Sancho I havia um incentivo ao povoamento o que levou a um crescimento da povoação. Foi uma das localidades portuguesas que se constituiu, por iniciativa própria, em concelho. Foram feitas novas obras, no Castelo, na altura do reinado de D. Dinis que acabou por lhe conceder foral a 24 de julho de 1305⁷⁰ quando se inaugurou a sua adaptação para uma função de residência senhorial. D. Nuno Alvares Pereira conseguiu ampliar o castelo, assim como, a povoação e as suas propriedades. Após a sua morte esta herança foi entregue à sua filha e genro, os primeiros duques de bragança. Em meados do século XV, o seu neto, D. Afonso, 2º duque de Bragança, 4º Conde de Ourém e 1º Marquês de Valença, tendo sido responsável pelos melhoramentos em Porto de Mós. Homem culto e viajado, com influências renascentistas que ecoavam pela Europa, transformou o Castelo de Porto de Mós; por sua vez, os seus descendentes preservaram e ampliaram este edificado.⁷¹ No século XX, concretamente em 23 de junho de 1910, o castelo

⁶⁸ RAMOS, Luciano Justo. (1971), Castelo de Porto de Mós. Estudo Histórico. Edição Monografias da Comissão Regional de Turismo de Leiria, p.11.

⁶⁹ FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. I. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, p.129-130.

⁷⁰ SILVA, Saul António Gomes C. da. (1985), Porto de Mós Medieval – Breves Subsídios documentais para o seu conhecimento. Edição Câmara Municipal de Porto de Mós, p.21-27.

⁷¹ RAMOS, Luciano Justo. (1971), Castelo de Porto de Mós. Estudo Histórico. Edição Mon-



Figura 14 - Coruchéu |Interior do Castelo de Porto de Mós

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Figura 15 - Castelo de Porto de Mós

Fonte: FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. I. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós.

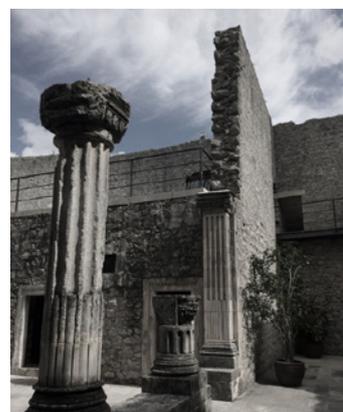


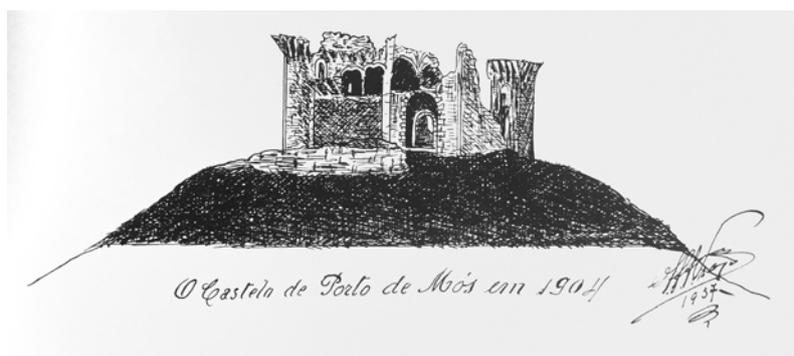
Figura 16 - Entrada Principal |Interior do Castelo de Porto de Mós

Fonte: Elaboração própria, 2018.

foi classificado como monumento nacional. A obra de intervenção e de restauro teve lugar a partir de 1997, onde a recuperação e conservação deste espaço foram o principal objetivo. Nesta intervenção desenvolveram-se vários pontos fundamentais para o seu restauro, tais como: a melhoria das coberturas; o restauro dos ornamentos térreos e da muralha; a demolição das construções de betão presentes; a impermeabilização e revestimento das plataformas exteriores; a aplicação de pavimentos interiores em madeira e escadas de acesso interior em estrutura metálica; a instalação elétrica interior e iluminação exterior; a projeção de instalações sanitárias, no piso térreo; a execução de um bar de apoio a eventos culturais e a projeção de uma receção e salas expositivas.⁷²

Figura 17 - Ilustração da Fachada Castelo de Porto de Mós

Fonte: RAMOS, Luciano Justo. (1971), Castelo de Porto de Mós. Estudo Histórico. Edição Monografias da Comissão Regional de Turismo de Leiria.



Recentemente, o Castelo de Porto de Mós sofreu obras de requalificação, acessibilidade e inclusão, que foram iniciadas em 2018 e que tiveram fim no presente ano (2019). A primeira fase de intervenção neste monumento incluiu obras de conservação e requalificação, integrado no objetivo principal “Revitalizar as Cidades”⁷³ e que estabeleceu trabalhos de saneamento, transformação elétrica, melhoria da eficiência energética e reparação de infiltrações. A segunda fase do projeto orientou-se na adaptação de um monumento inclusivo, com a realização de um percurso acessível, financiado pela Linha de Apoio ao Turismo Acessível do Turismo de Portugal.⁷⁴

Esta obra acumulou ao longo dos séculos influências militares, góticas e renascentistas.⁷⁵ Tem uma estrutura pentagonal com cinco torreões que reforçam os ângulos da forma. O pátio é de arco de volta perfeita, elevado por uma elegante loggia panorâmica, característica da arquitetura palaciana.⁷⁶ O interior é patenteado por um pátio central (onde se escavou a cisterna), a partir do qual se acede a todos os espaços do conjunto. Atualmente existem dois torreões a sul coroados por coruchéus, pirâmides verdes compostas por cerâmica, e dois torreões a norte que se encontram danificados, pelo terramoto. O quinto torreão não resistiu. Esta estrutura defensiva foi danificada pelo terramoto de 1755⁷⁷ e mais tarde em 1909,

ogرافias da Comissão Regional de Turismo de Leiria, p.42.

72 SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.

73 No âmbito do Programa Operacional Regional do Centro, Portugal 2020.

74 https://www.municipio-portodemos.pt/pages/1291?news_id=1133

75 Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana da Vila de Porto de Mós. Memória Descritiva e Justificativa. Reunião camararia de 6 de agosto de 2015, p.19.

76 RAMOS, Luciano Justo. (1971), Castelo de Porto de Mós. Estudo Histórico. Edição Monografias da Comissão Regional de Turismo de Leiria, p.12.

77 Idem, p.59-60.

arruinando especialmente o alçado norte. Toda a fachada sul apresenta uma combinação de elementos arquitetónicos do gótico quatrocentista.

Esta pequena Vila para além de ter uma grande importância a nível arquitetónico e na defesa militar foi a principal fonte de eletricidade, através da Central Termoelétrica⁷⁸, para o próprio concelho e concelhos vizinhos. Esta central tinha as instalações nas imediações da freguesia de São Pedro, tendo sido construída, na década de 30, pela Empresa Mineira do Lena.⁷⁹ Trabalhava a vapor, usando o carvão retirado das Minas da Bezerra e Alcanadas. Nesta central existia uma sala de cinema que se tornou no maior núcleo de diversão da altura para os autóctones. Nas imediações do edifício principal ainda hoje se vê a presença da torre de esfriamento das águas que alimentavam as turbinas.



“O carvão foi, desde tempos remotos, explorado na região de Porto de Mós, onde existia uma mina com bastante importância no lugar da Bezerra, freguesia de Serro Ventoso, na Serra dos Candeeiros. As minas de carvão da Bezerra entraram, pela primeira vez, em funcionamento em 1740. No entanto, até 1876 tiveram uma exploração muito inconstante. Entre 1885 e 1888 deu-se o período de maior expansão da atividade mineira da Bezerra. O caminho de ferro vinha da Martingança, passava por Batalha e Porto de Mós, seguindo depois até ao lugar da Bezerra, na freguesia de Serro Ventoso, de onde transportaria o carvão explorado nas minas que ali existiram, juntamente com as das Barrojeiras (Alcanadas). Era o caminho de ferro Mineiro do Lena. Pelos escritos que se consultaram, verificamos que a ideia era prolongar esta linha até ao Entroncamento, ligando assim a Linha do Oeste à do Norte.”⁸⁰



Figura 18 - Central Termoelétrica de Porto de Mós | Fachada a Norte

Fonte: FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. I. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós.

Figura 19 - Central Termoelétrica de Porto de Mós | Passagem Superior de Alimentação

Fonte: FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. I. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós.

Figura 20 - Interior da Central Termoelétrica de Porto de Mós

Fonte: https://www.google.pt/search?biw=1536&bih=722&tbm=isch&sa=1&ei=A9trica+porto+de+m%C3%B3s+&gs_l=img.3.3.0.0..0.87.87.1.....0....1..gws-wiz-img.HAMuJASQZDk#imgrc=Q9eWaibcuz1JXM:

⁷⁸ SILVA, Herlander Eleutério da. (1992), O Couto Mineiro do Lena – Histórias e memórias. Edição CEPAE – Centro do Património da Estremadura, p.17-18.

⁷⁹ FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. I. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, p.99.

⁸⁰ Câmara Municipal de Porto de Mós, disponível em: https://www.municipio-portodemós.pt/pages/1392?poi_id=422, consultado a 16 de outubro de 2018.

Figura 21 - Central Termoelétrica de Porto de Mós

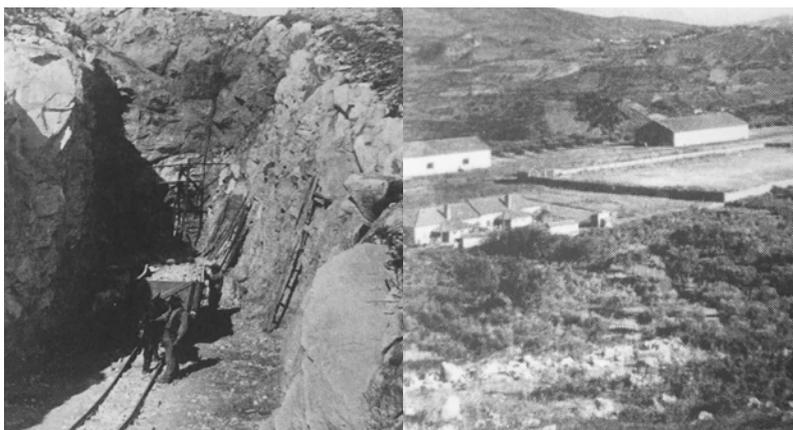
Fonte: FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. I. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós.



Atualmente, toda a central termoelétrica é considerada ruína e pretende-se fazer uma requalificação do espaço e transformá-lo num museu e arquivo histórico do município, o que irá substituir o existente.⁸¹ Esta intervenção já ficou parada há cerca de 2 anos, mas segundo a Câmara Municipal de Porto de Mós as obras vão reiniciar antes do verão do presente ano, 2019.⁸²

Figura 22 - Estação de Porto de Mós
Figura 23 - Construção do troço Porto de Mós/Bezerra, ao km 28 | Central Termoelétrica de Porto de Mós

Fonte: SILVA, Herlander Eleutério da. (1992), O Couto Mineiro do Lena – Histórias e memórias. Edição CEPAE – Centro do Património da Estremadura.



81 Projeto de Requalificação da Central Termoelétrica de Porto de Mós, disponível em: https://www.municipio-portodemos.pt/pages/1409?news_id=559, 2016.

82 Jornal de Leiria, disponível em: <https://www.jornaldeleiria.pt/noticia/obras-da-antiga-central-de-porto-de-mos-retomadas-ate-ao-ver-9899>, consultado a 25 de maio de 2019.

03.3 EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA E FUNCIONAL DO LUGAR DE INTERVENÇÃO

Neste subcapítulo iremos caracterizar o território de estudo em várias dimensões, detalhando sempre em duas escalas distintas: a área de influência e em pormenor, a área de projeto.

TOPOGRAFIA

O território em investigação tem uma variação altimétrica de 55 a 611 metros, apresentando uma elevação realçada onde se encontra a Serra de Aire e Candeeiros, contendo o PNSAC onde estão inseridos os seguintes monumentos, o Castelo de Porto de Mós, a Fórnea, as Grutas de Mira de Aire, a Gruta Algar do Pena e as Pegadas dos Dinossauros em Vale de Meios.

POPULAÇÃO

Segundo a informação patenteada nos Censos de 2011 (INE, 2011) a população residente na área de influência desta investigação, ou seja, a freguesia de São João Baptista e São Pedro, é de 6 023 efetivos, sendo que 48,7% são do sexo masculino e 51,3% do sexo feminino. Entre 2001 e 2011 verifica-se a população residente aumentou cerca de 8%.

Em termos etários, 945 residentes têm idades compreendidas entre os 0 a 14 anos, (15,6%), 679 indivíduos (11,3%), possuem entre 15 aos 24 anos; 3 290 (54,6%) têm entre os 25 e os 64 anos e 1 109 residentes (18,5%)⁸³ têm idades superiores a 64 anos.

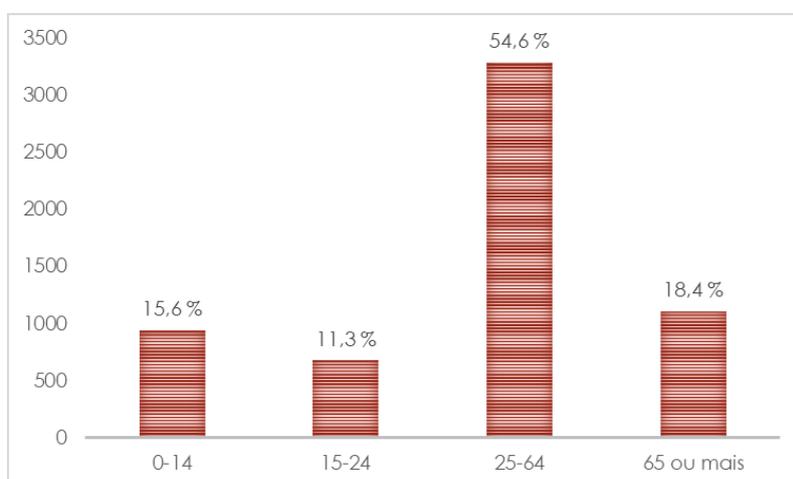


Gráfico 01 - População residente por grupo etário na área de investigação
Fonte: Censos 2011, INE.

Analisando o desemprego, em 2011 havia no total 313 pessoas desempregadas, correspondendo a uma taxa de desemprego na freguesia, de São Pedro e São João Batista, de 5,19%. Os valores tinham uma pequena discrepância entre os géneros, sendo que o número de desempregados era de 134 (42,81%) e 179 (57,19%) para homens e mulheres respetivamente, o que mostra que o desemprego afetava mais as mulheres. Dentro dos valores referidos, uma minoria de 48 residentes estava à procura do primeiro emprego correspondente a 15,33% do total e os restantes 265, correspondente a

⁸³ Instituto Nacional de Estatística (INE) – População residente segundo os grupos etários e a sua evolução entre 2001 e 2011, Portugal Censos 2011.

84,67%, procuravam um novo emprego.⁸⁴

É de evidenciar que 14,0% da população tem um curso superior (845 indivíduos) e os restantes têm níveis de escolaridade inferiores, sendo que 56,2 % da população tem o ensino básico (3382 indivíduos), 16,8% dos residentes têm o ensino secundário (1016) e que o analfabetismo atinge 4% da população (263 indivíduos).⁸⁵

Podemos concluir que a população residente na área de investigação é uma população constituída predominantemente por residentes em idade ativa correspondendo a 89,5% da população.⁸⁶

EDIFICADO

A nível residencial o concelho de Porto de Mós é composto, no seu conjunto, por alojamentos clássicos (99,8%) e por um segmento minoritário de barracas e de outros tipos de alojamento improvisados.⁸⁷ Entre os dois momentos censitários, a situação é muito similar ao descrito (em 1991 havia 5 barracas e 16 situações improvisadas), contudo entre 1991 e 2001 é notório o aumento de alojamentos clássicos, com um aumento de 81 alojamentos, e o decréscimo de barracas, 2.

	Alojamentos clássicos		Barracas		Outros		Total	
	1991	2001	1991	2001	1991	2001	1991	2001
<i>Alcaria</i>	215	183	0	0	0	0	215	183
<i>Alqueidão da Serra</i>	811	897	0	0	1	1	812	898
<i>Alvados</i>	267	335	0	0	0	1	267	336
<i>Arrimal</i>	285	328	0	0	0	0	285	328
<i>Calvaria de Cima</i>	748	913	1	0	9	8	758	921
<i>Juncal</i>	1133	1360	0	2	1	1	1134	1363
<i>Mendiga</i>	417	473	0	0	0	1	417	474
<i>Mira de Aire</i>	1729	2110	1	0	2	3	1732	2113
<i>Pedreiras</i>	991	1105	0	0	2	5	993	1110
<i>São Bento</i>	474	561	0	0	0	1	474	562
<i>Serra Ventoso</i>	419	500	1	0	0	0	420	500
<i>São Pedro e São João Batista</i>	2155	2724	2	0	1	1	2158	2725
<i>Porto de Mós (concelho)</i>	9644	11489	5	2	16	22	9665	11513

Quadro 01 - Tipos de Alojamento em 1991 e 2001

Fonte: INE-Portugal, Recenseamentos Gerais da População e da Habitação, 1991 e 2001.

Relativamente aos alojamentos clássicos, há um aumento significativo em 2011 na freguesia de São Pedro e São João Batista (+534). Se relacionarmos este indicador com o número de residentes, constatamos que há uma média de 1,8 habitantes por alojamento.

84 Instituto Nacional de Estatística (INE) – População residente economicamente ativa e empregada, Portugal Censos 2011.

85 Instituto Nacional de Estatística (INE) – População residente segundo o nível de escolaridade, Portugal Censos 2011.

86 Instituto Nacional de Estatística (INE) – População residente e desempregada, Portugal Censos 2011.

87 Plano Diretor Municipal de Porto de Mós (2011), Atualização dos Estudos de Caracterização da 1ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Porto de Mós, Análise Diagnóstica, Volume I, abril 2011.

Zona Geográfica	Famílias		Núcleos familiares	Alojamentos familiares			Alojamentos colectivos	Edifícios clássicos
	Clássicas	Institucionais		Total	Clássicos	Não clássicos		
1	8	9	10	11	12	13	14	15
Porto de Mós (concelho)	9351	10	7457	13023	13018	5	24	11220
Alcaria	106	0	74	226	226	0	1	227
Alqueidão da Serra	669	2	526	973	973	0	2	965
Alvados	210	0	150	301	301	0	3	302
Arrimal	262	0	224	377	377	0	0	376
Calvaria de Cima	940	1	787	1237	1236	1	1	1083
Juncal	1191	3	1025	1640	1640	0	4	1575
Mendiga	351	0	282	498	498	0	2	480
Mira de Aire	1568	1	1186	2179	2179	0	3	1469
Pedreiras	983	1	810	1278	1274	4	1	1250
São Bento	340	0	263	540	540	0	1	539
Serro Ventoso	368	1	318	516	516	0	1	514
São Pedro e São João Batista	2363	1	1812	3258	3258	0	5	2440

Quadro 02 - Famílias, Núcleos Familiares, Alojamentos e Edifícios

Fonte: Censos 2011, INE.

Na freguesia de São Pedro e São João Batista, percebemos que grande parte dos edifícios são exclusivamente para uso residencial, conta com uma 95,8% do edificado, 2338 edifícios, a restante percentagem refere-se a edifícios não residenciais, 4,2%.

Zona Geográfica	Utilização do edifício			Tipo de edifício		
	Exclusivamente residencial	Principalmente residencial	Principalmente não residencial	Clássicos construídos estruturalmente para		
				Possuir 1 ou 2 alojamentos familiares	Possuir 3 ou mais alojamentos familiares	Outro tipo
1	12	13	14	15	16	17
Porto de Mós (concelho)	10743	402	75	10755	319	146
Alcaria	216	10	1	226	0	1
Alqueidão da Serra	948	17	0	963	1	1
Alvados	293	8	1	299	0	3
Arrimal	371	4	1	376	0	0
Calvaria de Cima	1044	33	6	1050	33	0
Juncal	1505	66	4	1555	18	2
Mendiga	470	8	2	478	1	1
Mira de Aire	1349	110	10	1236	109	124
Pedreiras	1184	38	28	1240	3	7
São Bento	517	17	5	538	1	0
Serro Ventoso	508	5	1	512	1	1
Porto de Mós (São Pedro e São João Baptista)	2338	86	16	2282	152	6

Quadro 03 - Edifícios segundo o tipo de utilização

Fonte: INE-Portugal, Censos 2011.

Na freguesia de intervenção, existem 2440 edifícios, o que faz com que exista uma média de 1,6 alojamentos por edifícios unicamente para residências. Existem 5 alojamentos considerados coletivos. Caracterizando os edifícios segundo o número de pisos, observamos que, 2241 têm 1 piso (98,8%), 164 têm 2 a 6 pisos (6,7%), 29 têm 7 a 13 pisos (1,2%) e 6 têm 13 ou mais pisos (0,3%) (ver quadro 4).

Quadro 04 - Edifícios segundo o número de pisos, 2011
 Fonte: INE-Portugal, Censos 2011.

Zona Geográfica	Número de Alojamentos				Total
	C/ 1 piso	C/ 2 a 6 pisos	C/ 7 a 13 pisos	C/ +13 pisos	
1	2	3	4	5	6
Porto de Mós (concelho)	10669	471	67	13	11220
Alcaria	227	0	0	0	227
Alqueidão da Serra	955	10	0	0	965
Alvados	300	2	0	0	302
Arimal	375	1	0	0	376
Calvaria de Cima	1039	37	7	0	1083
Juncal	1534	41	0	0	1575
Mendiga	164	16	0	0	180
Mira de Aire	1256	175	31	7	1469
Pedreiras	1228	22	0	0	1250
São Bento	537	2	0	0	539
Serro Ventoso	513	1	0	0	514
Porto de Mós (São Pedro e São João Baptista)	2241	164	29	6	2440

TURISMO

Esta é uma área reconhecida pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC) e mais recentemente inserida no Património da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), pela Calçada Portuguesa, e ser um ponto de interesse nacional e internacional pelo seu Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (PNSAC).

As ofertas culturais, paisagistas e gastronómicas são reconhecidas como a primordial atração de Porto de Mós, no entanto, a sua promoção turística ainda apresenta algumas lacunas.

Segundo os dados estatísticos analisados, em 2016, a vila de Porto de Mós recebeu um total de 2 390 visitantes e registando-se cerca de 30 000 dormidas nos alojamentos da freguesia (Câmara Municipal de Porto de Mós, 2017). No concelho de Porto de Mós, atualmente, existem 17 alojamentos locais sendo que nenhum deles se situa na freguesia de São Pedro e São João Batista.

Os visitantes na sua maioria percorrem este território em grupos de 2 a 4 pessoas, que viajam a título particular e não em excursões e o motivo fundamental da viagem é a cultural, por lazer, sendo aspetos importantes a paisagem e a gastronomia.

MOBILIDADE

Neste território o tráfego circula sem grandes restrições devido à sua malha diversificada. Com o crescimento urbano e dadas as características do território, registam-se maiores dificuldades de circulação nas zonas históricas da vila principalmente nos meses de maior atração turística.

Observamos vários tipos de vias nesta região, as quais têm sofrido algumas mudanças com o passar dos anos, nomeadamente ao nível do pavimento, criando-se assim uma marca visual da zona histórica, onde o pavimento é todo em Calçada Portuguesa e os restantes pavimentos em asfalto.

É relevante compreender, ao nível do território da AMLEI, quais as entradas

principais e secundárias na zona de investigação e de intervenção. Deparamo-nos assim com uma entrada principal e quatro secundárias, como se pode observar na figura abaixo.



Figura 24 - Planta de Porto de Mós | Nacional 243
Fonte - Elaboração própria, 2019.

A N243 é considerada a principal via de entrada para a Vila, tanto para quem vem de Lisboa como de Leiria e tem início na Corredoura, esta via tem ainda uma entrada secundária, para quem vem da Ribeira de Cima. Nas outras três entradas secundárias, encontramos a N362 que vem da Batalha e em sentido oposto do Livramento, por fim temos a entrada vinda de Fátima que se faz pelo Alqueidão da Serra. As 4 entradas secundárias vêm do sentido do PNSAC.

Em relação aos meios de transporte percebemos que as pessoas se deslocam de forma dominante pelos seus meios e em transporte privado, visto que existe uma grande lacuna ao nível da rede de transportes na freguesia. Neste momento o serviço de transporte público coletivo é garantido pela Rodoviária do Tejo, limitando-se aos percursos pelas vias principais, não sendo na maior parte das vezes são compatíveis com os horários de trabalho da população residente. Para além destes percursos que ligam as pequenas freguesias a Leiria e a Fátima, a Câmara Municipal assegura o transporte escolar, de manhã e ao final do dia, e o transporte para o mercado Municipal que decorre durante as manhãs de sexta-feira.



Figura 25 - Esquízo da Rede Viária na zona de Porto de Mós
Fonte - Elaboração própria, 2019.

03.4 OPINIÕES E PERCEÇÕES DOS RESIDENTES, VISITANTES E TRABALHADORES

Procedeu-se à aplicação de um inquérito por questionário junto de visitantes, residentes, trabalhadores-residentes e trabalhadores na área em estudo. Foi solicitada a opinião dos inquiridos face à mobilidade, qualidade de vida quotidiana e social e espaço público envolvente. Embora este Trabalho Final de Mestrado se centre apenas em uma das freguesias, Porto de Mós – São João Batista e São Pedro, foi, no entanto, necessário alargar a análise ao concelho para perceber melhor a qualidade de vida e a mobilidade do lugar.

Assim sendo, a área de realização destes questionários abrange todo o concelho de Porto de Mós, inclui as 10 freguesias, Pedreiras, Juncal, Calvaria de cima, Serro Ventoso, São Bento, Alqueidão da Serra, Mira de Aire, Porto de Mós – São João Batista e São Pedro, União de freguesias de Alvados e Alcaria e União de freguesias do Arrimal e Mendiga.

O processo de aplicação do inquérito iniciou-se com a implementação de um pré-teste, o que se afigurou como um momento relevante, na medida em que permitiu aferir a duração do processo de inquirição, assim como, a pertinência e o nível de compreensão das questões colocadas.

Este instrumento de recolha de dados está organizado por blocos de questões: 1) questões sobre a frequência com que os inquiridos visitavam a Vila e qual o seu propósito, 2) sobre a qualidade de vida da vila, e 3) nível de conhecimento relativamente à história e memória da Vila de Porto de Mós (ver anexo nº1).

Esta técnica de recolha de dados constituiu uma oportunidade de contactar diretamente com a população, sendo que a sua aplicação decorreu num registo de conversação marcado por uma certa informalidade.

Como objetivo final deste questionário pretendeu-se compreender como é que os indivíduos classificam e qualificam a qualidade das suas vivências na vila, ao nível da mobilidade, espaços verdes e espaços públicos. Assim, pretende-se que a proposta implementada no âmbito deste PFM corresponda às carências e expectativas dos indivíduos, o que contribuirá mais facilmente para a satisfação dos residentes, para a sua apropriação do espaço proposto e para operar melhorias ao nível da qualidade de vida desta vila.

A amostra delimitada corresponde a um total de 100 inquiridos (6 023 residentes na freguesia de São Pedro e São João Batista).

Trata-se de uma pequena amostra não probabilística e não estatisticamente representativa, mas ilustrativa em termos qualitativos das opiniões e perceções dos inquiridos residentes, visitantes e/ou trabalhadores. A seleção dos inquiridos seguiu uma amostragem intencional e por objetivo, abordando-se pessoas localizadas em diferentes faixas etárias, homens e mulheres, com uma diferente situação ocupacional, de maneira a compreender a sua situação social, a sua relação com a sociedade e contexto local, as suas necessidades e expectativas e o grau de conhecimento acerca da área em

estudo.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Em termos de género, 29,0% da amostra é composta por homens e os restantes 71% dizem respeito aos efetivos femininos.

Em termos de idade predominam os indivíduos que se inserem na faixa dos 25 aos 65 anos, com 63% dos inquiridos, seguindo-se com 36% a faixa dos 18 aos 24 anos e por fim, 1% diz respeito aos indivíduos com mais de 65 anos.

Foi também relevante perceber o nível de instrução dos respondentes, tendo-se verificado que 39% dos inquiridos têm um curso superior, 36% possuem o ensino secundário e 14% detêm um diploma de mestrado, o que evidencia uma realidade diferente da retratada nos dados dos Censos de 2011.

Em termos de enraizamento e inserção no local, 70% dos inquiridos são residentes na freguesia de Porto de Mós- São João Batista e São Pedro, na zona de intervenção, e os outros 30% são visitantes. Dos 70% de residentes, observou-se que 11,7% vivem aqui entre 2-10 anos, 24,5% estão entre 11-20 anos, 35,2% estão entre 21- 30 anos, 18,6% estão entre 31 a 40 anos e os restantes 9,8% estão aqui enraizados há mais de 41 anos.

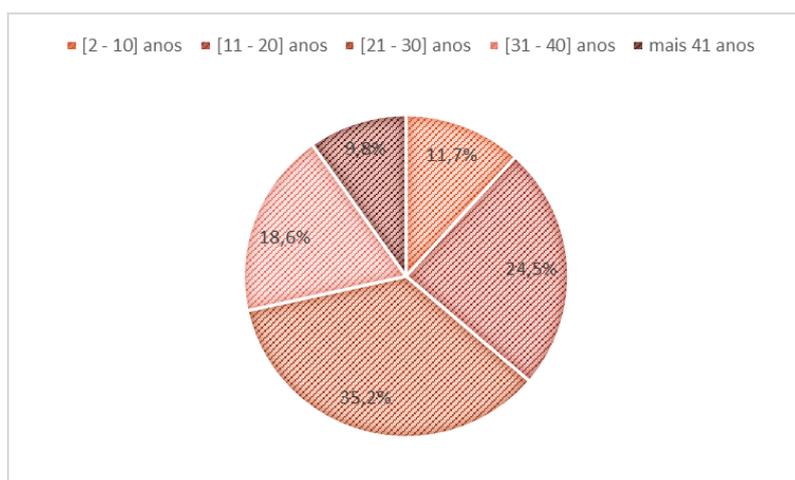


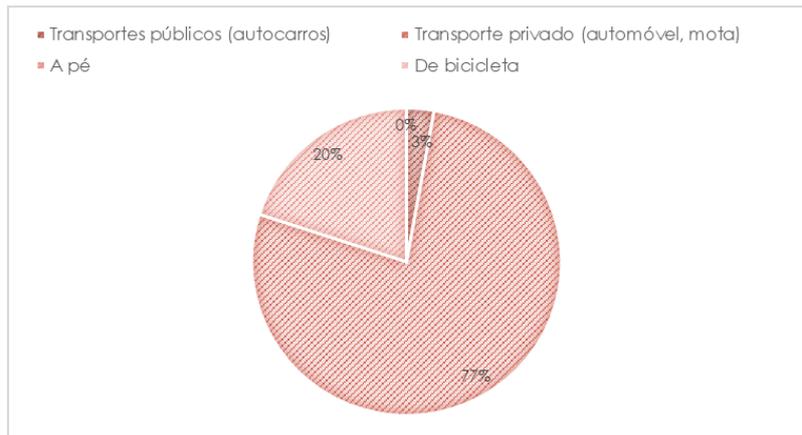
Gráfico 02 - Tempo de inserção na Vila de Porto de Mós
Fonte: Elaboração própria, 2018.

MOBILIDADE E VIVÊNCIAS

Residentes e não residentes foram inquiridos sobre questões ligadas à mobilidade, nomeadamente, sobre qual o tipo de transporte que utilizam para a sua deslocação, 77% usam a viatura pessoal, 20% deslocam-se a pé e apenas 3% utilizam transportes públicos nas suas deslocações.

Gráfico 03 - Tipo de Transporte que utiliza

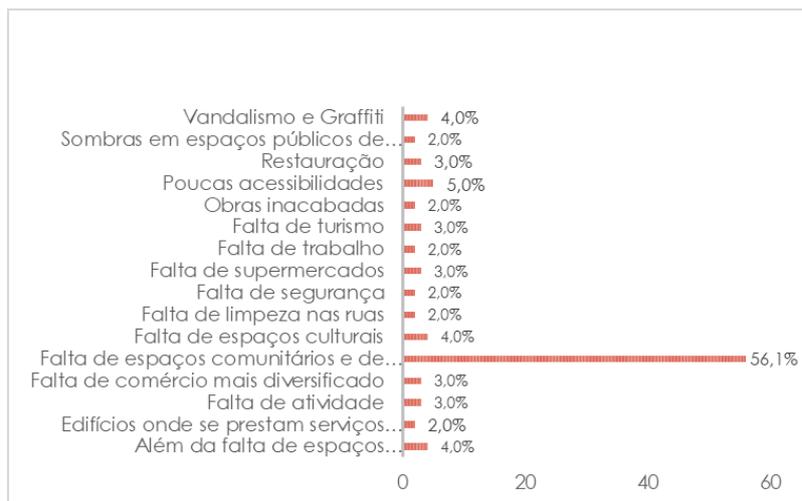
Fonte: Elaboração própria, 2018.



Tentou-se indagar junto da população residente e não residente sobre quais os principais problemas que existem na vila, podendo assim se entender melhor o que pode ser melhorado para uma melhor vivência na vila. Verificámos que 56,1% apontam a falta de espaços comunitários e de convívio, e os 43,9% restantes estão repartidos entre vários problemas, sendo de evidenciar a falta de acessibilidades (5,0%) o vandalismo e graffiti (4,0%), a falta de espaços culturais (4,0%), entre outros (ver gráfico 04).

Gráfico 04 - Principais Problemas da Vila

Fonte: Elaboração própria, 2018.



Para um melhor entendimento sobre as vivências na vila questionou-se todos os inquiridos, residentes e não residentes, sobre o propósito com que a visitam, 49,9% responderam que a intenção de ir à Vila é por motivos de convívio social, 42,8% responderam que era fazer compras, 28,5% indicaram que era para passear e 25,5%, respetivamente responderam que visitavam a vila para participar em eventos culturais, e para trabalhar ou estudar (ver gráfico 8).

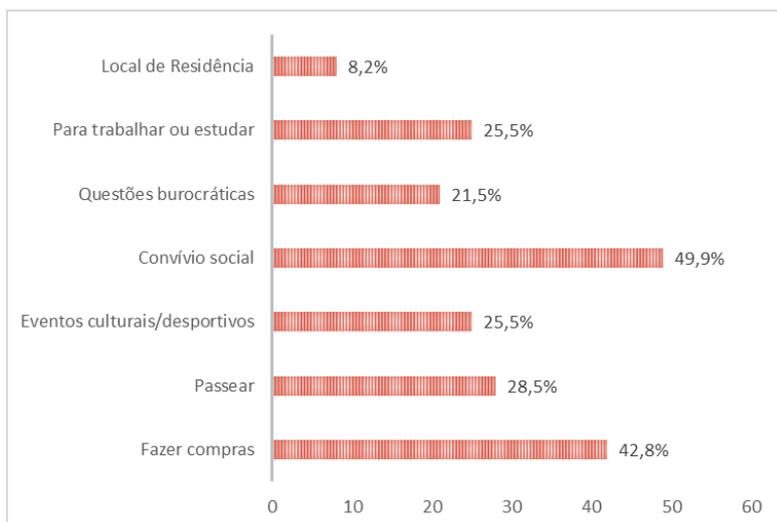


Gráfico 05 - Razões para visitar/frequentar a Vila
Fonte: Elaboração própria, 2018.

Numa fase mais avançada desta investigação houve a necessidade de introduzir uma questão relacionada com a relação dos inquiridos com a Vila, sendo que 62,2% dos inquiridos responderam que tinham laços de amizade com outros habitantes, 38,7% afirmaram respetivamente, que as pessoas se conhecem umas às outras, e que sentem seguros na vila; 35,6% sentem que pertencem à vila, 27,5% respetivamente, conseguem obter o que necessitam da vila e participam em atividades recreativas, desportivas e culturais na vila, 25,4% participam na vila social, cultural e política local, ver gráfico 06.



Gráfico 06 - Relação com a Vila
Fonte: Elaboração própria, 2018.

Numa abordagem mais focalizada em torno da cultura local, tentou-se aferir o grau e tipo de conhecimentos que os respondentes possuem sobre a história da Vila. Para tal questionaram-se os respondentes sobre a origem do nome "Porto de Mós", sendo que 66% dos inquiridos conheciam a sua origem (ver figura 10). Foram ainda questionados sobre quais as origens religiosas que tiveram influência na vila, 55% dos inquiridos responderam que conheciam. De salientar que 94% dos inquiridos possuem conhecimentos sobre a Lenda de D. Fuas Roupinho; 82% estão cientes da importância que Porto de Mós na batalha de Aljubarrota; 66% conhecem a importância que a Empresa Mineira do Lena teve para a evolução da vila (ver figura 12); 91% dos inquiridos conhece a relevância da vila em termos de matérias-primas

no âmbito da indústria de pedra, mais precisamente a Calçada Portuguesa; 69% dos inquiridos sabem que a Central Termoelétrica de Porto de Mós, administrada pela Empresa Mineira do Lena, foi a maior empresa do distrito de Leiria e foi com esta central que a população do concelho viu pela primeira vez luz nas suas habitações.

Gráfico 07 - Conhecimentos sobre a origem do nome "Porto de Mós"
Fonte: Elaboração própria, 2018.

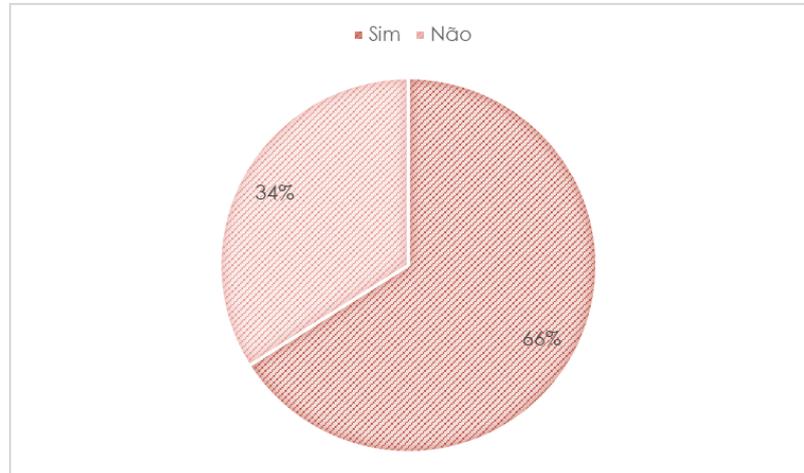
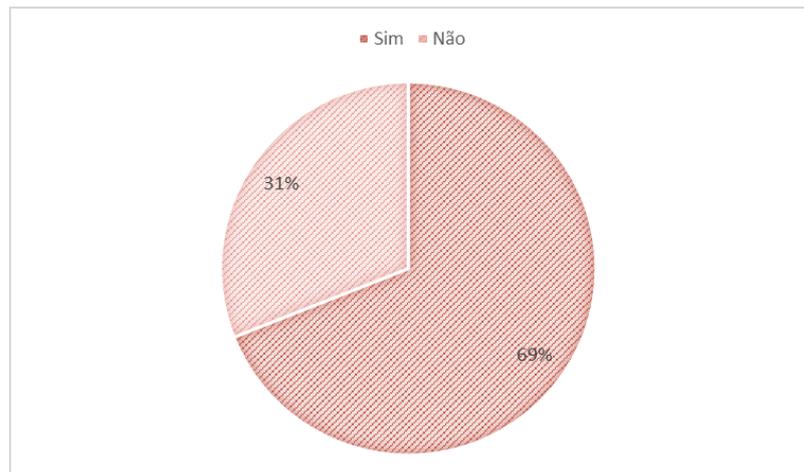


Gráfico 08 - Conhecimentos sobre a importância e a história da Empresa Mineira do Lena
Fonte: Elaboração própria, 2018.



Sobre a realização de celebrações e festividades coletivas, constatou-se que 81,6% dos inquiridos têm conhecimento sobre as Festas de São Pedro; de facto, trata-se do maior evento cultural local, pois, durante uma semana, cerca de 10 000 visitantes procuram a Vila de Porto de Mós. Apenas 11,3% dispõem de conhecimentos sobre outros eventos culturais não religiosos (ver gráfico 09).

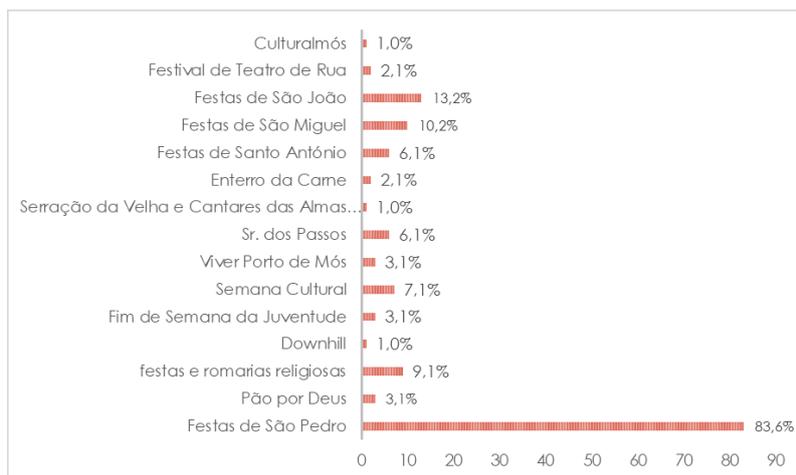


Gráfico 09 - Conhecimentos sobre os costumes, as tradições e as festas da Vila

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Uma outra questão versou sobre os usos a atribuir ao edifício a reabilitar. Para tal, na projeção do inquérito, foi intencional criar algumas questões que nos conduzissem diretamente à conceção do programa, podendo criar um uso com um sentido de pertença com o lugar.



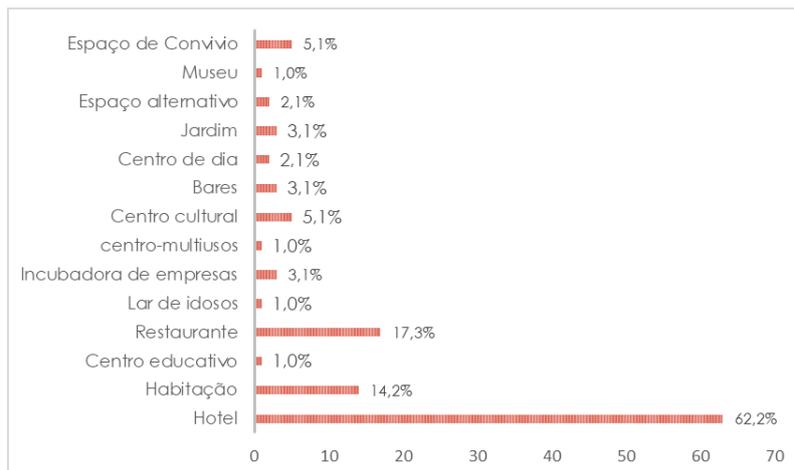
Figura 26 - Fachada do edifício de intervenção

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Constatou-se que os inquiridos assinalam a falta de Hotéis/habitação, 62,2% e 14,2%, respetivamente, como sendo a maior carência presente na vila. A segunda maior necessidade da vila refere-se à falta de restauração, 17,3%, e a terceira são os espaços de convívio e sociabilidade em conjunto com o centro cultural, ambos com 5,1%.

Dado o sentido das opiniões manifestadas, decidiu-se ponderar como uso a implementar neste edifício um equipamento hoteleiro, que incorpora um spa, integrando ainda este programa, um restaurante panorâmico, visto que na área onde será construído dispõe de uma vista panorâmica sobre a vila.

Gráfico 10 - Usos que se poderiam construir no lugar de intervenção
 Fonte: Elaboração própria, 2018.



Com as últimas questões foi possível aceder a respostas a questões abertas sobre o que poderia ser melhorado para uma melhor qualidade de vida neste local; foi interessante perceber que alguns inquiridos (69,4%) evidenciaram a carência de espaços que permitissem a permanência dos visitantes locais.

No que concerne à frequência de espaços públicos, 55% dos inquiridos frequentam o Parque verde como primeira opção (ver fig. 29), local onde o edifício de intervenção está inserido, surgindo o Jardim Municipal (ver fig.27), como segunda escolha.

Figura 27 - Jardim Municipal de Porto de Mós
 Fonte: Elaboração própria, 2018.
Figura 28 - Lago dos Patos
 Fonte: Elaboração própria, 2018.



Figura 29 - Parque Verde | Porto de Mós
 Fonte: Elaboração própria, 2018.



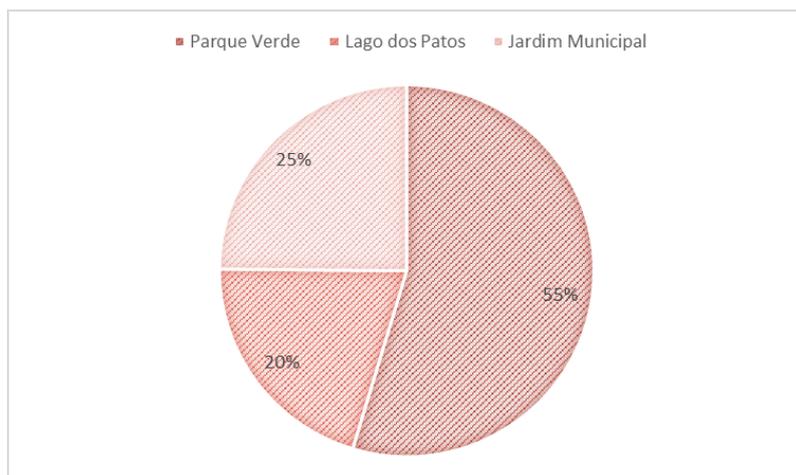


Gráfico 11 - Frequência de espaços verdes que frequenta

Fonte: Elaboração própria, 2018.

SÍNTESE CONCLUSIVA

A maioria das pessoas que frequentam e permanecem neste território são habitantes locais. Os usos e funções existentes são os suficientes para a vivência dos residentes, no entanto existe falta de equipamentos e serviços na receção, acolhimento e permanência de visitantes a esta vila. Aqui, subsiste a necessidade de se implementar locais que consigam fixar e manter os visitantes de forma a promover e desenvolver a economia e dinamizar o património cultural local.

Cruzando várias fontes de informação e ao conhecimento que construímos sobre este lugar, parece-nos que a implementação de um novo uso terá que englobar alguns dos aspetos mencionados pelos inquiridos, sendo eles, a projeção de mais habitação, de espaços públicos verdes com sombreamento e mais restauração local. Atendendo às opiniões manifestadas pela população inquirida, estrategicamente, projetou-se um Equipamento Hoteleiro e Spa com um Restaurante Panorâmico que oferece, não só aos residentes novos serviços e funcionalidades na vila, como proporciona infraestruturas indispensáveis à permanência e estadia de turistas, o que permitirá trazer mais vitalidade ao tecido cultural e económico de Vila Forte e do concelho de Porto de Mós.



Figura 30 - Diagrama da análise SWOT | Strength | Weaknesses | Opportunities | Threats
Fonte: Elaboração própria, 2019.

03.5 ANÁLISE SWOT

A análise SWOT é um método que permite identificar e sistematizar os pontos fortes e fragilidades da área de estudo e as oportunidades e ameaças a ter em linha de conta no desenho da estratégia de intervenção a implementar em termos urbanos e arquitetónicos. Tendo por base os dados da análise documental; da análise dos planos e projetos, das visitas e observação do local de estudo; dos inquéritos por questionário, construímos este diagnóstico SWOT que nos serve como ferramenta essencial para o desenvolvimento da proposta urbana e arquitetónica. A caracterização e diagnóstico da Vila de Porto de Mós resultou na conceção modelos síntese (quadro 16 e 17) e da análise SWOT final (quadro 18), seguidamente apresentadas, e que sintetizam o ambiente interno e externo em que se encontra esta vila, de forma clara e diagramática, salientando as dimensões mais pertinentes.

ANÁLISE INTERNA

Opportunities	Threats
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento de atividades turísticas de natureza, patrimonial e identitário; - Recurso a fundos comunitários, para financiamento de projetos no âmbito do lazer e de estruturas de desenvolvimento local; - Execução de projetos de Rede Social, e Inclusão/Emprego, no estímulo à criação de autoemprego; - Produção da habitação a custos controlados; - Conceção do Plano de Pormenor da Área envolvente ao Campo Militar de São Jorge; - Elaboração do Plano de Pormenor de para a zona antiga de Porto de Mós; - Recuperação da Antiga Central Termoelétrica; - Reabilitação Cultural da Antiga Cadeia; - Definição de normas de defesa e valorização do património; - Extensão da Zona Industrial de Porto de Mós; - Divulgação do Castelo de Porto de Mós enquanto espaço lúdico e cultural; - Investimentos previstos no âmbito de equipamentos culturais (Recuperação Cultural da Antiga Central Termoelétrica de Porto de Mós); - Execução de novas infraestruturas de fornecimento de água, principalmente novas captações, depósitos e condutas; - A nível local, o conjunto de investimentos planeados pela autarquia ou propostos no âmbito da presente revisão do PDM; - Definição de um conceito global para a rede viária municipal, incluindo o estabelecimento da sua adequada hierarquização funcional; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dependência funcional de Porto de Mós, face a outros centros urbanos mais ativos (sobretudo, Leiria); - Alargamento do número de fogos vagos e inúteis, principalmente nas áreas mais antigas dos centros urbanos. - Progressão do mau estado de conservação do património edificado; - Extinção do património arqueológico face às novas construções; - Descaracterização dos centros antigos com interesse face à introdução de linguagens arquitetónicas contrastantes e dissonantes. - Aumento da dispersão urbana; - Aumento da desertificação e da degradação dos centros antigos em função da construção de novas habitações; - Identificação da estrutura industrial existente tornando-se uma desvantagem para a imagem urbana tradicional do concelho; - Existência de alguns equipamentos degradados; - Algumas das atividades existentes em espaço rural (agricultura, pequenas indústrias ou armazéns, pecuárias, etc.) podem ter consequências ao nível da qualidade dos solos e da água. - Incertezas relacionadas à concretização de alguns dos investimentos previstos no âmbito do Plano Rodoviário Nacional tendo em conta a disponibilidade financeira existente;

Quadro 05 - Análise Interna da Vila de Porto de Mós

Fonte: Elaboração própria, 2019.

ANÁLISE EXTERNA

	Vantagens	desvantagens
D Demográfico e Socioeconómico	<ul style="list-style-type: none"> - Relações sociais e de vizinhança próximas entre os residentes; - Tranquilidade e segurança no centro da Vila (incluindo a zona histórica); - Ligações afetivas entre a população residente e os visitantes desta Vila; 	<ul style="list-style-type: none"> - Envelhecimento da população residente no concelho; - População com baixo nível formação e qualificações (Ensino Básico); - Afastamento da população mais envelhecida, isolam-se nas habitações, e pouca presença nos poucos espaços exteriores que existem;
H Habitação	<ul style="list-style-type: none"> - Vontade e gosto por parte da população em viver no centro histórico e afeto pela habitação e pelo local; - A memória e o ambiente social entre vizinhos são elementos fundamentais para este gosto de viver numa zona histórica; 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento de habitações devolutas a necessitar de intervenções; - Falta de oferta de habitações em boas condições para novos residentes (falta de elementos atrativos para o centro histórico); - Existência de muitos edifícios antigos onde as estruturas estão danificadas ou em elevado estado de degradação;
P Património	<ul style="list-style-type: none"> - Presença de elementos patrimoniais edificados no centro da área de intervenção (Castelo de Porto de Mós, Igreja de São Pedro, Capela de Santo António, a Igreja de São João, Grutas de Mira de Aire, Grutas de Alvados e Central Termoelétrica); - Dispersão destes elementos patrimoniais por toda a Vila; - O património enquanto elemento essencial para a criação da identidade local do centro histórico; - Concelho que pertence ao Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiro (PNSAC) que é considerado Património Nacional; 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco usufruto do património local por parte da população residente e dos visitantes locais; - Falta de dinamização do património e das áreas envolventes, principalmente ao Castelo e à Central Termoelétrica; - Componentes patrimoniais desqualificados (Central Termoelétrica);

Quadro 06 - Análise Externa da Vila de Porto de Mós | Parte 1
Fonte: Elaboração própria, 2019.

<p>Espaço Público e Ambiente Urbano</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O espaço público enquanto elemento fundamental para a estruturação da malha urbana, elucidando o tecido urbano presente na vila; - Toda a área pública da vila é uma das principais componentes para a vivência neste centro, sendo pontuado pela presença de alguns espaços privilegiados de convívio e de sociabilidade é visível; - Os pavimentos foram explorados de forma a dar destaque à zona histórica, através da Calçada Portuguesa de diferentes cores, e a algumas das Avenidas principais dentro da Vila; 	<ul style="list-style-type: none"> - Lacuna ao nível da manutenção do Rio Lena; - Espaços públicos com falta de sombreamento nas áreas verdes, mobiliário urbano e espaços de lazer ao ar livre; - Escassez e falta de dinamização e de uso dos espaços verdes; - Falta de conservação de alguns equipamentos públicos, nomeadamente dos campos de treino junto às piscinas municipais, e falta de dinamização dos mesmos;
<p>Equipamentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aumento de iniciativas, por parte da Câmara Municipal de Porto de Mós, que promovem o comércio local e a agricultura local; - Potencialidades turísticas, a observação da natureza, paisagem e zonas panorâmicas, mais especificamente em relação à vegetação e fauna na serra de Aire e Candeeiros; através do património nacional aqui existente, mais especificamente à promoção do Castelo de Porto de Mós, às grutas de Mira de Aire e Alvados e á Ecopista, podendo trazer benefícios para a economia local; 	<ul style="list-style-type: none"> - Degradação de alguns espaços comerciais por se encontrarem em edifícios antigos nas zonas mais antigas da Vila (Centro Comercial 2000); - Falta de serviços sociais atrativos, principalmente noturnos, serviços de lazer e alojamento hoteleiro; - Dificuldades económicas por parte dos comerciantes pela diminuição das vendas e pelo fecho de alguns estabelecimentos; - O comércio existente pratica elevados preços, o que gera menos procura e quebra nas vendas, muitas vezes a população opta por ir a zonas comerciais, a cerca de 3 km da vila, com preços mais acessíveis;
<p>Infra-estruturas Rede Viária de Transportes</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Intervenções por parte da Câmara Municipal de Porto de Mós em algumas infra-estruturas de saneamento básico (S. Bento); - Centro da Vila com boa circulação pedonal; 	<ul style="list-style-type: none"> - Más condições para a circulação pedonal nos arruamentos principalmente na zona histórica; - Excesso de transportes privados promovendo alguns problemas ambientais e de ruído; - Lacunas ao nível da rede de transportes públicos, que se pode considerar quase inexistente; - A fisionomia dos arruamentos e os perfis de rua, na zona histórica, não possibilitam a existência e organização de estacionamento público;

Quadro 07 - Análise Externa da Vila de Porto de Mós | Parte 2
 Fonte: Elaboração própria, 2019.

		ANÁLISE EXTERNA	
		Opportunities	Threats
ANÁLISE INTERNA	Vantagens	<ul style="list-style-type: none"> - Usufruto das qualidades da área pública e da envolvente urbana neste centro histórico, numa perspetiva paisagística; - Importância do património edificado existente, através da sua conservação e da regularização da manutenção; - Transformar esta Vila num lugar de referência, de maior centralidade e capaz de exercer efeitos de atração turística; 	<ul style="list-style-type: none"> - Beneficiar das características existentes na vila, a nível histórico e territorial, convertendo-a num lugar de preferência ao nível do comércio, dos serviços, dos equipamentos e da sua área urbana; - Consolidar as relações de sociabilidade e os laços de amizade que estão presentes neste centro, de forma a promover a inserção social; - Promover a inter-relação entre os elementos patrimoniais presentes nesta vila, visando à sua utilização e promoção frequente;
	Desvantagens	<ul style="list-style-type: none"> - Solucionar o decréscimo do sistema comercial, de serviços e equipamentos desta área; - Dominar o avanço da degradação de edifícios considerados Património Nacional através de ações de reabilitação e de requalificação, beneficiando assim, este centro histórico; 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover melhorias nos espaços públicos, na área do parque verde junto ao Rio Lena, impulsionando atrações turísticas e residenciais; - Desenvolver atividades, culturais, sociais e de comércio evitando a dependência funcional deste centro ao centro urbano de Leiria e da Batalha; - Dominar o aumento de edifícios em que as estruturas estão danificadas, aproveitando para a projeção de mais alojamento local destinado a turistas, promovendo assim esta vila;

Quadro 08 - Matriz final da análise SWOT da Vila de Porto de Mós
 Fonte: Elaboração própria, 2019.

A realização da análise SWOT sobre a vila de Porto de Mós, possibilitou a elaboração de um diagnóstico sobre as potencialidades e necessidades desta vila, o que foi um elemento de auxílio à definição de estratégias de intervenção sobre este lugar. Tendo por base a compreensão desta realidade foi possível definir as principais prioridades para este lugar, Vila de Porto de Mós.

Relacionando as oportunidades (Opportunities) e os pontos fortes (Strengths) desta vila compreendemos as suas vantagens e a importância que têm para a sua evolução futura. Confrontando as vantagens com as ameaças (threats) percebemos claramente quais são os aspetos a valorizar e a promover. Interligando as fragilidades (Weaknesses) com as oportunidades (Opportunities) desta zona surge a necessidade de imprimir uma nova dinâmica a este território de forma a que as questões internas negativas possam ser mitigadas e resolvidas com o apoio de elementos externos auxiliares. Finalmente, cruzando as vulnerabilidades (Weaknesses) com as ameaças (threats) surgem as fraquezas que devem ser sujeitas a uma transformação positiva no sentido de serem fatores de mudança para esta vila.



Figura 31 - Mapa de sinalização dos Pontos Fortes | Strength
 Fonte: Elaboração própria, 2018.



Figura 32 - Mapa de sinalização dos Pontos Fracos | Weaknesses
 Fonte: Elaboração própria, 2018.



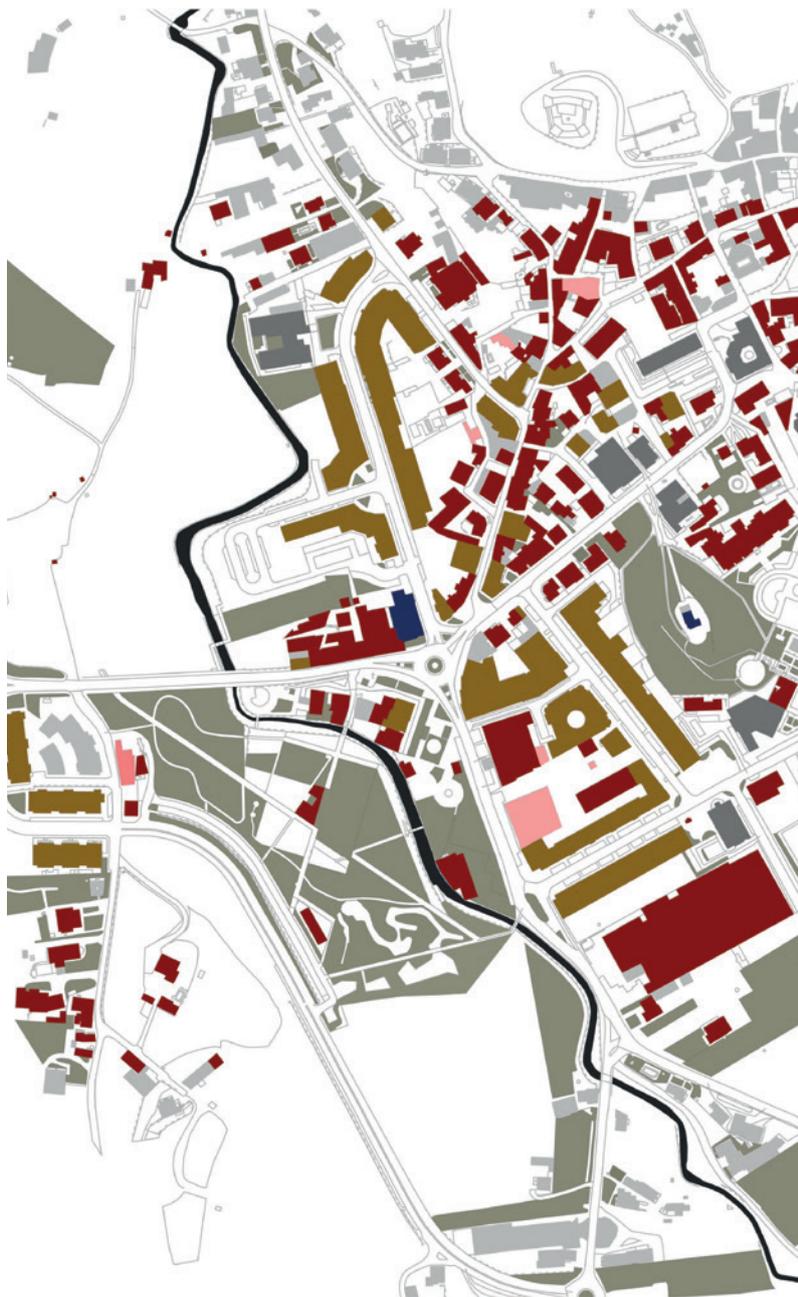
Figura 33 - Mapa de sinalização dos Oportunidades | Opportunities
 Fonte: Elaboração própria, 2018.



Figura 34 - Mapa de sinalização das Ameaças | Threats
Fonte: Elaboração própria, 2018.

SÍNTESE CONCLUSIVA

Da análise SWOT estratégica, emerge a priorização da nossa intervenção, tal possibilitou interligar os objetivos gerais e específicos, as hipóteses iniciais desta investigação com as carências da população residente e população visitante. Partindo deste enquadramento delinear-se estratégias de intervenção urbana e arquitetónica apresentados no capítulo 04, mais especificamente no ponto 04.3, com vista à execução dos objetivos, minimizando as ameaças e promovendo as oportunidades no sentido de mitigar e solucionar as fragilidades e fortalecer os pontos fortes.



ZONA DE INTERVENÇÃO

FREGUESIA DE PORTO DE MÓS | SÃO PEDRO E SÃO JOÃO BAPTISTA

| 28.19km² ÁREA

| 6 023 HABITANTES

| 26 TERRAS

PLANTA LOCALIZAÇÃO:

-  EDIFÍCIO DE INTERVENÇÃO
-  RIO LENA
-  ACESSO VIÁRIO PRINCIPAL
-  EDIFICADO EXISTENTE
-  ESPAÇOS VERDES
-  MORADIAS
-  PRÉDIOS
-  EDIFÍCIOS PÚBLICOS
-  EDIFÍCIOS EM RUÍNA
-  MONUMENTOS

Figura 35 - Planta de Porto de Mós
| Análise dos usos existentes
Fonte: Elaboração própria, 2018.



04. A PROPOSTA

Figura 36 - Porto de Mós vista sobre o Edifício de Intervenção
Fonte: Elaboração própria, 2019.

04. A PROPOSTA |

Tendo como ponto de referência o contexto teórico e os conceitos-chave que estruturam o estado da arte, assim como, a análise aos casos de referência e aos dados da análise sócio territorial, tornou-se exequível a formulação de princípios de intervenção orientadores para este território. Neste contexto, delineamos duas estratégias de intervenção: a nível da escala urbana, na medida em que a requalificação urbana de Porto de Mós é um dos principais objetivos e a nível da escala arquitetónica, na medida em que se projetaram espaços e serviços que procuram responder às carências detetadas (análise SWOT) necessidades e expectativas da população local e melhorar a sua qualidade de vida.

04.1 CASOS DE REFERÊNCIA

Em termos de intervenção arquitetônica o intuito deste Projeto Final de Mestrado assenta na projeção de um programa para um equipamento hoteleiro e spa. Neste contexto foi de fundamental importância a seleção de casos de referência que nos auxiliassem, por um lado, na compreensão dos espaços e atividades necessários ao seu funcionamento; e por outro, na investigação sobre materialidades e sobre o desenho do percurso pedonal de interligação entre toda a envolvente urbana.

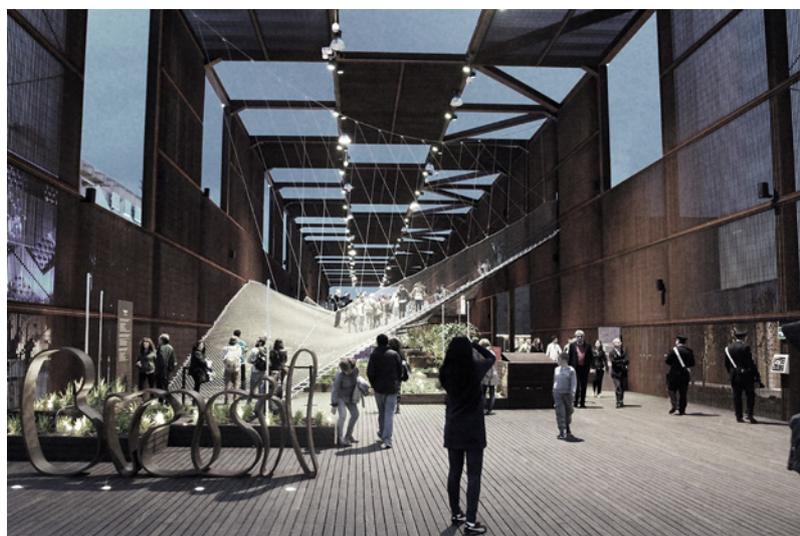
Nesta sequência, escolhemos quatro casos de referência (3 internacionais e 1 nacional) em termos de projetos de arquitetura que nos parecem estar mais bem conectados com a proposta que desenvolvemos, tendo em conta os seguintes critérios: a escala (urbana), a forma, as ambiências e o programa.

A nível da escala, a nossa escolha recaiu sobre O Pavilhão do Brasil, Studio Arthur Casas + Atelier Marko Brajovic, 2015; em termos de forma, o Hemíciclo Solar em Madrid, de Ruiz Larrea y Asociados, 2009; ao nível das ambiências, o Hotel Il Sereno Lago di Como e ao nível do programa, o Savoy Saccharum Resort & Spa, RH + Arquitectos, 2015.

Estes casos constituíram influências basilares para o desenvolvimento da proposta de projeto de intervenção do presente Trabalho de Final de Mestrado.

04.1.1 PAVILHÃO DO BRASIL | STUDIO ARTHUR CASAS + ATELIER MARKO BRAJOVIC, 2015

Este pavilhão projetado pelo Studio Arthur Casas em parceria com o Atelier Marko Brajovic localiza-se em Itália, mais precisamente em Milão e foi construído para a Expo de Milão em 2015. A ideia desta estrutura teria como propósito a criação de uma praça que nos convida ao encontro e à descoberta; no fundo, a sua projeção tinha como objetivo central a articulação entre arquitetura e cenografia. Trata-se de um grande volume aberto que atrai visitantes e compõe um percurso por entre as inúmeras espécies de plantas aromáticas, como o alecrim, a salsa, o manjeriço, coentros e hortelã, aqui criadas. Este projeto pretendia dar ao utilizador experiências sensitivas, o que constitui também um dos objetivos a alcançar com a elaboração da proposta projetual deste TFM.



De destacar o tom terra da construção em ferro e o trajeto sucessivo entre o interior e o exterior e que suprime os limites entre arquitetura e paisagem. A configuração da rede é corporizada por uma estrutura tensionada que cria lugares singulares de serenidade e lazer. Esta estrutura tem a particularidade de ser assimilada a um grande instrumento musical, no sentido em que a mesma gera sons consoante a quantidade de visitantes e seus movimentos. A trama cartesiana sobrepõe-se ao paisagismo ligando-se ao homem e à natureza. Ao deambular entre as plantas, os visitantes deparam-se com mesas interativas à sombra da vasta rede que expõe com fluidez as divisões existentes entre as temáticas apresentadas.



Figura 37 - Pormenor da Estrutura tensionada | Pavilhão do Brasil

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic/55847aace58ece1737000151-pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic-foto>.

Figura 38 - Piso térreo | Pavilhão do Brasil

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic/554aecf5e58ece423b000116-pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic-foto>.



Figura 39 - Estrutura Tensionada | Pavilhão do Brasil

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic/554aec5ce58ece61f200012e-pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic-foto>.

Figura 40 - Ilustração do Edifício | Pavilhão do Brasil

Fonte: Elaboração própria, 2018.



Figura 41 - Caixas com espécies vegetais | Pavilhão do Brasil

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic/554aeb8e58ece423b00010d-pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic-imagem>.

Figura 42 - Piso térreo | vista para a rampa

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic/554aec8fe58ece61f2000130-pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic-foto>.



É uma construção sustentável assente num sistema de montagem e desmontagem eficaz com elementos pré-fabricados modulares, engenhos de reutilização de água, para além de se basear na aplicação de materiais certificados e recicláveis. Esta estrutura é considerada uma arquitetura efémera que demonstra a possibilidade de suscitar significado e conteúdo com poucos recursos e com um reduzido impacto ambiental.

O projeto expressa mesmo esta ideia de transformar o interior no exterior, podendo os utilizadores experienciarem ambiências diferentes e únicas.

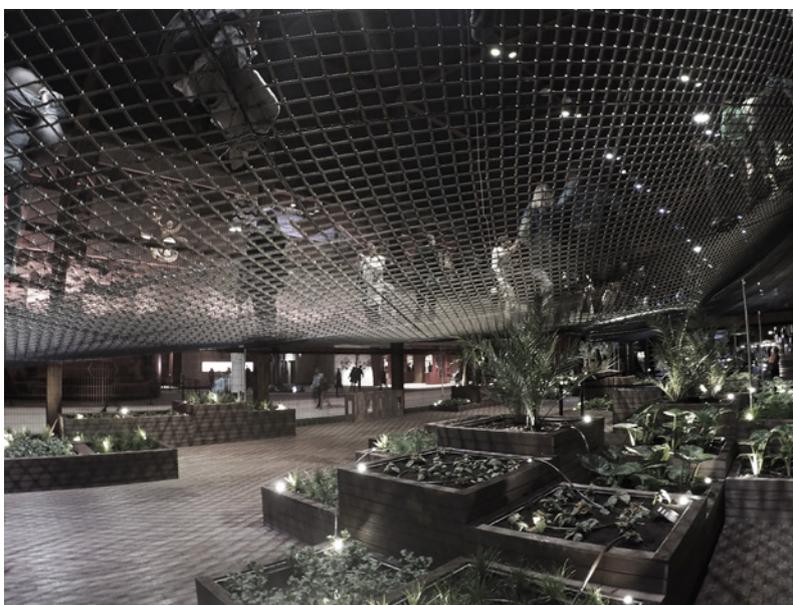


Figura 43 - Estrutura fencionada

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic/554aec9be58ece423b000112-pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic-foto>

Figura 44 - Interior do Piso Térreo | Pavilhão do Brasil

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/766586/pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic/554aebc7e58ece61f2000129-pavilhao-do-brasil-expo-milao-2015-studio-arthur-casas-plus-atelier-marko-brajovic-imagem>.



04.1.2 HEMICICLO SOLAR | MADRID | RUIZ LARREA Y ASSOCIADOS, 2009

Este edifício projetado por César Ruiz-Larrea em conjunto com Antonio Gómez, localiza-se em Espanha mais concretamente em Madrid e foi construído em 2009 na sequência de um concurso em 2004 do qual este projeto fez parte.

Trata-se de um bloco unitário, virado a sul e edificado com uma pequena curvatura, que se destaca de um lado, o eixo nordeste e que incorpora o espaço público. O conjunto apresenta-se como um volume ventilado, transparente e sereno, que abrange no seu interior, e se exterioriza numa construção organizacional que corresponde ao programa, gerando a harmonia e a eficácia pretendidas.



Em seguimento da sua forma, o hemiciclo solar acompanha o sol. O invólucro é projetado para funcionar como um grande coletor solar ao longo do Inverno e que se compõe por uma extensa sombra no Verão.

O resultado construtivo da fachada a norte procura a permeabilidade dos ventos da noite no Verão, a proteção dos ventos frios no Inverno, o que possibilita a passagem de luz no interior, funcionando como um bloqueio de som, estabelecendo ritmos baseados na cor dos painéis e na inflexão do próprio edifício.



Figura 45 - Fachada Sul | Hemiciclo Solar

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/608950/hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados/512c1caeb3fc4b11a700cff3-hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados-foto>.

Figura 46 - Vista Panorâmica do Hemiciclo Solar

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/608950/hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados/512c1cceb3fc4b11a700cff7-hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados-foto>.



Figura 47 - Fachada Norte | Hemiciclo Solar

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/608950/hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados/512c1ca6b3fc4b11a700cff2-hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados-foto>.

Figura 48 - Ilustração do Edifício | Hemiciclo Solar

Fonte: Elaboração própria, 2018.



Figura 49 - Pormenor da Fachada Norte | Hemiciclo Solar

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/608950/hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados/512c1cd6b3fc4b11a700cff8-hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados-foto>.

Figura 50 - Fachada Norte | Hemiciclo Solar

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/608950/hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados/512c1cceb3fc4b11a700cff7-hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados-foto>.

As habitações usufruem do potencial energético entre as orientações a Sul e a Norte; tirando partido da sua forma, o objetivo seria que os espaços fossem tão fluídos quanto possível para facilitar a circulação de ar sem dificuldades através dos mesmos.



A cobertura é delineada com uma solução de cobertura ecológica que, com a evapotranspiração vegetal, propaga significativamente as cargas térmicas por ação à radiação incidente. Foi, ainda, projetado uma extensão do espaço público, reservado às trocas sociais entre habitações, onde foram implantadas estruturas de madeira que protegiam a radiação solar e que permitiam a inserção de painéis fotovoltaicos.



Figura 51- Ilustração do esquema de fachada Norte

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Figura 52 - Fachada Norte

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/608950/hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados/512c1c9eb3fc4b11a700cff1-hemiciclo-solar-ruiz-larrea-y-asociados-foto>.



04.1.3 HOTEL II SERENO LAGO DI COMO | PATRICIA URQUIOLA, 2016

Projetado por Patricia Urquiola, localiza-se em Milão mais concretamente nas margens do Lago de Como e foi construído em 2016.

Urquiola idealizou quase todos os pormenores do design do Hotel II Sereno, a começar pela arquitetura e na mobília dos alojamentos até aos uniformes dos trabalhadores e dos barcos privados.



Construído em cima de uma casa de barcos de pedra arqueada já existente no lugar (ver fig. 14), a ideia principal deste edifício seria criar algo contemporâneo trazendo toda a história e memória do lugar através da materialidade e da escolha meticulosa da paleta de cores.

Integrando assim o design com a arquitetura foi projetada uma escadaria central, feita de madeira de nogueira e bronze em que os degraus empilhados dão a ilusão de que estão a flutuar e que são livres uns dos outros até chegar ao piso superior (ver fig. 16). Trazendo a memória para dentro do edifício a designer optou pela utilização do cobre, do mosaico veneziano e da pedra de travertino para embelezar os espaços.



Figura 53 - Fachada | Hotel II Sereno Lago di Como

Fonte: <https://www.archilovers.com/projects/191079/gallery?1715180>.

Figura 54 - Vista para o Lago di Como a partir da casa de barcos existente

Fonte: <https://www.dezeen.com/2016/10/25/patricia-urquiola-design-hotel-ii-sereno-interiors-lake-como-italy/>.



Figura 55 - Escadaria central do Edifício

Fonte: <https://www.dezeen.com/2016/10/25/patricia-urquiola-design-hotel-ii-sereno-interiors-lake-como-italy/>.

Figura 56 - Sala de Lazer

Fonte: <https://www.archdaily.com/916260/il-sereno-hotel-patricia-urquiola-studio/5ccb8d4a284dd11e37000005-il-sereno-hotel-patricia-urquiola-studio-photo>.



Figura 57 - Quarto tipo

Fonte: http://caras.sapo.pt/lifestyle/lifestyle_viagens/2016-10-16-Italia-Hotel-Il-Sereno.

Figura 58 - Piscina exterior que parece desaguar no Lago di Como

Fonte: http://caras.sapo.pt/lifestyle/lifestyle_viagens/2016-10-16-Italia-Hotel-Il-Sereno.



Figura 59 - Jardim vertical no exterior

Fonte: <https://www.archilovers.com/projects/191079/gallery?1715177>.

Na criação das ambiências a designer optou pela utilização de tons terra em simultâneo com rosa pastel e tons de verde nos quartos, na entrada e na zona da restauração.

Trazendo a natureza para o seu interior Urquiola projetou em conjunto com Patrick Blanc jardins verticais, mais especificamente paredes vivas e uma "escultura verde" que se encontra no pátio interior, na entrada principal. Com a criação deste saguão conseguimos trazer o exterior para dentro do interior, ver fig. 56.



Tendo a intenção de integrar o interior com o exterior a designer projetou uma piscina com um beiral infinito que nos dá a ilusão de uma continuidade com o Lago di Como, tendo uma vista privilegiada para os Alpes italianos e para pequenas cidades envolventes.

Este é um projeto que tem por base um estudo aprofundado sobre o lugar e sobre toda a sua memória, podendo assim introduzir o novo no antigo sem anular este último.

04.1.4 SAVOY SACCHARUM RESORT & SPA, RH + ARQUITECTOS, 2015

Este hotel projetado por Roberto Castro e Hugo Jesus, localiza-se na Madeira mais concretamente no Estreito da Calheta, na encosta, e foi construído em 2015.

O projeto é definido pelo grande envolvimento que tem com o lugar. O objeto arquitetónico dispõe de uma vista magnífica para o mar que acaba por assumir uma grande importância paisagística. Tendo em conta a sua localização, a configuração do mesmo torna-se irregular inspirada nos terraços tradicionais da Madeira trazendo um ambiente rústico para o interior.



A criação deste volume irregular tem como premissa a criação de um objeto que se dissipe e se torne parte integrante da própria montanha, criando assim o conceito de um volume desconstruído através das várias plataformas projetadas.

Para uma melhor integração do objeto arquitetónico com o lugar os arquitetos optaram pela implantação de áreas verdes não só na cobertura, mas também nas varandas, evocando novamente os típicos terraços que formam a paisagem da ilha.

O hotel, de cinco estrelas, dispõe de 181 quartos e possui uma área bruta de 11 610 m², dos quais 6 720 m² são áreas verdes. O design interior adotado pelos arquitetos consiste num conceito de 'boutique hotel', onde os espaços são extensos e abertos, sendo possível o olho humano perceber o mar sem barreiras visuais. O projeto procura criar assim espaços sofisticados sempre interligados aos elementos naturais presentes baseando-se na separação entre o mar e a montanha.



Figura 60 - Fachada Principal Savoy Saccharum Resort & Spa

Fonte: <https://www.archdaily.com/906399/savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos/5bf5a55a08a5e5394900018d-savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos-photo>.

Figura 61 - Vista panorâmica sobre o Hotel Savoy Saccharum Resort & Spa

Fonte: <https://www.archdaily.com/906399/savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos/5bf5a22208a5e53949000184-savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos-photo>.

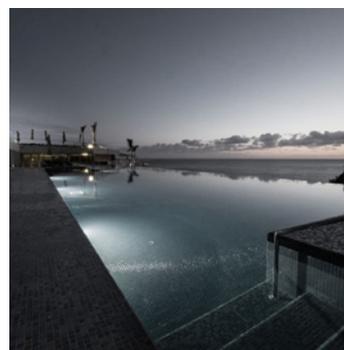


Figura 62 - Vista da piscina exterior para o horizonte

Fonte: <https://www.archdaily.com/906399/savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos/5bf5aa4408a5e5394900019f-savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos-photo>.



Figura 63 - Spa | Savoy Saccharum Resort & Spa

Fonte: <https://www.archdaily.com/906399/savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos/5bf5a99708a5e5394900019b-savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos-photo>.

Figura 64 - Quarto Tipo | Savoy Saccharum Resort & Spa

Fonte: <https://www.archdaily.com/906399/savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos/5bf5aaf708a5e539490001a2-savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos-photo>.



Para além desta interrelação entre o mar e a montanha o edifício transpõe a ideia de a água ser o fio condutor para a comodidade das várias experiências neste espaço. Para tal a conceção do Spa auxiliou esta premissa, oferecendo espaços de lazer e de tratamentos tendo como base a água, em alusão ao elemento mar.

O projeto conta ainda com a construção de duas piscinas exteriores, duas piscinas cobertas, dois auditórios, uma sala destinada a eventos, dois restaurantes e um bar panorâmico. Este objeto arquitetónico oferece, ao utilizador, diversas experiências integradas num só espaço sempre relacionadas com a natureza.



Figura 65 - Pormenor Pilar | Entrada Principal | Savoy Saccharum Resort & Spa

Fonte: <https://www.archdaily.com/906399/savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos/5bf5aacb08a5e539490001a1-savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos-photo>.

Figura 66 - Sala de Lazer

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/906351/savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos/5bf5ab5208a5e539490001a4-savoy-saccharum-resort-and-spa-rh-plus-arquitectos-foto>.



04.2 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Esta intervenção tem como intenção principal proporcionar a inter-relação e a convivência entre a população residente e a visitante, de forma a dar visibilidade e enaltecer as qualidades que esta Vila apresenta, particularmente o seu Património, o rio adjacente, os equipamentos existentes, e o facto deste lugar pertencer ao PNSAC, considerado património natural.

Baseado no enquadramento teórico organizado em ideias chave, considerando os casos de referência, à análise territorial efetuada e atendendo às questões e hipóteses de trabalho inicialmente formuladas, foi possível determinar os princípios de como intervir nesta área. Consequentemente, definimos duas estratégias de intervenção, ao nível da escala urbana, no qual a revitalização urbana da Vila de Porto de Mós é o principal objetivo e ao nível da escala arquitetónica, a projeção de espaços e serviços que demonstraram ser as carências segundo os residentes locais.

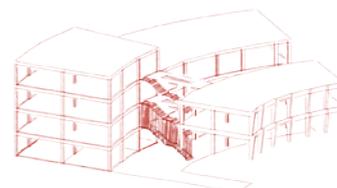


Figura 67 - Esquema Volumétrico do Edifício de Intervenção

Fonte: Elaboração própria, 2018.



Figura 68 - Fotografia Aérea da Área de Intervenção | Vila de Porto de Mós

Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós, via e-mail

04.3 PROPOSTA URBANA

A proposta urbana para a vila de Porto de Mós organiza-se em torno de quatro princípios orientadores: I) a reestruturação da área urbana, viária e pedonal, criando novas formas de vivenciar o espaço; II) a criação de estacionamento, áreas verdes e hortas comunitárias dinamizando assim o terreno desocupado; III) a projeção e desenvolvimento de uma estrutura verde urbana promovendo novos espaços urbanos com sombreamento; IV) a conceção e desenho do percurso pedonal: Interligação do edifício de intervenção com o Parque Urbano Rio Lena aproveitando o túnel já existente, que passa sob a ponte Avenida de São Pedro, como elo de ligação para o Parque Verde.



Área de implantação: 1522 m²

Número de pisos: 1

Uso: Áreas Verdes, Zonas de Lazer, Hortas Comunitárias e Espaços de Leitura.

Figura 69 - Planta da Área de Intervenção | Plano Urbano
Fonte: Elaboração própria, 2019.

i. REESTRUTURAÇÃO DA ÁREA URBANA CRIANDO NOVAS FORMAS DE VIVENCIAR O ESPAÇO

Seguindo a primeira premissa, pretende-se redesenhar um traçado urbano orgânico que se relacione com o Rio Lena, enquanto elemento fundamental para a consolidação e projeção desta pequena vila, dando uma maior visibilidade e importância ao rio.

Este novo traçado permite abraçar o rio e as hortas comunitárias desenhadas de forma estratégica para um melhor uso destes terrenos. Este plano urbano incide em toda a zona esquerda da ponte principal da vila, Avenida de São Pedro, na N243, perpendicular à margem do rio.

Neste desenho urbano foi criada uma via pedonal principal que divide várias áreas verdes onde existem árvores de sombreamento de médio e pequeno porte, como o carvalho-português, oliveiras, plátanos, azinheiras, aroeiras e alecrim, que valorizam os espaços de estar e os tornam mais agradáveis. Para além desta via pedonal principal foram desenhadas três vias secundárias, onde duas delas nos conduzem diretamente ao Rio Lena, possibilitando percorrer este espaço lado a lado do rio, de forma a contemplar este lugar. Este lugar dispõe apenas de mobiliário urbano de lazer sombreado visto que na outra margem da ponte, Avenida de São Pedro, se encontra mobiliário

de ginásio ao ar livre e esplanadas.



Figura 70 - Esquízo de estudo do Parque Verde
Fonte: Elaboração própria, 2018.

ii. CRIAÇÃO DE ESTACIONAMENTO, ÁREAS VERDES E HORTAS COMUNITÁRIAS

Como segunda premissa, propõe-se a construção de estacionamento público para um melhor delineamento entre área pedonal, viária e área verdes. Este desenho é estruturado através de um prolongamento de via, na 3ª saída da rotunda, na Rua do Rio Alcaide. Virado de frente para esta nova via, do seu lado esquerdo encontra-se o estacionamento proposto, tanto para veículos ligeiros como para veículos longos de mercadorias, visto que este recinto é um dos pontos de paragem destes veículos. Este estacionamento acaba também por apoiar o campo de futebol sintético e as piscinas municipais já existentes.



Figura 71 - Esquízo de estudo da Área Urbana | Intervenção
Fonte: Elaboração própria, 2018.

Nesta intervenção urbana, observa-se que na zona esquerda desta via e no prolongamento da Rua da Boavista, encontra-se o Parque urbano Rio Lena, ladeado por árvores de sombreamento, abrangendo as hortas comunitárias e os espaços verdes. Neste espaço pretende-se fazer um melhor aproveitamento dos terrenos agrícolas criando um tecido urbano mais orgânico para as hortas comunitárias e promovendo o inter-relacionamento entre os residentes da vila. Estas hortas foram planificadas com diferentes áreas, em que a mais pequena terá cerca de 20 m² e a maior dispõe de 100 m². Esta área encontra-se a uma cota superior; neste terreno existe um desnível com cerca de um metro e meio, o que nos leva à entrada da estrutura urbana verde projetada, que falaremos no ponto seguinte. De forma a resolver este desnível foi necessário a criação de escadarias que se localizam nas vias pedonais que delimitam os vários espaços verdes criados. Estas áreas verdes, onde são inseridas árvores de sombreamento, são compreendidas por zonas de estar que foram meticulosamente pensadas para que a sua vista tirasse o melhor partido deste lugar, para uma melhor experiência do espaço. Estes espaços têm vista direta sobre o ponto mais alto da vila, o Castelo de Porto de Mós, e o ponto mais baixo, o Rio Lena. Para que a sua experiência se tornasse única, o mobiliário proposto foi desenhado de forma a oferecer conforto aos utilizadores inserindo sempre em seu torno árvores de sombreamento criando assim vários núcleos de lazer ao longo de todo o parque. O Parque Urbano do Rio Lena pretende assim oferecer espaços de convívio, zonas de repouso, zonas agrícolas e um percurso pedonal lado a lado com o rio.

iii. PROJEÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE UMA ESTRUTURA VERDE URBANA

Como última premissa, destaca-se a projeção de uma estrutura verde urbana, paralela à linha de água do Rio Lena, que tem como objetivo principal proporcionar aos utilizadores uma experiência espacial única, através dos sentidos e em contato com a natureza que os abraça. A ideia central passa por integrar esta estrutura com o restante plano urbano, trazendo elementos naturais provenientes do PNSAC, criando um impacto positivo nestas novas vivências.



Figura 72 - Planta de Cobertura | Intervenção Urbana

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Esta estrutura foi projetada através de eixos estratégicos, paralelos e perpendiculares às vias pedonais (criadas neste plano urbano) e ao Rio Lena. A estrutura metálica que ergue esta construção foi projetada de forma a que independentemente de onde o utilizador esteja consiga ter contacto visual com todo o exterior. Deste modo a barreira visual entre o interior e exterior é meramente ilusória, possibilitando assim uma transparência, evidenciando as valências já existentes no lugar. Perfis e vigas metálicas, com 3,90m e 8,00m de comprimento, respetivamente, são colocados paralelamente uns aos outros com 2,60m de distância. Com esta métrica conseguimos criar assim, em planta, um desenho na cobertura que se dispõe em triângulos (ver fig.27).

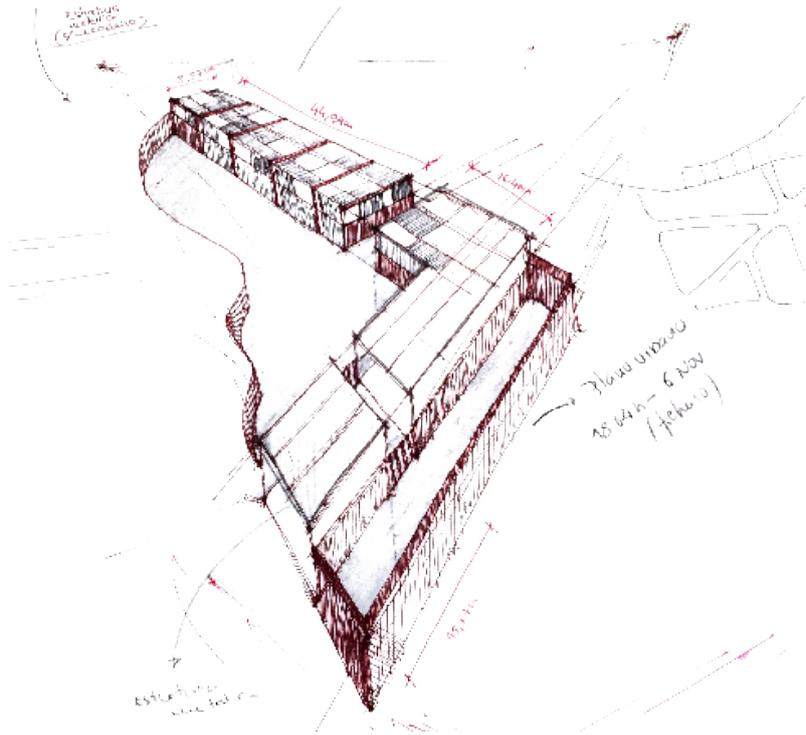


Figura 73 - Perspetiva da Estrutura Urbana | Intervenção Urbana
Fonte: Elaboração própria, 2018.

De forma a não criar uma barreira visual e ao mesmo tempo criar zonas de sombreamento optou-se por introduzir um ripado de madeira na estrutura metálica, com 0,10m de distância entre cada uma, tanto nas fachadas como na cobertura. Esta solução permitiu integrar nesta estrutura vegetação e trepadeiras de heras, trazendo assim a natureza para o interior desta construção. Para resolver o desnível, anteriormente referenciado, construiu-se uma rampa de 27,0m na qual se pode observar grande parte do Rio Lena. Para tornar esta estrutura mais enraizada no lugar foi feita uma extensão do rio que se desenvolve numa linha de água sobre esta estrutura, criando assim um espelho de água que é delineado por toda a frente desta edificação. Esta extensão acaba por dar um maior destaque a um elemento que se considera ser um símbolo identitário da história desta vila; ou seja, foi através deste rio que esta pequena vila se começou a desenvolver e que se passou a chamar Vila Forte.

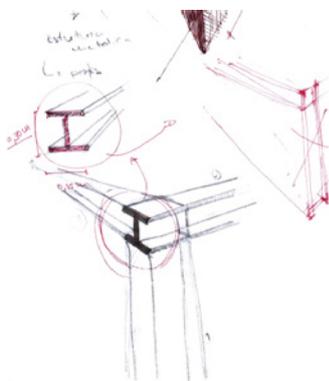


Figura 74 - Esquízo do Sistema Construtivo | Estrutura Verde Urbana
Fonte: Elaboração própria, 2018.

No seu interior, a ideia central passou por conceber um espaço de lazer trazendo a natureza de tal forma que o utilizador experienciasse esta sensação de o interior ser o exterior, isto é, apesar de ser um edifício, este é de tal modo integrado com a arborização que a sua estrutura se torna

ausente. Para completar esta ideia projetou-se mobiliário urbano, módulo quadrangular de 0,95m com alturas diferentes, que dinamiza o espaço através da agregação dos módulos formando assim vários núcleos de lazer ao longo da estrutura. Este espaço pretende assim oferecer ao usuário um espaço tanto de introspeção como de convívio com os restantes utilizadores.



Figura 75 - Esquiza da Área Urbana de Intervenção

Fonte: Elaboração própria, 2018.

iv. PERCURSO PEDONAL: LIGAÇÃO ENTRE O PARQUE URBANO RIO LENA COM O EDIFÍCIO DE INTERVENÇÃO

A requalificação urbana desta área foi fundamental para uma melhor inserção da intervenção arquitetónica transformando esta zona num território mais dinâmico, que assim pode ser experienciada. De modo a correlacionar estas duas intervenções foi necessário conceber a criação de um percurso pedonal que as interligasse. Este trajeto tem como objetivo principal dar tanto ao visitante como ao residente a possibilidade de deambular pelo espaço e permanecer aí por alguns momentos. Tornou-se uma oportunidade conciliar este novo percurso com um já existente, uma via pedonal que atravessa por baixo da ponte principal da vila que e nos leva para outros locais nas imediações. Através deste atravessamento temos a possibilidade de o percorrer a pé, e até à zona onde está implantado o edifício de intervenção, direcionando-nos para junto da sua entrada principal, considerando assim o final deste itinerário.

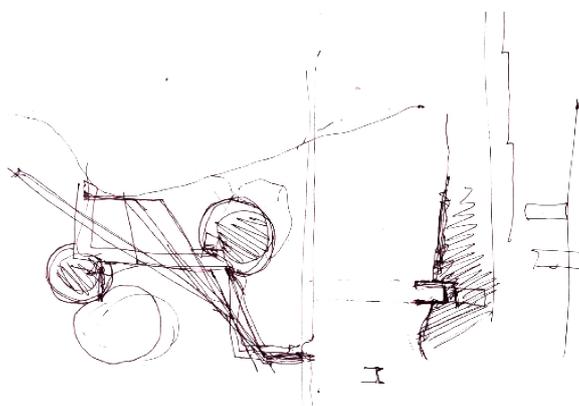


Figura 76 - Esquiza do percurso pedonal

Fonte: Elaboração própria, 2018.

04.4 PROPOSTA ARQUITETÓNICA

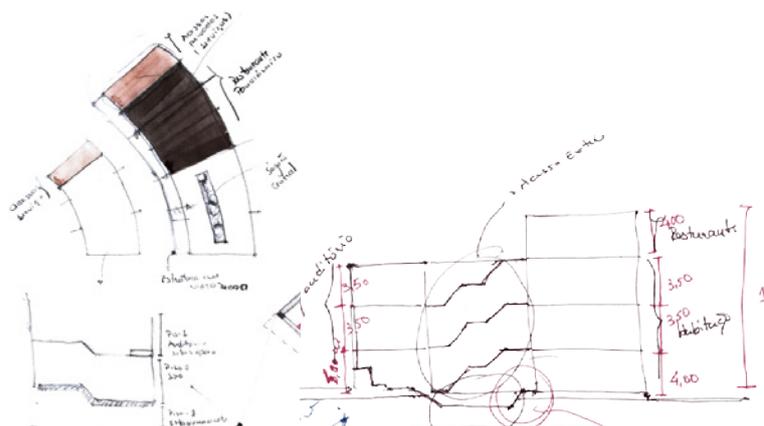
Considerando as premissas anteriores referentes à proposta urbana e à análise histórica, urbana e social, procurou-se conhecer e determinar as áreas e os serviços cruciais à implantação e desempenho funcional do Equipamento Hoteleiro e Spa. Foi intencional a inserção desta construção no centro de Porto de Mós, entre a Travessa da Boavista, a Rua da Boavista e a Avenida de São Pedro, de forma a imprimir uma certa vitalidade a esta área. O seu acesso é feito através destas ruas sendo que pela Rua da Boavista temos uma ligação pedonal direta até ao Parque Urbano Vila Forte (intervenção urbana).

Figura 77 - Esquiço do estudo dos Volumes de Intervenção

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Figura 78 - Esquiço do Corte Transversal | Volume A e B

Fonte: Elaboração própria, 2018.



Nesta intervenção um dos fatores a considerar foi a pré-existência do local, edifício devoluto há mais de 12 anos, com uma grande necessidade de intervenção. Este edifício não tem qualquer valor patrimonial, no entanto achamos ser de extrema importância a sua reabilitação visto que se localiza na zona da entrada principal para a Vila. Relativamente ao programa deste equipamento hoteleiro, prevê-se:

I. Oferecer aos residentes e visitantes o usufruto de um Spa que incorpora várias valências. Este Spa tem como objetivo a implementação de espaços de lazer e tranquilidade trazendo para o seu interior a memória do Rio Lena, isto é, propondo um espelho de água no centro do edifício. Neste espelho de água através de um rasgo na cobertura a luz natural incide sobre o mesmo refletindo e produzindo assim ambiências singulares. Esta área é composta por salas de tratamento de pedras quentes, salas de yoga, piscina termal e todas as áreas técnicas necessárias para o seu funcionamento.

II. Conceber um conjunto variado de espaços que os utilizadores possam usufruir transpondo até este lugar a memória e os aspetos simbólicos que deram origem a esta vila, através da materialidade e da organização espacial. Pretende-se projetar duas salas de convívio em que cada uma delas tem a sua temática referindo-se a simbologias e memórias distintas, como a linha do comboio de ferro por onde se transportava o carvão até ao centro da vila e o PNSAC. Estas salas têm como objetivo oferecer ao utilizador espaços confortáveis, evocando nos seus interiores a memória da Vila.

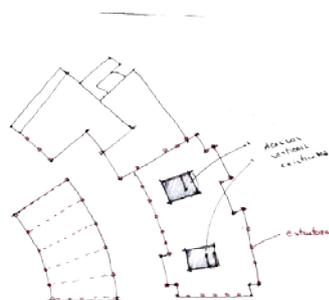


Figura 79 - Esquiço do Volume de Intervenção

Fonte: Elaboração própria, 2018.

III. Desenvolvimento de dormitórios, de casal, duplos e individuais, que reflitam tranquilidade, funcionalidade e que se tornem aprazíveis. Estas áreas são compostas por apenas zona de dormida e instalações sanitárias. Foram elaborados quatro tipos de quartos sendo que um deles se destina a pessoas de mobilidade condicionada. A ideia principal é de que a simbologia da vila seja transposta para o interior, através da materialidade, transformando os quartos em espaços mais singulares.

IV. A projeção de um Restaurante Panorâmico neste equipamento hoteleiro tem como objetivo central não só dinamizar esta zona, mas também proporcionar aos residentes um serviço que se entendeu ser uma carência deste lugar. Esta área foi planeada estrategicamente (piso 3) de modo a oferecer aos utilizadores não só um espaço agradável com todas as valências exigíveis, mas também presentear os utilizadores com uma vista magnífica sobre toda a Vila. Neste lugar temos acesso, visualmente, aos pontos mais simbólicos de Porto de Mós, sendo possível contemplar o Castelo de Porto de Mós e o Rio Lena.

Numa primeira etapa foram definidas as áreas mais relevantes, foram idealizadas e projetadas num programa que pretende proporcionar ao utilizador experiências únicas. Os desenvolvimentos destas áreas projetaram-se em dois volumes conexos por umas escadas exteriores, com espaços de serviço e servidores, tendo por base a investigação previamente feita sob a pré-existência.

Procurou-se promover uma integração destes equipamentos com a envolvente mais próxima, de modo a que a forma arquitetónica proposta evidenciasse as volumetrias da envolvente já existente.

Em analogia ao projeto Hemiciclo Solar de Ruiz-Larrea e António Gómez (ver segundo caso de referência no ponto 04.1.2 deste capítulo), o estudo em torno da forma curva do edifício tornou-se um dos princípios desta intervenção, onde a circulação horizontal, as galerias, e vertical determinam a espacialidade destes dois volumes. Do mesmo modo que os dois arquitetos, Ruiz-Larrea e Gómez resolvem a circulação horizontal através de galerias exteriores procurou-se implementar neste objeto arquitetónico este mesmo princípio, onde a circulação horizontal, as galerias, fossem introduzidas no interior, contrariamente ao caso de referência, e a circulação vertical se situasse nas extremidades do volume criando assim um núcleo central dentro do edifício onde todos os espaços se pudessem desenvolver.

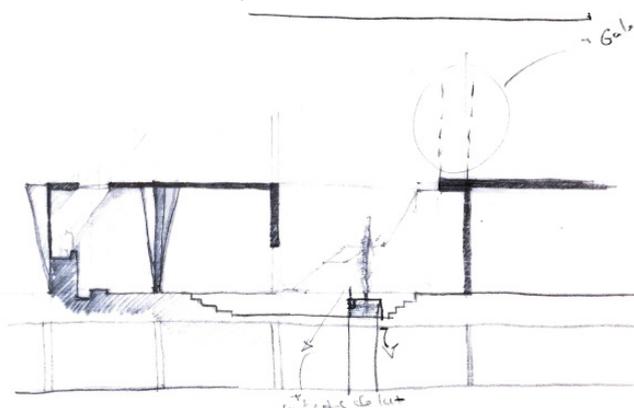


Figura 80 - Esquízo | Corte Transversal | Transição do interior do Bloco A para o Jardim entre os dois volumes
Fonte: Elaboração própria, 2018.

Com a projeção destes dois volumes curvos foi necessária a criação de uma circulação vertical extra, exterior, uma escadaria de madeira com cabos de aço que conta com um jardim vertical, tendo ligação direta ao jardim central. Este jardim tem a particularidade de ter um pequeno desnível, que nos leva diretamente à entrada principal do Spa, oferecendo uma transição, de um volume para o outro, mais gradual e aprazível para o utilizador. Com a implementação desta área verde para além de nos possibilitar um atravessamento mais agradável, criou-se um espaço de lazer onde a arborização e a água são os dois elementos presentes evocando o PNSAC e o Rio Lena. Este encadeamento é inspirado no Savoy Saccharum Resort & Spa de Roberto Castro e Hugo Jesus (ver último caso de referência do ponto 04.1.4 deste capítulo), onde os arquitetos planearam um edifício que se fundisse no lugar tornando-se membro da própria montanha, ou seja, com a sua forma sinuosa e com a implementação de espaços verdes por todo o edifício os arquitetos acabaram por conceber um espaço que evoca os elementos principais e simbólicos desta ilha.

Os elementos verdes presentes neste edifício são incorporados tanto no Spa como no restaurante panorâmico e nas zonas de lazer, interiores e exteriores, oferecendo características particulares na relação interior/exterior, onde a transição dos vários espaços no interior se transmute num lugar de pura natureza. Estes elementos, os espaços verdes e a água, são apresentados de forma estratégica resolvendo algumas áreas mais desfavorecidas que surgem de alinhamentos da estrutura da pré-existência. Pretende-se, no Spa, a criação de um jardim horizontal que inicia numa extremidade, do edifício e que termina na outra extremidade, subindo oitenta centímetros em relação à cota térrea, com duplo pé direito, oferecendo aos utilizadores um espaço de lazer mais íntimo.

PROGRAMA

A definição do programa para um equipamento hoteleiro e spa com restaurante panorâmico está diretamente relacionada com a investigação feita anteriormente, em que 62,2% e 14,2% dos inquiridos assinalaram que a maior carência da vila estava relacionada com a falta de alojamento, mais especificamente, hotéis/habitação, respetivamente. A segunda maior percentagem, 17,3%, refere-se à falta de restauração na zona de intervenção, assim sendo achamos relevante a implementação de um equipamento que englobasse as duas maiores necessidades da vila.

Posteriormente e na definição das áreas fundamentais, da composição do volume e da experiência do espaço que se procura oferecer, definiram-se os espaços na sua totalidade divididos em duas unidades: bloco A e B. O primeiro bloco, A, desenvolve-se em 3 pisos (piso 0, piso 1 e piso 2) e o bloco B dispõe de 4 pisos, um a mais que o bloco anteriormente referido.

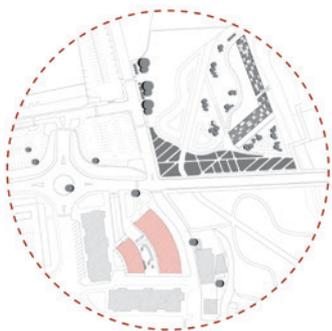


Figura 81 - Planta da área de Intervenção | Bloco A e B
Fonte: Elaboração própria, 2018.

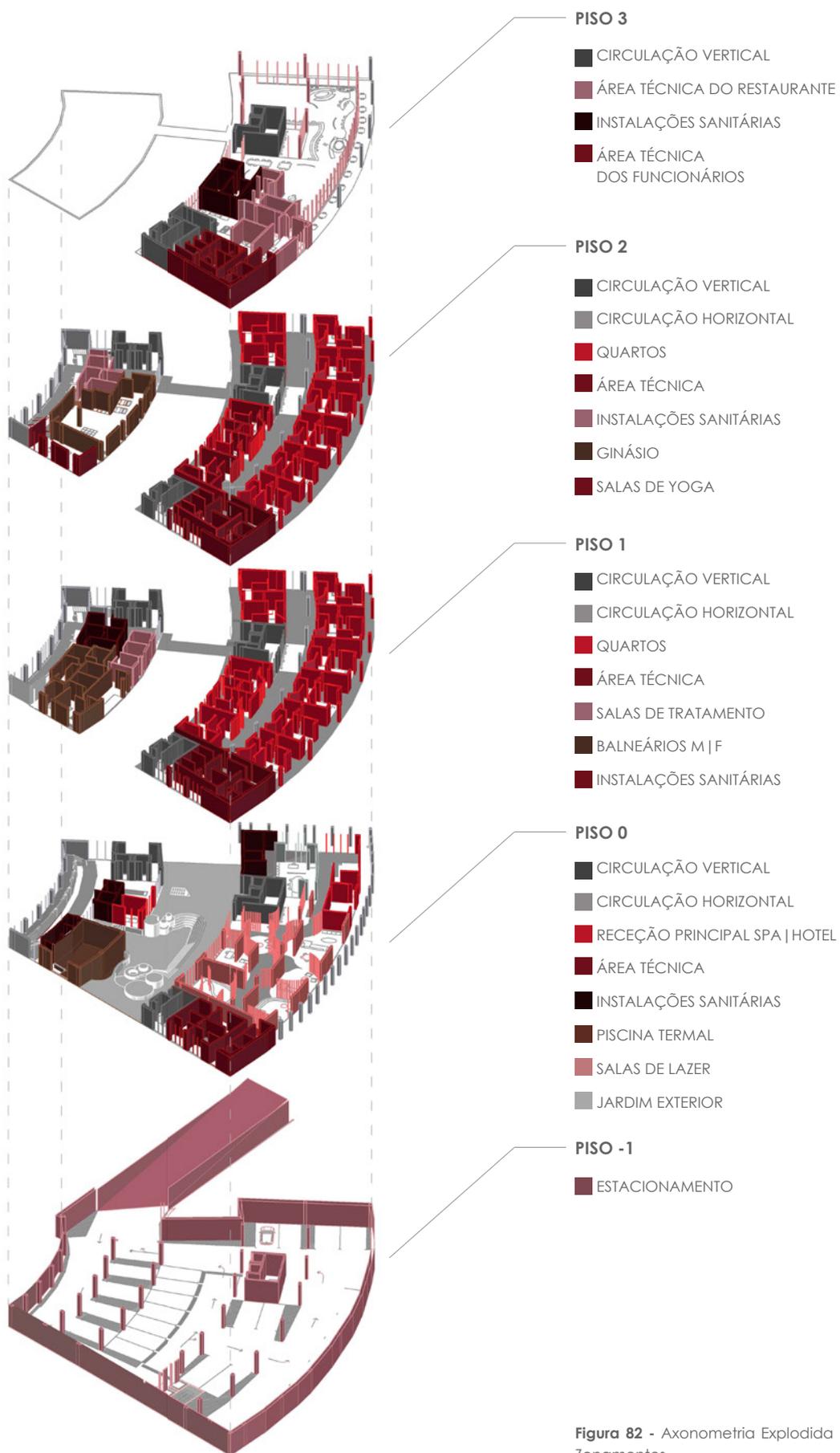


Figura 82 - Axonometria Explodida | Zonamentos

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Área de implantação: 344 m²

Número de pisos: 3

Uso: Spa, Ginásio, Gabinete médico, Piscina Termal, Zona de Lazer, Sala administrativa, Arrumos e Recepção.

BLOCO A



Figura 83 - Planta da Área de Intervenção | Bloco A

Fonte: Elaboração própria, 2019.

RECEÇÃO

No piso de entrada (piso 0) este volume dispõe de duas entradas, uma principal que direciona os utilizadores para a receção e para o núcleo de circulação vertical e uma entrada secundária, acedida por uma escadaria, que provém do jardim central entre os dois volumes.

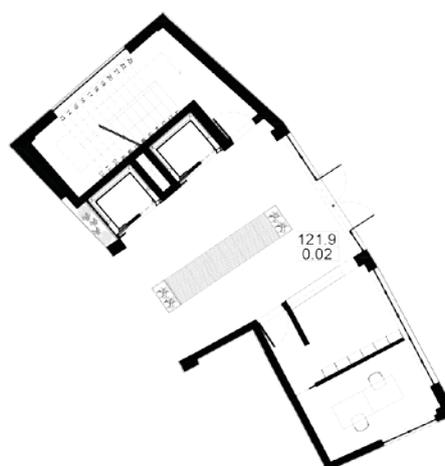
Optou-se por definir a circulação vertical na extremidade mais à direita da entrada principal e as instalações sanitárias do lado esquerdo, para uma melhor organização espacial. Do lado esquerdo da entrada encontra-se a receção, com uma sala de administração posterior, e uma zona de lazer que integram canteiros verdes.



Figura 84 - Planta Piso 2 | Localização do Ginásio e das Salas de Yoga
Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 85 - Planta Piso 0 | Recepção | Bloco A

Fonte: Elaboração própria, 2019.



PISCINA TERMAL | JARDIM INTERIOR

Para a conceção de um espaço sereno e descontraído foi fundamental a implementação de um jardim interior que proporcionasse ao utilizador estas sensações. Este jardim abrange uma zona de lazer onde o utilizador tem a possibilidade de usufruir livremente. A implementação deste jardim tem como intenção a colocação de plantas que têm um papel fundamental para o equilíbrio corporal e emocional do ser humano. Para que este equilíbrio se efetive neste espaço é necessário proceder à plantação de oito espécies, como o Dente de leão, taraxacum officinale, Calêndula, calendula officinalis, Gardênia, Gardenia jasminoides, Sândalo, Santalum álbum, Espinheira-santa, Monteverdia truncata, Sálvia, Salvia officinalis, Erva-cidreira, Melissa officinalis, e o Jasmin, Jasminum. Todas estas espécies produzem no corpo humano energias diferentes ligadas à coluna vertebral, ao abdómen, ao controlo de emoções e autocontrolo, à capacidade de expressão e comunicação, à intuição e aos sentidos e à sabedoria. Este espaço desempenha um papel fundamental neste edifício, dispõe de um espelho de água, evocando o Rio Lena, que é refletido em todo o espaço através da incidência da luz natural, entrada de luz zenital, que entra pela cobertura do edifício visto que é uma zona de duplo pé-direito (ver fig. 33).

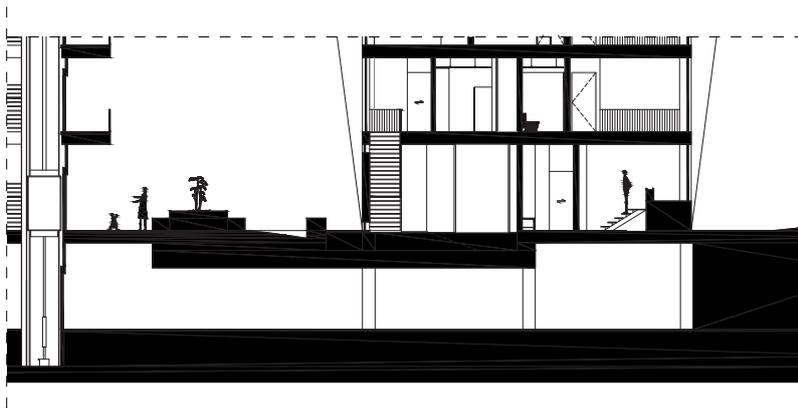


Figura 86 - Planta Piso 2 | Localização da Recepção do SPA

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 87 - Corte Transversal | Piscina Termal | Bloco A e Bloco B

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Paralelamente a este espelho de água projetou-se um percurso, distinguido pelo pavimento, que faz a distribuição para os vários espaços aqui presentes. No fim deste pavimento distinto encontra-se a entrada para a piscina termal, que se prolonga até ao jardim interior, com acesso direto para os balneários de mobilidade condicionada.

Na conceção deste reservatório de água termal foi essencial ter como premissa a criação de um espaço que experienciasse e transmitisse ambiências serenas e relaxantes, para tal foi fundamental a colocação, estratégica de vãos retangulares, de 0,35 m por 0,80 m, no limite superior e inferior da fachada principal, ver fig. 31. A localização destes vãos possibilita um desenho de entrada de luz controlada, como se fossem dois rasgos horizontais em cima e em baixo, promovendo as ambiências pretendidas através da combinação de luz e sombra.

Esta área reúne ainda uma ligação direta para os balneários, masculino e feminino, que se encontram no piso superior (piso 1). Esta ligação é feita por

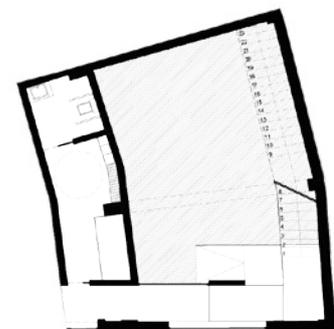


Figura 88 - Planta Piso 0 | Piscina Termal | Bloco A

Fonte: Elaboração própria, 2019.

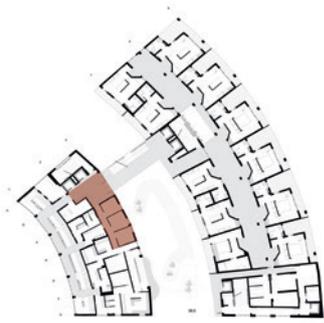


Figura 89 - Planta Piso 2 | Localização das Salas de Tratamento
Fonte: Elaboração própria, 2019.

uma escadaria projetada paralelamente à fachada interior, atravessando sobre a piscina, constituída por degraus, de madeira, empilhados que aparentam estar a flutuar.

SALAS DE TRATAMENTO

No piso 1, encontram-se os balneários, masculino e feminino, onde o acesso pode ser feito tanto pela entrada principal via circulação vertical como pela piscina termal. Os balneários são compostos por três áreas: a zona de instalações sanitárias, a zona de banhos e os vestiários, onde esta última área tem ligação para um corredor que levam o utilizador à piscina termal.

Todo este volume tem a particularidade de induzir o utilizador a percurso predefinido, isto é, na organização espacial optou-se por desenhar galerias interiores, com saguões entre as várias passagens, de modo, a permitir o acesso horizontal a todos os espaços de forma única. Aqui o visitante tem de percorrer as galerias, que se encontram sobre o jardim interior e que o conduzem aos espaços de forma individual, ou seja, na galeria principal existem três ramificações que levam o utilizador a três espaços diferentes. A primeira ramificação surge da circulação vertical e da zona de espera deste piso, a segunda derivação encaminha o visitante até às instalações sanitárias e por fim a última guia-o até aos balneários.

Este piso conta ainda com um gabinete médico, uma sala de arrumos e apoio, uma lavandaria e três salas de tratamento. Estas salas de terapia foram projetadas com o intuito de oferecer um espaço meditativo e de tranquilidade com a realização de tratamentos de pedras quentes, com acesso direto à piscina termal.



Figura 90 - Esquízo do estudo da distribuição dos espaços | SPA
Fonte: Elaboração própria, 2019.

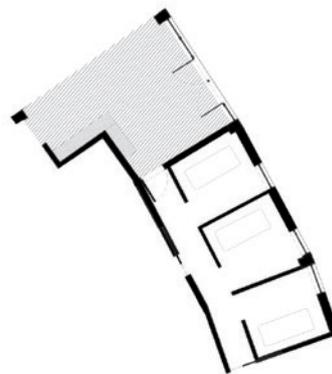


Figura 91 - Planta Piso 1 | Salas de Tratamento | Bloco A
Fonte: Elaboração própria, 2019.

SALAS DE YOGA | GINÁSIO

O último piso (piso 2) deste volume segue a mesma linguagem dos restantes pisos, mencionados anteriormente, oferecendo novas áreas ligadas ao desporto, à meditação e relaxamento. Nesta zona encontram-se para além das áreas técnicas, duas salas de yoga e um pequeno ginásio promovendo a prática desportiva mais ligada à libertação corporal através da mente.

Este piso dispõe da mesma circulação, vertical e horizontal, onde as ramificações da galeria levam o utilizador a espaços diferentes. O visitante ao entrar neste piso depara-se com uma pequena receção, com entrada



Figura 92 - Planta Piso 2 | Localização do Ginásio e das Salas de Yoga
Fonte: Elaboração própria, 2019.

direta para o ginásio, que o direciona para a galeria principal. A primeira ramificação, da galeria, dirige-se para as instalações sanitários e para o pequeno ginásio, a segunda leva-nos para as salas de yoga e para a sala de tratamentos.

O ginásio foi projetado com o intuito de trazer uma valência mais desportiva para dentro do edifício, sem nunca esquecer a ideia tranquila e serena que este espaço pretende transmitir ao utilizador. Para tal projetaram-se máquinas que estão ligadas à prática de pilates promovendo um desporto mais sereno e tranquilo, indo assim ao encontro dos objetivos deste espaço, oferecer ao visitante um leque completo de relaxamento e tranquilidade. Nesta sequência, criou-se um gabinete nutricional aliando tanto ao ginásio como a todos os tratamentos aqui apresentados.

Na conceção das salas de yoga foi fundamental ter como premissa a criação de um espaço amplo, tranquilo e aprazível. Nesta área a arrumação foi planeada de maneira a que visualmente não quebrasse esta ideia de ser um espaço amplo, tendo-se previsto a implementação de armários embutido nas paredes, deste modo a arrumação tornou-se ausente no espaço. Também se projetou um espaço exterior, o jardim central, para que esta prática, o yoga, também pudesse ser desenvolvida e exercida no exterior, usufruindo assim do ar livre e da área verde aqui idealizada.

Estas três áreas distintas que definem estes espaços têm em comum a ideia de ligação direta com o exterior, oferecendo luz natural direta para estes espaços promovendo ambiências ligadas à luz e sombra.

A projeção deste volume teve como base o princípio de criar espaços serenos promovendo o conforto e a tranquilidade para o utilizador sempre interligados com a natureza. A idealização de haver sempre uma ligação com o exterior por via da implementação da escadaria exterior com os patamares veio fortalecer esta ideia proporcionando a ligação direta entre os dois volumes.

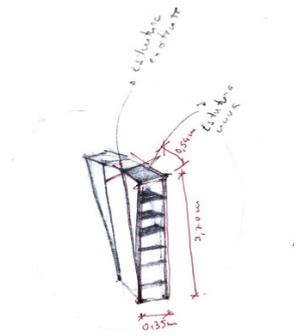


Figura 93 - Esquiço | Estudo da Estrutura | SPA

Fonte: Elaboração própria, 2019.

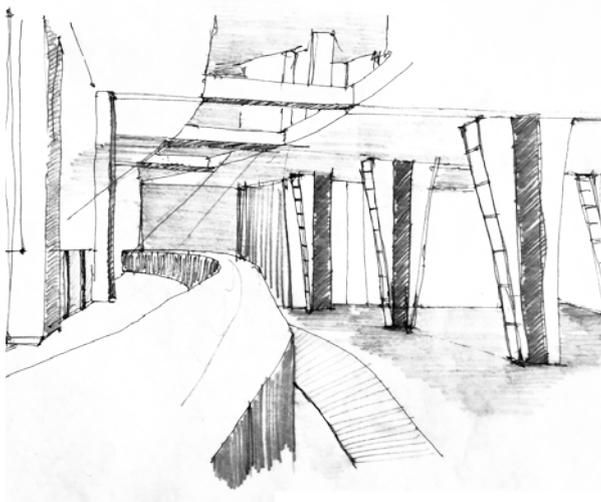


Figura 94 - Planta Piso 1 | Localização da Área Verde Interior | Volume A

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 95 - Perspetiva interior da Zona Verde | SPA

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Área de implantação: 916 m²

Número de pisos: 4

Uso: Quartos, Restaurante Panorâmico, Salas de Lazer, Recepção Principal, Gabinete Administrativo, Arquivo Geral e Arrumo Geral.

BLOCO B



Figura 96 - Planta da Área de Intervenção | Bloco B

Fonte: Elaboração própria, 2019.

RECEÇÃO

Este volume integra a parte do programa (os quartos e zona de restauração) mais relevante para a população, tendo em conta os dados obtidos a partir da auscultação de que foi alvo no âmbito desta pesquisa. Procurou-se primeiramente organizar o espaço por pisos, de forma a que a lógica organizativa fosse o mais funcional possível e que cada espaço tirasse o melhor partido disso. Este edifício conta com quatro pisos sendo que os pisos 1 e 2 são de carácter mais íntimo e os restantes são de carácter público.

Uma das prioridades logo de início, na criação do projeto, foi a projeção do estacionamento subterrâneo (pisso -1) e que visa apoiar todos os serviços propostos. Neste piso, piso -1, existem 25 lugares de estacionamento destinados aos utilizadores dos espaços aqui propostos, sendo que na revitalização do espaço urbano também foram projetados cerca de 60 lugares. O acesso deste piso para o piso 0 é feito através de um acesso vertical, com elevador e escadas de emergência, que dão ligação direta à recepção principal do equipamento hoteleiro.

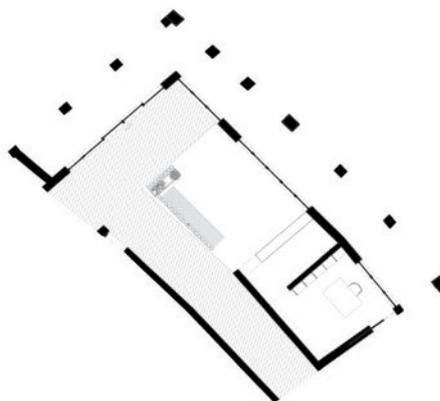


Figura 97 - Planta Piso 0 | Localização da Recepção | Volume B

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 98 - Planta Piso 0 | Recepção | Bloco B

Fonte: Elaboração própria, 2019.



Vindo da rua, a entrada principal é feita pela Avenida de São Pedro onde existem pequenas zonas verdes, de receção ao edifício, que delimitam o percurso pedonal até à chegada à unidade. Após este percurso pedonal o utilizador depara-se com a receção principal, no interior, do equipamento hoteleiro. A receção é composta por uma zona de espera integrada com um jardim interior; nesta área encontram-se dois corredores perpendiculares, sendo que um direciona o visitante para as instalações sanitários e o outro para as duas salas de lazer e convívio. Nesta última galeria encontra-se a entrada para o gabinete da administração com ligação direta a uma sala de reuniões onde a divisão dos espaços é feita por painéis amovíveis de forma a dinamizar o espaço consoante a sua necessidade. Por detrás da receção existe uma zona de arquivo que tem ligação direta a uma sala de compartimentação reservada ao armazenamento da bagagem dos hóspedes.

SALAS DE LAZER

Para a conceção destes espaços estruturaram-se algumas premissas fundamentais, tais como a criação de espaços amplos, aprazíveis e ao mesmo tempo funcionais de forma a ir ao encontro dos princípios de todas as áreas desta proposta. Consequentemente, estruturaram-se cerca de sete espaços em que a divisão é feita por ripados de madeira, o que nos dá a possibilidade de criar divisões espaciais, mas não divisões visuais, isto é, com a colocação destes ripados conseguimos dividir os espaços, tendo ligação visual direta entre eles. As áreas aqui projetadas pretendem oferecer ao utilizador diferentes ambiências e perspetivas mantendo o conforto em todas elas. As sete salas de lazer dispõem de áreas diferentes, sendo que podem ir de 7 m² a 37 m², possibilitando a diversidade de convívio, ou seja, existem espaços destinados à introspeção, à leitura e ao convívio social entre utilizadores deste equipamento.

Estas salas também têm a vertente de poderem ser utilizadas para eventos culturais pontuais de forma a dinamizar o espaço e a oferecer este espaço não só aos visitantes, mas também aos residentes da vila.

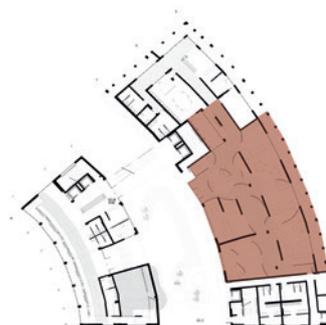


Figura 99 - Planta Piso 0 | Localização das Salas de Lazer | Volume B
Fonte: Elaboração própria, 2019.

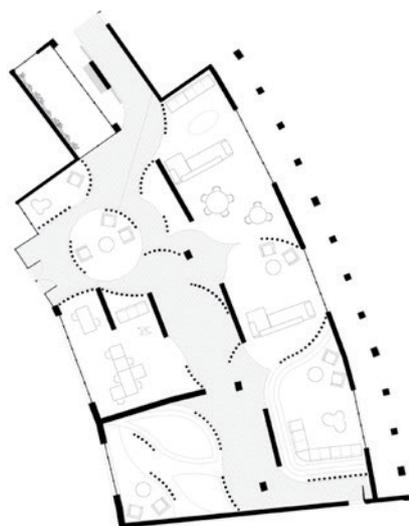
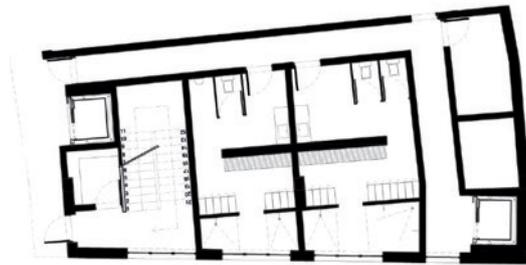


Figura 100 - Planta Piso 0 | Salas de Lazer | Bloco B
Fonte: Elaboração própria, 2019.



Figura 101 - Planta Piso 1 | Localização da Área Técnica | Volume B
Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 102 - Planta Piso 0 | Área Técnica | Bloco B
Fonte: Elaboração própria, 2019.



ÁREA TÉCNICA

Produzindo um espaço mais organizacional foi necessário definir toda a área técnica numa das extremidades do edifício, concretamente, toda a zona extrema à direita. Esta zona abrange áreas como os balneários, masculino e feminino, destinados aos funcionários, um armazém geral de apoio aos serviços, uma lavandaria, circulação vertical e uma galeria de serviço. Estas áreas existem em todos os pisos à exceção do último piso em que a área técnica se torna mais específica, tendo em conta as necessidades que o restaurante necessita para um eficaz funcionamento.

QUARTOS

Programaram-se quatro tipos de quartos, A, B, C e D. Com pequenas transformações espaciais de umas habitações para as outras pretendeu-se oferecer assim um espaço amplo, confortável e aprazível. Para tal a organização espacial foi pensada de forma a que a vivência espacial do utilizador se tornasse única. Todas os quartos têm a particularidade de a sua entrada ser um recuo enviesado paralelamente à galeria criando, assim, um espaço de transição entre o interior ou área privada, e o exterior, ou área pública.

Primeiramente definiu-se o quarto A, como um módulo, que nos levou à desconstrução espacial, originando os outros três quartos. Este primeiro, é um quarto de casal com possibilidade de colocar uma cama individual, dispõe de uma pequena entrada onde se projetou um armário embutido na parede, funcionando como uma espécie de receção a este espaço. Na entrada, ao seu lado esquerdo encontra-se a instalação sanitária e ao seu lado direito um pequeno corredor que tem duas valências, espaço de circulação e espaço de estar. Estas habitações têm como ponto central a cama, que está colocada junto de uma parede que faz a divisão entre o corredor e a zona de lazer propriamente dita. Nesta zona de corredor existe ainda uma zona de assento, que tem um vão com acesso à luz natural vinda da galeria, que favorece a zona do closet. Oferecendo um espaço retraído e ao mesmo tempo confortável, tendo sido projetada uma estrutura de madeira, que visualmente ajuda na distinção dos espaços, com 0,50 m de altura. Esta estrutura funciona como uma plataforma elevada possibilitando o sentar do utilizador, funcionando como um grande banco que incorpora a cama.



Figura 103 - Planta Piso 1 | Localização dos Quartos A
Fonte: Elaboração própria, 2019.

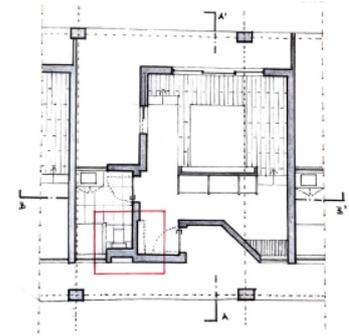
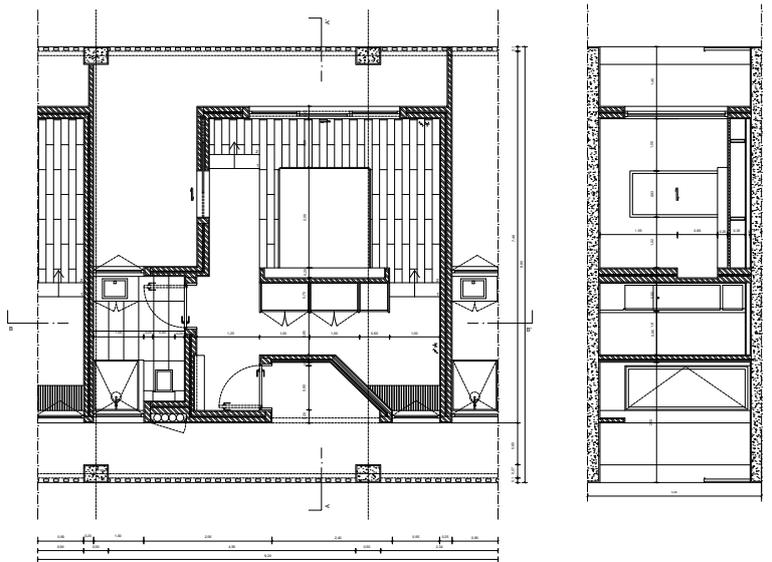


Figura 104 - Esquício do estudo dos quartos

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 105 - Planta e Corte Transversal do Quarto A | Bloco B

Fonte: Elaboração própria, 2019.

A ambiência que se pretendeu imprimir a este espaço é uma combinação entre o profundo e o suave, ou seja, com a materialidade elegida para o interior, transporta um valor simbólico forte, em conjugação com a paisagem que se observa pelos vãos desenhados neste espaço e que se configura como um quadro em frente à cama. Esta habitação tem ainda a particularidade de dispor de um pequeno espaço de lazer exterior, uma varanda com uma mesa de estar, com uma vista panorâmica sobre a Vila.

Seguindo a mesma organização espacial e a mesma linha concetual para as ambiências, projetou-se o quarto B, quatro duplo com duas camas individuais, que pretende oferecer aos dois utilizadores um espaço conjunto na sua totalidade, mas criando ao mesmo tempo dois espaços íntimos individuais. Para tal foi necessário criar um mobiliário central, com duas camas, em que uma cama está à esquerda e outra à direita dispondo de armários e de uma zona de trabalho para o usuário. Este quarto conta ainda também com uma pequena varanda oferecendo ao utilizador um espaço de relaxe e a entrada de luz direta para as zonas de trabalho.

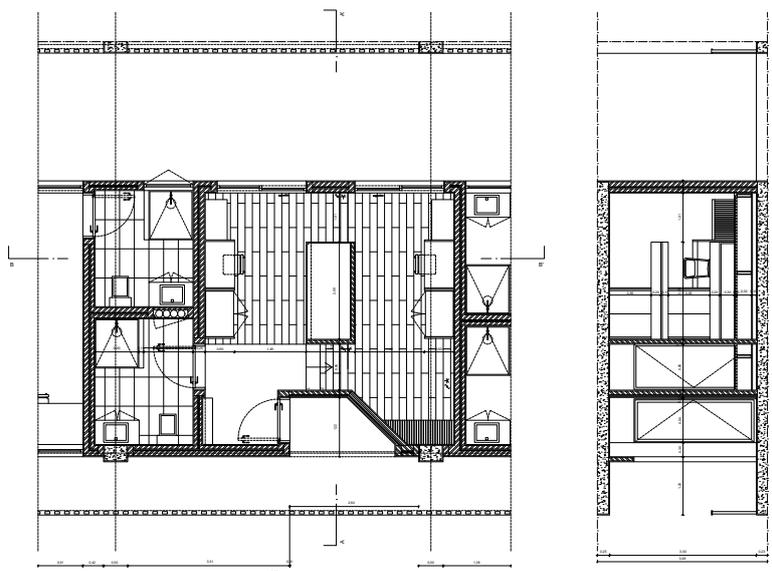


Figura 106 - Planta e Corte Transversal do Quarto B | Bloco B

Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 107 - Planta Piso 1 | Localização dos Quartos B

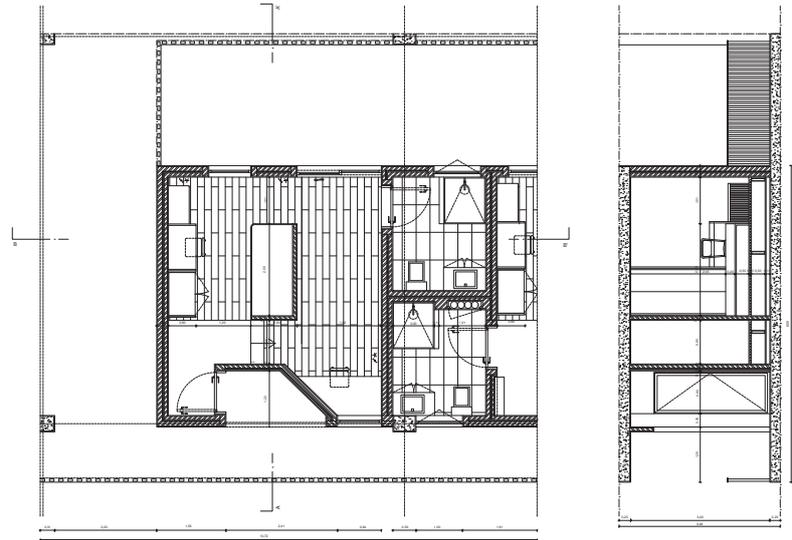
Fonte: Elaboração própria, 2019.

Seguidamente desenhou-se o quarto C, individual, com um carácter mais intimista por se destinar apenas a um indivíduo. Nesta residência o utilizador usufrui do espaço só para si. Para além de mais íntimo é um espaço que se direciona a utilizadores que necessitam de espaço de trabalho, com mesas de apoio, visto que nesta área se reservou uma zona para esse fim. Este quarto manteve a lógica da varanda onde existe entrada de luz direta para a zona de trabalho, possibilitando que o utilizador possa também usar a varanda como espaço de trabalho.



Figura 108 - Planta Piso 1 | Localização dos Quartos C
Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 109 - Planta e Corte Transversal do Quarto C | Bloco B
Fonte: Elaboração própria, 2019.



Por fim, mas não menos importante projetou-se o quarto D, destinado a pessoas com mobilidade condicionada, seguindo a mesma organização espacial, mas com transformações significativas para os utilizadores.

Nestes quartos, a estrutura de madeira inserida no centro do espaço deixou de fazer sentido visto que se tornaria uma barreira na mobilidade do utilizador.

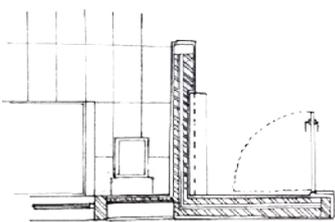
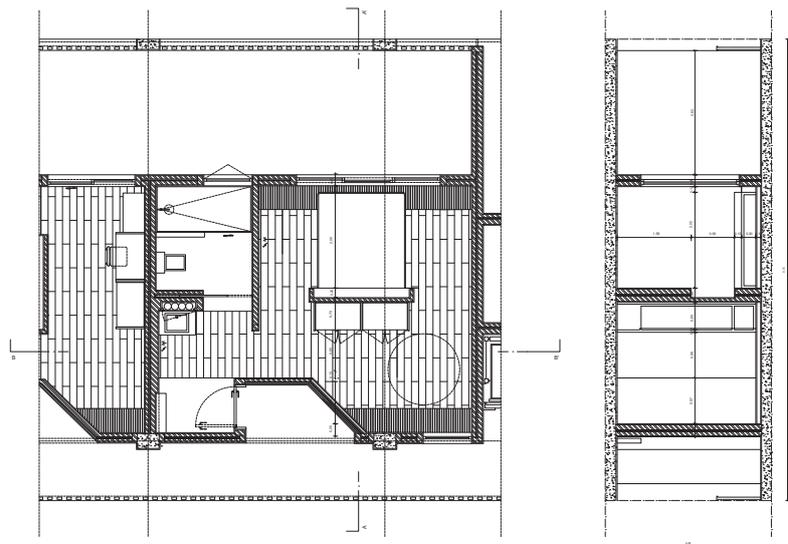


Figura 110 - Esquízo | Pormenor Construtivo | Quartos
Fonte: Elaboração própria, 2019.

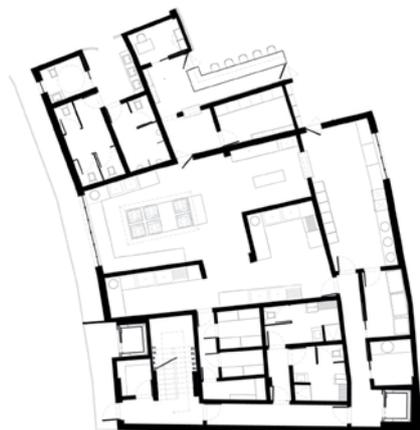
Figura 111 - Planta e Corte Transversal do Quarto D | Bloco B
Fonte: Elaboração própria, 2019.



Para uma melhor vivência e utilização do espaço neste quarto houve especial atenção na projeção das instalações sanitárias criando um espaço maior onde o utilizador usufruísse do espaço de forma independente. Tentou-se produzir neste espaço as ambiências dos outros quartos, retirando a estrutura de madeira elevada evitando assim as barreiras físicas, através das materialidades. Aqui só a zona da cama é que é colocada a 0,50 m de altura facilitando a transferência do seu corpo, na medida em que as cadeiras para a sua mobilidade possuem essa altura. Desenhou-se um banco também com esta altura que se encontra em frente aos vãos centrais do espaço oferecendo ao indivíduo a oportunidade de se poder mover e sentar de forma a contemplar a paisagem aqui presente. Neste quarto também se teve em consideração a necessidade de dimensões maiores para a varanda e para o seu acesso, podendo o utilizador aceder à mesma de maneira independente.

RESTAURANTE PANORÂMICO

Na programação do restaurante foi fundamental estruturar as áreas servidas das servidas oferecendo assim um espaço o mais funcional possível. Desta forma, colocaram-se todas as áreas servidas deste espaço, na extremidade mais à direita do edifício, sendo esta a zona em que a paisagem é menos interessante. Esta área dispõe de um núcleo de acessos verticais, com elevador e escadas de emergência, destinada apenas para os funcionários, considerando ser um núcleo apenas de serviço. O acesso às restantes áreas é feito através de um corredor técnico, que nos liga diretamente a um segundo elevador técnico, de apoio ao serviço da restauração, a uma entrada que nos leva aos dois balneários existentes, masculino e feminino, reservados aos funcionários do restaurante e à cozinha industrial.



O espaço destinado à cozinha industrial foi estruturado tendo como quadro de fundo as regras necessárias para o seu funcionamento, no qual o espaço da copa limpa e da copa suja não se poderiam cruzar diretamente uma com a outra. Desta forma, através de um segundo corredor técnico, perpendicular ao primeiro, conseguiu-se fazer essa separação através de duas entradas diferentes, uma para a cozinha e copa limpa, e outra para a zona dos lixos, a copa suja.



Figura 112 - Planta Piso 1 | Localização dos Quartos D
Fonte: Elaboração própria, 2019.

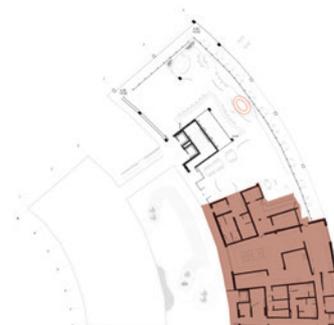


Figura 113 - Planta Piso 3 | Localização da Área Técnica do Restaurante
Fonte: Elaboração própria, 2019.

Figura 114 - Planta Piso 3 | Área Técnica | Restaurante Panorâmico
Fonte: Elaboração própria, 2019.

A área de copa suja abrange todo o tipo de equipamento necessário para a limpeza de loiças e locais específicos para colocar os resíduos, que posteriormente quando cheios, serão transferidos para a área de caixotes de lixo. Dispõe ainda de um passa-pratos projetado estrategicamente numa área que liga à zona de empratamento, dando a possibilidade de passar toda a loiça limpa para a copa limpa.

A área de copa limpa engloba quatro etapas deste processo, sendo elas a zona de conservação, preparação, confeção e empratamento. Para a zona de conservação projetou-se um pequeno arrumo para os produtos secos e para os frescos criaram-se três camaras de congelação, com uma antecâmara. Na zona de preparação criaram-se três bancadas diferentes, em que uma se destina à preparação do peixe, outra da carne e por fim uma para os legumes. Após a preparação segue-se a etapa de confeção, onde existem bancadas de apoio e uma bancada central para a confeção com sistema de ventilação. Por fim, mas não menos importante, a zona de empratamento, dispõe de armários com a loiça limpa, uma bancada central para emprarar, um passa-pratos ligado à zona de copa suja e ligação direta à sala de restauração.

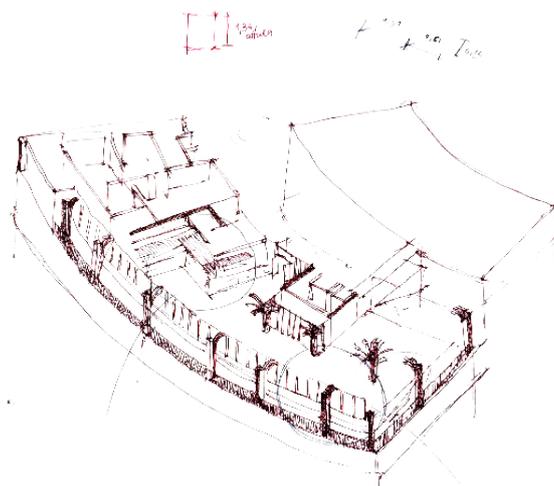


Figura 115 - Esqueto do Interior do Restaurante Panorâmico | Piso 3
Fonte: Elaboração própria, 2018

A sala de restauração dispõe de 300 m² que oferece ao utilizador vários espaços de refeição, em que uma das áreas é exclusiva para pequenos-almoços. Neste espaço tentou-se projetar ambiências agradáveis e confortáveis para o usufruto do utilizador aliando-se à vista panorâmica que é aqui evidenciada. Este restaurante tem uma capacidade para cerca de 80 pessoas, este número poderá ser adaptado, se necessário, na eventualidade de eventos pontuais e especiais. É um espaço amplo contemplado por um saguão, colocado estrategicamente atrás de um bar de serviço central, por onde existe entrada de luz natural direta para uma grande parte da sala. Para além deste espaço oferecer uma vasta área de restauração, apresenta um espaço lounge, como forma de transição para o espaço exterior, onde foi colocado mobiliário de lazer com uma lareira, destinado mais ao convívio. Na transição do interior para o exterior, mais especificamente na extremidade esquerda do edifício, foram desenhadas duas rampas, com um desnível de 0,70 m, que levam o utilizador à galeria panorâmica exterior onde se poderá usufruir do serviço de restauração ou apenas pode ser usada como zona de convívio aliada ao bar proposto no interior do edifício. A idealização deste

desnível para esta zona foi estrategicamente projetada para que o utilizador no exterior não tenha contato visual direto com o utilizador que se encontra no interior do restaurante, desta maneira conseguimos oferecer a cada utilizador uma experiência mais intimista nesta área.

Uma vez que nos encontramos na zona mais elevada do bloco B (piso 3) e que o bloco A só dispõe de 2 pisos, conseguimos aliar a cobertura do bloco A à área de restauração e bar, oferecendo também a este espaço a eventualidade de eventos futuros na sua cobertura onde o acesso é feito pela escadaria central que une os dois blocos.



Figura 116 - Axonometria Explodida | Diagrama de Circulação
Fonte: Elaboração própria, 2019.

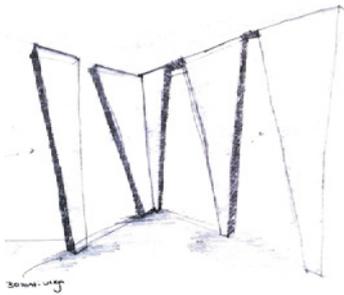


Figura 117 - Esquízo | Estudo da Fachada no Piso 0

Fonte: Elaboração própria, 2019.

MATERIALIDADES

As materialidades aplicadas no equipamento hoteleiro e spa foram selecionadas considerando as matérias, as cores, as texturas existentes no setor produtivo e cultural do concelho, de modo a preservar o significado deste lugar.

Na linguagem exterior, o edifício pretende ter um carácter mais pesado, corporizando esta ideia em todas as fachadas, seguindo a linguagem das fachadas da envolvente. Na fachada proposta, de forma a destacar o edifício de intervenção, projetou-se um sistema de painéis amovíveis, de madeira contrastando com a restante estrutura, inseridos na zona de varandas dos quartos que vão sendo movidos consoante o indivíduo que estiver a usufruir do espaço. Na sequência disto, este edifício apresenta uma fachada que podemos considerar não fixa, visto que se vai alterando ao longo do dia, oferecendo aos espaços entradas de luz diferentes à mesma hora.

Procurou-se dar continuidade à materialidade pré-existente, consequentemente o bloco B apresenta um sistema construtivo composto por betão, já o bloco A é o tijolo que é usado como sistema construtivo.

Relativamente ao interior, em contraste, pretende-se que este detenha uma linguagem mais ténue e convidativa em relação ao exterior do equipamento hoteleiro que opera em torno de uma proteção.

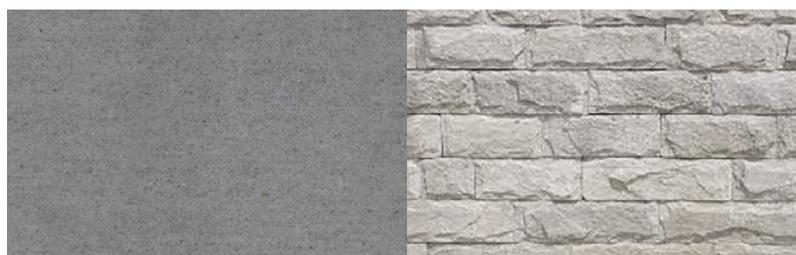
As dimensões espaciais, na integra, foram exploradas de forma a que as diferentes trajetórias e os espaços da intervenção fossem variados, demarcados através do traçado de pavimentos, de variedades dos pés-direitos e da aplicação de materialidades diferentes modificando, assim, o carácter dos espaços.

Figura 118 - Pedra Calcária

Fonte: <https://pt.depositphotos.com/46129031/stock-photo-wall-lined-with-limestone-slabs.html>.

Figura 119 - Betão

Fonte: https://br.freepik.com/fotos-premium/textura-de-chao-em-betao-horizantal_1284385.htm.



No que diz respeito às materialidades para esta reabilitação, pretendeu-se optar por escolhas de materiais de origem natural, evidenciando a sua natureza e a forma como esta opera sob o corpo humano através de estímulos que produzem. A preferência na escolha pela madeira, de vários tons e texturas, pretende mostrar o seu tecido natural imprimindo aos vários espaços ambientes tranquilos e acolhedores.



Como já foi mencionado anteriormente, as ambiências que se pretendem oferecer ao utilizador destes espaços são ambiências que estimulem os sentidos e que proporcionem experiências sensoriais ricas através das materialidades e da implementação de espécies naturais. Tanto no Spa, na zona dos quartos, como nas áreas mais públicas deste edifício introduziram-se diferentes tipos de madeira, aliados aos jardins interiores, o betão, a pedra calcária e o carvão em pedra, materiais locais, intercalando-os e apresentando uma variedade de texturas, sensações de profundidade, efeitos de luz-sombra e de transições cromáticas.

Figura 120 - Textura de Pavimentos em Madeira

Fonte: <https://www.sketchuptextureclub.com/textures/architecture/wood-floors/parquet-dark>.



Figura 121 - Carvão em Pedra

Fonte: <https://pt.depositphotos.com/4129444/stock-photo-coal-stone.html>.

Figura 122 - Revestimento de uma parede em Carvão

Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1098865325-papel-de-parede-pedras-3d-pedras-estilo-carvo-10-metros_JM.



05. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 123 - Ilustração de Porto de Mós
Fonte: Elaboração própria, 2019.

05. CONSIDERAÇÕES FINAIS |

O presente Projeto Final de Mestrado intitulado “Arquitetura Sensorial e Memória: Equipamento Hoteleiro e Spa em Porto de Mós, Vila Forte” procurou dar resposta a uma série de inquietações que surgiram no início da investigação sobre Porto de Mós.

Esta investigação foi estruturada em capítulos e subcapítulos, desempenhando um papel fundamental, auxiliando a proposta urbana e arquitetónica que procurou potencializar as oportunidades e singularidades deste território. A informação, na sua íntegra, disponibilizada pela Câmara Municipal de Porto de Mós e a investigação que empreendemos, cruzando diferentes fontes de informação, possibilitaram-nos atingir resultados cruciais para o desenvolvimento deste Trabalho. Final de Mestrado. Projetou-se, assim, uma intervenção que criasse e impulsionasse novas dinâmicas sociais, culturais e económicas visando à melhoria da qualidade de vida deste lugar, e seguramente incentivar o turismo.

A evolução deste estudo sobre o lugar foi possível através de conceitos que são centrais nos campos disciplinares do urbanismo, a arquitetura, a sociologia e outras ciências sociais, designadamente em torno de conceitos como reabilitação, requalificação, revitalização, lugar, identidade cultural memória individual e coletiva, os sentidos e a experiência espacial do ser humano. Procurou-se integrar nesta proposta de intervenção as características e potencialidades do lugar, as tradições, a memória face ao lugar, assim como, os valores sociais e históricos.

Relembre-se as principais interrogações que nos motivaram para este percurso investigativo e projetual; de que modo é que a implementação de um equipamento poderá reforçar a identidade local e contribuir para dinamizar a Vila de Porto de Mós? Qual o programa mais pertinente para um equipamento no contexto da Vila Forte, que consiga expressar a memória coletiva e a identidade local? Como criar um equipamento tendo em consideração o sistema sensorial, a memória coletiva e o mundo perceptivo do Homem?

Dando importância a todas estas questões, apresentou-se como um dos princípios a conceção de um edifício hoteleiro com spa e uma estrutura urbana verde, possibilitando a revitalização desta área, originando um espaço propiciador de novas vivências e dinâmicas sociais, económicas e experienciais, tanto para os residentes como para os visitantes.

O método de intervenção projetual organizou-se em torno de em quatro princípios orientadores: i) a reestruturação da área urbana, viária e pedonal, criando novas formas de vivenciar o espaço; ii) a criação de estacionamento, áreas verdes e hortas comunitárias dinamizando assim o terreno desocupado; iii) a projeção e desenvolvimento de uma estrutura verde urbana promovendo novos espaços urbanos com sombreamento; iv) a conceção e desenho de um equipamento hoteleiro e Spa, atendendo às carências do lugar, proporcionando uma experiência arquitetónica ao utilizador singular.

Ao longo desta investigação percebemos que há um vasto campo de possíveis em termos de referências arquitetónicas em torno das composições espaciais, das dimensões da luz, das materialidades como estímulo para a percepção do ser humano e da forma como a experiência espacial do homem altera consoante as conceções de cada arquiteto, as singularidades do lugar, as necessidades e expectativas da população e os significado e vivências que tenciona transmitir.

Este Trabalho Final de Mestrado revelou-se desafiante, na medida em procuramos responder cabalmente às nossas inquietações iniciais, tendo-nos possibilitado desenvolver novas capacidades na forma de projetar em que a investigação, a reflexão crítica e a observação participante representaram a base da metodologia de investigação que sustentou o processo de trabalho e o desenvolvimento da proposta projetual.

Concluimos, assim, com esta investigação que a arquitetura e a proposta que aqui apresentamos, tem capacidades de criar estímulos sensoriais ao ser humano, através da interligação da composição espacial e das materialidades aplicadas, de produção local que carregam memória, proporcionando uma melhor relação entre atores sociais e espaço, reativando a memória face ao lugar. Através da criação de espaços amplos, atrativos e consistentes pretendeu-se projetar um edifício e uma área urbana que fossem de encontro com a realidade desta vila, de forma a que esta intervenção fosse bem recebida pelos residentes e pelos utilizadores deste espaço, permitindo uma experiência arquitetónica, com sentido de pertença e oferecendo uma melhor qualidade de vida aos cidadãos residentes e visitantes deste lugar.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA |

LIVROS

AGUIAR, J. (2002), **Cor e cidade histórica – Estudos cromáticos e conservação do património**. Porto: FAUP Publicações.

AGUIAR, J.; CABRITA, A. R. & APPLETON, J. (1993), **Guião de Apoio à Reabilitação de Edifícios Habitacionais: Volume I**. Lisboa: LNEC.

AUGÉ, M., (2012), **Não Lugares**. Lisboa: Letra Livre.

BRANDÃO, P., (2008), **A identidade dos lugares e a sua representação colectiva. Base de Orientação, qualificação e gestão do espaço público**. Lisboa: DGOTDU.

CHOAY, F. (2000), **A Alegoria do Património**. Lisboa: Edições 70.

COELHO, Carlos Crespo Dias. (2003), **Passado Pré-Romano de Porto de Mós**. Edição Carlos Coelho.

COSTA, A. F. d., (2008), **Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural**. 2.ª edição, Oeiras: Celta editora.

FRAZÃO, Serra. (1983), **Porto de Mós. Breve Monografia**. Revista, Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós.

FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), **Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. II**. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós.

FURRIEL, Francisco Jorge. (1999), **Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. I**. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós.

FURRIEL, Francisco Jorge. (2003), **Da Pré-História à Actualidade, Breve Monografia de Porto de Mós. Vol. III**. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós.

GOMES, Saul António. (2005), **Porto de Mós / Colectânea Histórica e Documental, Séculos XII A XIX**. Edição Comemorativa dos 700 Anos da Concessão do Foral de 1305. Município de Porto de Mós.

HALL, E. T., (1986), **A Dimensão Oculta**. 1ª ed. Lisboa: Relógio d'Água Editores, Lda.

HALL, S., (2006), **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA Editora.

JACOBS, J., (2000), **Morte e vida de Grandes Cidades**. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda.

LOUÇÃO, Maria Dulce (2001), **Reflexões Sobre O Lugar E A sua Forma – Os sólidos que compõem o universo, segundo Johann Kepler**. Lisboa, Sebentas D' Arquitectura da Universidade Lusíada, p. 21-26

- LYNCH, Kevin. (1960), *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70
- MATIAS, João António. (2005). *Memória do Meu Jornal*. CINCUP, Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de Mós CRL. Gráfica da Batalha.
- NORBERG-SCHULZ, C., (1979), *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Milano: Electra Editrice.
- PAIVA, J.; AGUIAR, J.; PINHO, A. (2006), *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional. Volume I*. Lisboa: LNEC.
- PALLASMAA, J., (2011), *Os olhos da pele, a arquitectura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman.
- PEREIRA, Luz Valente (2012). *Reabilitação Urbana* - Volume I - Questões Gerais e Metodologia de Planeamento, p.67.
- RAMOS, Luciano Justo. (1971), *Castelo de Porto de Mós. Estudo Histórico*. Edição Monografias da Comissão Regional de Turismo de Leiria.
- SILVA, Herlander Eleutério da. (1992), *O Couto Mineiro do Lena – Histórias e memórias*. Edição CEPAE – Centro do Património da Estremadura.
- SILVA, Saul António Gomes C. da. (1985), *Porto de Mós Medieval – Breves Subsídios documentais para o seu conhecimento*. Edição Câmara Municipal de Porto de Mós.
- SILVANO, Filomena. (2001), *Antropologia do espaço: uma introdução*. 2ª Edição, Oeiras: Celta Editora.
- TÁVORA, F. (2008), *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP.
- ZEVI, Bruno. (2002), *Saber ver a arquitectura*. 5ª Edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- ZUMTHOR, P., (2006), *Atmosferas*. 1ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gil, SL.

ARTIGOS DE REVISTAS E JORNAIS

- ABREU, Maurício de Almeida. (1998), Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*. I série. Vol.XIV. Porto. pp.77-97. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>, acedido a 21 de abril de 2018;
- ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo (2007), Peter Zumthor, Conversa com José Adrião e Ricardo Carvalho, 22 outubro de 2007, *JA229*, Jornal Arquitectos, Publicação trimestral da Ordem dos Arquitectos, Portugal, nº229, p.42.
- COSTA, António Firmino da. (2002) Identidades culturais urbanas em época de Globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, núm. 48, *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Brasil, p. 26-27. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/107/10704803.pdf>, acedido a 5 de maio de 2019;
- MOURA, Dulce; Guerra, Isabel; Seixas, João; Freitas, Maria João. (2006), *A*

Revitalização Urbana: Contributos para a Definição de um Conceito Operativo.

Cidades- Comunidades e Territórios, n.º 12/13, p. 15-34. Disponível em https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3428/1/Cidades2006-12-13_Moura_al.pdf, acessado a 10 de maio de 2019;

NORA, Pierre. (1993), **Entre Memória e História: A problemática dos lugares.** São Paulo, p. 7-28, disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>, acessado a 28 de novembro de 2017;

PASQUOTTO, Geise Brizotti. (2010), **Renovação, Revitalização e Reabilitação: Reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas.** Instituto de Engenharia Arquitetura e Design - INSEAD. Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio CEUNSP- Salto-SP. p.143-149, disponível em <https://pt.scribd.com/document/52760407/Renovacao-Revitalizacao-e-Reabilitacao-reflexoes-sobre-as-terminologias-nas-intervencoes-urbanas>, acessado a 10 de maio de 2019;

PIRES, Amílcar de Gil e (2008), **Carácter da Arquitetura e do Lugar.** ArtITEXTOS06. julho, p.107-120, disponível em http://lafis.fa.utl.pt/ciaud/res/paper/ART_Amilcar-Pires.pdf, acessado a 30 de novembro de 2017;

POLLAK, Michael. (1992), **Memória e identidade Social. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro. vol. 5. nº 10. p. 200-212. Disponível em http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf, acessado a 10 de fevereiro de 2018;

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel (1993), **Halbwachs: Memória Colectiva e Experiência.** Psicologia USP, p.285-298. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>, acessado a 28 de novembro de 2017;

SILVA, Giustane Francisca da. (2013), **Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS.** São Paulo: Centauro, p.247-253.

SOBRAL, José. (1995), **Memória e identidades sociais - Dados de um estudo de caso num espaço rural.** Análise Social. vol. XXX. pp. 289-313. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223379819X4vL9gj3Be03OZ0.pdf>, acessado a 14 de abril de 2018;

TESES DE MESTRADO E DE DOUTORAMENTO

ABREU, Pedro Marques de. (2007), **Palácios da Memória II - A revelação da Arquitectura.** Dissertação de doutoramento em Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa.

CARTAS

LISBOA, Câmara Municipal de (1995), **Carta de reabilitação urbana integrada.** Lisboa: 1.º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana de Centros Históricos. Disponível em https://www.culturante.pt/fotos/editor2/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1%C2%BA_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf, acessado a 30 de setembro de 2018;

PÁGINAS WEB

BOSI, Felipe Azevedo. (2016), **Uma Estética da arquitetura corporificada** [página web], disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/16.178/6237>, acessado a 29 de novembro de 2017;

CAGE, John (1961), **Silence, Middletown, Connecticut: UPNE**. University Press of New England, disponível em http://dss-edit.com/prof-anon/sound/library/Cage_Silence.pdf, acessado a 15 de abril de 2018;

Câmara Municipal de Porto de Mós, disponível em: https://www.municipio-portodemos.pt/pages/1392?poi_id=422, consultado a 16 de outubro de 2018;

CEDRU (1990), **Centro de Estudos e Desenvolvimento Regional e Urbano**, VALIS – Valorização de Lisboa, disponível em : <https://cedru.com/o-que-fazemos/urbanismo/>, consultado a 20 de abril de 2019;

FARIA, de Ederson; Souza, Vera Lúcia Trevisan de, (2011). **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. Psicologia Escolar e Educacional**, Vol. 15 nº1. Maringá. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004, acessado a 16 de maio de 2019;

FERNANDES, Rafael Zilio. (2007), **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/viewFile/22072/12834>, acessado a 30 de novembro de 2017;

GOFF, Jacques le. (1990). **História e Memória**. Editora Unicamp. Disponível em <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>, acessado a 28 de novembro de 2017;

GUILHERME, Jorge Miguel. (2011), **Ecopercurso: Rota do Carvão na Serra dos Candeeiros. Mesozoico**. [página web], disponível em: <https://mesozoico.wordpress.com/2011/05/29/ecopercurso-rota-do-carvao-na-serra-dos-candeeiros/>, consultado a 16 de fevereiro de 2019.

INE (2009), Instituto Nacional de Estatística. **Recenseamento geral da população** [página web], disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE, acessado a fevereiro de 2018.

NETO, Renato D. T. (2014), **Memória coletiva e memória histórica na obra de Maurice Halbwachs** [página web], disponível em <https://rainhastragicas.com/2014/11/07/memoria-coletiva-e-memoria-historica-na-obra-de-maurice-halbwachs/>, disponível a 28 de novembro de 2017;

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. (2007), **O conceito de Lugar** [página web], disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225>, acessado a 30 de novembro de 2017;

SCHAFER, Murray (1992), **O ouvido Pensante**. Fundação Editora da UNESP (FEU), São Paulo - SP, disponível em https://monoskop.org/images/2/21/Schafer_R_Murray_O_ouvido_pensante.pdf, acessado a 14 de abril de 2018;